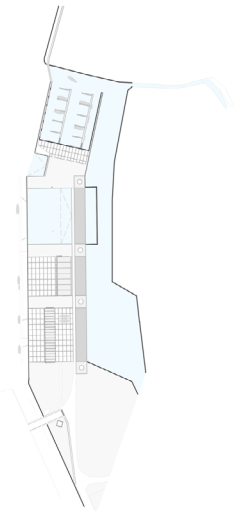
UMA PLATAFORMA NA PAISAGEM

RIA DE AVEIRO

MARGARIDA DE LIMA BELO



UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

UMA PLATAFORMA NA PAISAGEM - RIA DE AVEIRO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA DE LISBOA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITETURA

ANO 2014

ORIENTADORES: ARQ.ta INÊS LOBO

ARQ.to JOÃO VAZ

ARQ.to JOAQUIM MORENO

MESTRANDA: MARGARIDA MARIA DE LIMA BELO

TEXTO SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

|aos meus pais e ao Diogo |



1. RIA DE AVEIRO | Fotografia DUARTE BELO

RESUMO

A Ria de Aveiro é um recorte natural de exceção na paisagem portuguesa marcado pelos efeitos do recuo do mar. Trata-se de um território com carácter maioritariamente de produção de sal e extração de recursos naturais para a agricultura que se encontra em risco de perda de identidade devido à diminuição da produção salícola. Este espaço, na fundamental relação que estabelece com a cidade de Aveiro, Ria e com o mar, constitui-se assim como objeto de estudo nesta dissertação.

Num contexto com características de identidade paisagística diversas e particulares, já reveladas no projeto fotográfico do arquiteto Duarte Belo – Horizonte Portugal, procura-se inserir o centro de investigação da paisagem e do território português.

O projeto sobrepõe quatro temas: a paisagem natural neste caso a Ria; a paisagem artificial e de produção ou seja o território manipulado pelo homem – salinas, canais e cales; a memória das construções vernaculares associadas à produção salícola - os palheiros de sal e por fim a reabilitação e reativação de uma antiga plataforma - um aterro, conquistado ao território das marinhas de sal.

O projeto de intervenção compreende ainda a conexão dos vários territórios, por meio de um "olhar em movimento" um percurso que deste modo procede ao atravessamento de todas estas paisagens.

Os instrumentos da estratégia são o projeto expositivo, o observatório da paisagem - percurso, reabilitação de toda a área pertencente à plataforma inclusive as suas edificações existentes – antiga lota de Aveiro e reutilização das atividades náuticas como meio de reativação deste território.

RIA DE AVEIRO
OBSERVATÓRIO DA PAISAGEM
PLATAFORMA
HORIZONTE PORTUGAL
ÁGUA
REABILITAÇÃO
REATIVAÇÃO



2. RIA DE AVEIRO | Fotografia DUARTE BELO

ABSTRACT

The Aveiro estuary is a rare and natural carving in the Portuguese landscape that was shaped by the effects of the shrinking of the sea.

The Aveiro estuary, which is a region mostly dedicated to the production of salt and extraction of other natural resources for agriculture, is in risk of losing its identity due to the reduction of salt production. This territory, which establishes a strong relationship with the city of Aveiro, the estuary and the sea, is therefore the focal point of this dissertation.

It is in an area with diverse and particular identity landscape characteristics, already revealed by Duarte Belo's photographic project Horizonte Portugal, that is proposed for an investigation centre of the landscape and Portuguese territory.

The project's four themes overlap one another: the natural landscape – The Estuary -, the artificial landscape – salt marshes, channels –, a piece of land manipulated by man. Also, the memory of the vernacular buildings associated with the salt production – the salt haylofts. Finally, the theme of the reenactment and reactivation of an old platform – a flat area reclaimed from salt marshes.

The project comprises a connection between the various areas by means of a "moving glance" – a course which crosses all these landscapes.

The strategic tools are the following: the exhibition project, the landscape observatory – course, reenactment of all the surrounding area belonging to the platform along with the existing buildings – old Aveiro's fish market – and the reactivation of the nautical activities.

AVEIRO ESTUARY
LANDSCAPE OBSERVATORY
PLATFORM
HORIZONTE PORTUGAL
WATER
REHABILITATION
REACTIVATION

ÍNDICE GERAL

Resumo pt. | Abstract en. 007 - 009
Índice geral 011
Índice de imagens 012 - 019

TEMA DE TRABALHO - HORIZONTE PORTUGAL 022 - 025

INTRODUÇÃO 026 - 027

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO 028 - 029

1. O LUGAR | TERRRITÓRIO NATURAL DA RIA DE AVEIRO
- Formação | Enquadramento histórico 032 - 033
- Caracterização da Ria 034 - 049
  - Hidrografia 040 - 043
  - Topografia 044 - 047
  - Fauna e flora 048 - 049

2. O LUGAR | CIDADE DE AVEIRO
- Formação | Enquadramento histórico 052 - 057
- Arquitetura da cidade 058 - 059
- Cidade atual 060 - 063
  - Análise urbana 062 - 063

3. TERRITÓRIO DO SAL
- O caso de Aveiro 066 - 067
- Salinas na Ria 068 - 069
- Produção de sal em Portugal 070 - 073

4. CONEXÕES | OBSERVATÓRIO DA PAISAGEM
- Rede de percursos na Ria de Aveiro 076 - 077
- Percurso de conexão cidade - salinas 078 - 083
- Paisagem e o ato de caminhar 084 - 085
- Fotografia e paisagem 086 - 087

5. TRANSIÇÕES TERRITORIAIS
- Plataforma no território 090 - 093
- Enquadramento histórico 094 - 099
  - Antigo porto de pesca costeiro de Aveiro
- Olhar para o território ao abandono 100 - 101
- Evolução da forma 102 - 103
  - Água como gerador de espaços

6. PROGRAMA
- Descrição Programática 106 - 107

7. REABILITAÇÃO
- Património 110 - 113
- Construir no construído 114 - 117
- Reabilitar edifícios industriais 118 - 139
  - Antiga Lota de Aveiro 122 - 127
  - Edifício das redes 128 - 135

8. NOVA EDIFICAÇÃO
- Nova edificação 142 - 152
- Fotografias de maquetes 153 - 161

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 162 - 167

ÍNDICE DE IMAGENS


1

006
1. RIA DE AVEIRO | Fotografia DUARTE BELO, disponível em http://www.horizonteportugal.org/mapa.php


2

008
2. RIA DE AVEIRO | Fotografia DUARTE BELO, disponível em http://www.horizonteportugal.org/mapa.php


3

020
3. LINHA DO HORIZONTE VISTA DO FAROL DA BARRA DE AVEIRO | COSTA NOVA, AVEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


4

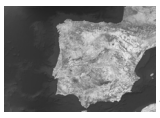
022
4. ELEMENTOS ESPACIAIS FOTOGRAFADOS, ORIGEM DO PROJETO HORIZONTE PORTUGAL | Fotografia DUARTE BELO estava disponível no antigo site do projeto Horizonte Portugal


5

023
5. A imagem percursora da fotografia. Considerada "a primeira fotografia permanente do mundo". Vista da janela de Niépce em Le Gras, França. | Fotografia JOSEPH NICÉPHORE NIÉPCE, disponível em http://photography.nationalgeographic.com/wallpaper/photography/photos/milestones-photography/niepce-first-photo/


6

024
6. LINHA DO HORIZONTE | ALGAR SECO, CARVOEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


7

027
7. Fotografia aérea da Península Ibérica, representativa metaforicamente do conceito de "HORIZONTE PORTUGAL", disponível na aplicação Mapas - Apple

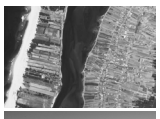

8


9


10

029
8. RIA FORMOSA, ALGARVE, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
9. RIA DE AVEIRO, BEIRA LITORAL, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
10. RIA DE ALVOR, ALGARVE, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

034
11. FOTOGRAFIA AÉREA ESQUEMÁTICA DA RIA DE AVEIRO, disponível na aplicação Mapas - Apple


12


13


14


15

038
12. FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE AS GAFANHAS | ÍLHAVO, AVEIRO, PORTUGAL, disponível na aplicação Mapas - Apple

041
13. Ria de Aveiro, Hidrografia - cais de palafita | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
14. Ria de Aveiro, Hidrografia - as salinas | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
15. Ria de Aveiro, a barra vista do farol da barra de Aveiro | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


16

16. Ria de Aveiro, Hidrografia - a Ria em Mira, Coimbra, Portugal | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

042|043 (não paginada)



RIA DE AVEIRO, CANAL JUNTO À ANTIGA LOTA, AVEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

046|047 (não paginada)

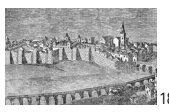


VISTA DA RIA DE AVEIRO TIRADA DO FAROL DA BARRA , AVEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

048

17. FAUNA E FLORA NA RIA DE AVEIRO - primeiras 23 fotografias encontram-se disponíveis no documento: *Pólis Litoral, Ria de Aveiro, Elaboração dos estudos da evolução e da dinâmica costeira e estuarina, de mobilidade e navegabilidade na laguna e de reforço de margens pela recuperação de diques e motas com vista à prevenção de riscos,* Estudo 3, relatório 12, tarefas 4. Outubro 2011. SENER. |em linha|consultado em Jan. 2014| Disponível em https://meocloud.pt/link/521affce-153d-42d4-8c30-eec798008815/Estudo3_Relat12.pdf.
As restantes 9 encontram-se disponíveis em VÍTOR VINGADA, José. |et al.| *Pólis Litoral, Ria de Aveiro, Requalificação e Valorização da Orla Costeira. Intervenção de Requalificação e Valorização da Ria de Aveiro, Plano Estratégico*. Ambieco. |em linha|consultado em Nov. 2013| Disponível em www.polisriadeaveiro.pt.

053


18

18. Gravura da Vila de Aveiro com incidência na muralha e aqueduto, disponível em http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim19/page014.htm

054


19

19. DIQUE DE CONCENTRAÇÃO DE CORRENTES, VISTA GERAL DA BARRA | 1935 | AVEIRO, PORTUGAL, escolha e edição de fotografias SÉRGIO DIAS disponível em AMORIM, Inês.(coord.) e GARCIA, João Carlos. *A Barra e os Portos da Ria de Aveiro 1808 - 1932* - Catálogo da exposição 3 de Abril a 3 de Maio de 2008. APA (Administração do Porto de Aveiro). Aveiro. Portugal. 2008. p 77.

055

20

20. BARRA DE AVEIRO E FAROL | AVEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

058

21. FOTOGRAFIAS ANTIGAS DE AVEIRO disponíveis em http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/c_da_silva/Acercadeste.htm e em VELA DE ALMEIDA, Diana Henriques. *Vila Nova de Aveiro, formas urbanas reguladas.* 2011. Trabalho síntese apresentado à Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitetura – como prova de capacidade científica.

060

22. FOTOGRAFIAS ATUAIS DE AVEIRO | 2008-2014 | todas as Fotografias MARGARIDA BELO

063


23

23. Canal de S.Roque - a permanência do arquétipo dos Palheiros de Sal, Aveiro | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


24


25


26


27


28


29


30


31


32


33


34


36


37


38


39


40

24. Recuperação tipológica dos palheiros/armazéns de sal, S.Roque, Aveiro | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
25. Recuperação tipológica dos palheiros em pormenor a fachada tardoz do Centro Comunitário de Vera Cruz (imagem em cima do mesmo projeto) | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

067

26. Postal que representa Aveiro e as suas Marinhas de Sal | *circa* 1950 | página do Facebook - Aveiro Desaparecido, disponível em https://www.facebook.com/1457990841102566/photos
27. Fotografia finais século XIX, Marinhas da Balacozinha, disponível em http://aveiro-espaco-tempo-memoria.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html

069

28. Salinas ativas em Aveiro - Marinha da Troncalhada | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
29. Salinas abandonadas junto à plataforma de projeto | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
30. Monte de sal na zona da Marinha da Troncalhada | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

070

31. FOTOGRAFIA DAS SALINAS DO SAMOUCO | ALCOCHETE, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

072

32. FOTOGRAFIA DE SALINAS | RIA FORMOSA, FARO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

077

33. Percurso Costa Nova - Mira | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
34. Percurso Costa Nova - Mira | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

078

35. FOTOGRAFIAS ATUAIS DO PERCURSO DE TRANSIÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO URBANO E O NATURAL | 2013 | todas as Fotografias MARGARIDA BELO

081

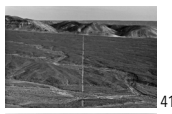
36. A PAISAGEM DA RIA SEGUNDO O PERCURSO PROPOSTO, vista aérea atual | AVEIRO, PORTUGAL, disponível na aplicação Mapas - Apple

083

37. Percurso pedonal em Algar seco - Carvoeiro, Algarve | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
38. Percurso pedonal em Algar seco - Carvoeiro, Algarve | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO
39. Outra perspetiva do mesmo percurso pedonal | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

084

40. PAISAGEM E O ATO DE CAMINHAR, SEJA NUM PERCURSO DEMARCADO (o caso) OU DEAMBULAR PELA PAISAGEM | RIA FORMOSA, ILHA DA CULATRA, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


41


42


43


44

085

41. Richard Long, Walking a line in Peru | 1972 | Fotografia RICHARD LONG em http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/lineperu.html

42. Richard Long, Dusty Boots Line, Deserto do Sahara | 1988 | Fotografia RICHARD LONG em http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculpupgrades/dusty.html

43. Richard Long, River Po Line, Itália | 2001 | Fotografia RICHARD LONG em http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculpupgrades/riverpo.html

44. Richard Long, Karoo Line, África do Sul | 2004 | Fotografia RICHARD LONG em http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/karoolin.html


45

086

45. FOTOGRAFIA DE PAISAGEM, PERSONIFICAÇÃO DO TEMA (Paisagem Trás-os-Montes, 1957) | 2014 | Fotografia antiga Avô, Fotografia atual MARGARIDA BELO


46


47

087

46. Duarte Belo, fotógrafo de paisagem do projeto Horizonte Portugal, imagem retirada do filme sobre o Horizonte Portugal disponível em http://vimeo.com/32867800

47. "Dessin d'Adrien Dauzats," Litografia de Thierry Frères | 1834 | Litografia THIERRY FRÈRES disponível em MANDENARD, Anne de. La mission héliographique, cinq photographes percourent la France en 1851. Monum, Éditions du patrimoine e Centre des monuments nationaux. 2002. |...p|. ISBN 2-85822-390-3.



48

48. Henri Le Secq, Album Photographique | 1851 | Fotografia HENRI LE SECQ disponível em MANDENARD, Anne de. La mission héliographique, cinq photographes percourent la France en 1851. Monum, Éditions du patrimoine e Centre des monuments nationaux. 2002. |...p|. ISBN 2-85822-390-3.


49

49. Gustave Le Gray et Mestral, "Façade sud, d'Azay-le-Rideau | 1851 | Fotografia LE GRAY e MESTRAL disponível em MANDENARD, Anne de. *La mission héliographique, cinq photographes percourent la France en 1851*. Monum, Éditions du patrimoine e Centre des monuments nationaux. 2002. |...p|. ISBN 2-85822-390-3.


50

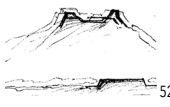
090

50. MONTE ALBAN - DOS PRIMEIROS EXEMPLOS DE CONSTRUÇÃO SOBRE UMA PLATAFORMA | MÉXICO | 2013, disponível em http://roundworldtravel.files.wordpress.com/2014/01/oxaca-1-1-13-019.jpg


51

091

51. Marrocos (viagem de Utzon em 1949). "He hiked through the Atlas Mountains drawing inspiration from the anonymous yet poetic hill villages still evident today" | Fotografia Roger Tyrrell, disponível em BOTIN, Lars; CARTER, Adrian; TYRRELL, Roger. *Dwelling, Landscape, place and making - Jørn Utzon Anthology*. Aalborg University Press, 1ª edição, Dinamarca. 2013. p 18/19.


52

52. Plataforma no Monte Alban, México | Plataforma em Yutacan, México - Esquiços feitos por Utzon, disponível em FROMONOT, Françoise. *Jørn Utzon, architetto della Sydney Opera House*. Trad. Rita Piazza. Electra, Milano. 1998.


53

092

53. ÓPERA DE SYDNEY, de JØRN UTZON, EXEMPLO DE CONSTRUÇÃO SOBRE UMA PLATAFORMA | SYDNEY, AUSTRÁLIA | 2003 | Fotografia MARGARIDA BELO


54


55

093

54. Ópera de Sydney, outra perspetiva da plataforma | 2003 | Fotografia MARGARIDA BELO

55. Ópera de Oslo construída sobre uma plataforma, Atelier snøhetta, disponível em http://snohetta.com/project/42-norwegian-national-opera-and-ballet


56

56. Teatro e auditório em Pointiers, uma outra visão de um projeto/plataforma, Arquiteto Carrilho da Graça | 2009 | Fotografia fg+sg - fotografia de arquitetura disponível em http://www.jlcg.pt/poitiers


57

094

57. FOTOGRAFIA AÉREA DA PLATAFORMA - INCIDÊNCIA NA LOTA E ARMAZÉM DE REDES | AVEIRO, PORTUGAL | início dos anos 60, disponível em http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/Boletim23/Imagens/page37.jpg


58

095

58. Plano de arranjo e expansão do Porto de Pesca Costeiro de Aveiro, Julho de 1956 (plano de expansão a vermelho, não executado), escala 1/2000 | Imagem cedida pela Administração do Porto de Aveiro S.A.



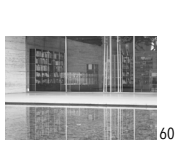
096|097 (não paginada)

VISTA AÉREA DA PLATAFORMA - PORTO DE PESCA COSTEIRA DE AVEIRO | 1990 | Fotografia disponível em PEREIRINHA PIRES, Jorge e COSTA Sara. *Docapesca 1961-2011*. Edição Docapesca - Portos e Lotas, SA, Lisboa, 2011. p 137.


59

100

59. "BARCELONA, NACIMIENTO DE LA DIAGONAL", (fotografia *in Terrain Vague*) | BARCELONA, ESPANHA | 1979 | Fotografia MANOLO LAGUILLO, disponível em http://www.macba.cat/es/expo-manolo-laguillo


60

103

60. Pavilhão de Barcelona, arquiteto Mies Van der Rohe, Barcelona | 2012 | Fotografia MARGARIDA BELO


61

61. PT Data Center, arquiteto Carrilho da Graça, Covilhã, 2013 | Fotografia disponível em https://meocloud.pt/link/a44f6ceb-83da-4afc-afc9-ed3694920228/Data%20Center%20PT%20Covilh%C3%A3


62

62. Las Arboledas, arquiteto Luis Barragán, cidade do México,1962 | Fotografia Barragan Foundation disponível em http://www.pritzkerprize.com/1980/works

107


63

63. Matadero Madrid - espaço público | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


64

64. Matadero Madrid - espaço público | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


65


66


67

65. SESC Pompeia, arquiteta Lina Bo Bardi, 1977-86, São Paulo, Brasil | Fotografia PEDRO KOK, disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-lina-bo-bardi/5285f581e8e44e8e720001b2

66. SESC Pompeia, arquiteta Lina Bo Bardi, espaço cultural e de lazer, São Paulo, Brasil | Fotografia PEDRO KOK, disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-lina-bo-bardi/52797c01e8e44ef004000080

110

67. PESSOA DESENHANDO NO ANFITEATRO DE ARLES (tradução), OBJETO QUE FAZ PARTE DA HISTÓRIA DO LUGAR E DA CIDADE | 1851 | Fotografia de EDUARD-DENIS BALDUS, disponível em Fotografie di architettura/Photographs of Architecture, 20 RASSEGNA. p 15.


68

112

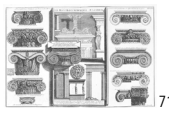
68. EDIFÍCIO DA ANTIGA LOTA AO ABANDONO - A QUESTÃO DA MEMÓRIA E DO LUGAR ALIADA AO PATRIMÓNIO E À SUA REABILITAÇÃO | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO


69

114

69. RUÍNAS DE POMPEIA, 1890 circa | Autor desconhecido, disponível em Fotografie di architettura/Photographs of Architecture, 20 RASSEGNA. p 27.


70


71

115

70. Pompeia | 1995 | Fotografia Pai

71. Vários capitéis romanos da ordem dórica comparados com exemplos gregos. Julien-David Le Roy´s "Les ruines des plus beaux monuments de la Grèce" | 1758 | Gravura GIOVANNI BATTISTA PIRANESI, disponível em http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/41.71.1.7.20


72

116

72. CRETTO DI BURRI, ALBERTO BURRI "arqueologia do futuro" (CONSTRUIR SOBRE O (DES)CONSTRUÍDO) | GIBELINA, SICILIA | 1982 | Fotografia em INDEX NEWSPAPER, disponível em página do Facebook https://www.facebook.com/IndexNewspaper/photos/pb.232393366829293.2207520000.1410877030./630337383701554/?type=3&theater


73


74

117

73. Cretto di Burri, Sicília, outra perspectiva | ? | Fotografia Carlo Columba em INDEX NEWSPAPER, disponível em página do Facebook www.facebook.com/IndexNewspaper/photos/pb.232393366829293.-2207520000.1419444963./541629142572379/?type=3&theater

74. Cretto di Burri, Sicília | ? | Fotografia disponível em página do Facebook INDEX NEWSPAPER (link em cima)


75

118

75. MATADERO, EXEMPLO DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS | MADRID, ESPANHA | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO moria.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html


76

119

76. Fotografia do interior da exposição "Edifícios e Vestígios", Guimarães, curadoria de Inês Moreira e Aneta Szylak | 2012 | Fotografia disponível em, http://www.buildingsremnants.com/concept-conceit/


78


79


80


81


83


84

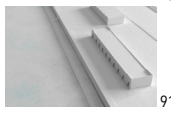

85


86


87


88


90


91


92


93

122

78. LOTA DE AVEIRO, ATUALMENTE | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

79. LOTA DE AVEIRO, ATUALMENTE | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

123

80. Antiga Lota de Aveiro | início dos anos 60 | Fotografia disponível em página do Facebook - Aveiro Desaparecido https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1700049497489&set=a.10200300379168533.1073741844.1125470008&type=1&theater

81. Inauguração da Lota de Aveiro | 1959 | Fotografia disponível em http://galafanha.blogspot.pt/

124

82. LOTA DE AVEIRO, ATUALMENTE | 2014 | Todas as fotografias MARGARIDA BELO

129

83. Canal de S.Roque em Aveiro - Palheiros de Sal | 1º quartel do séc. XX | Fotografia disponível em http://aveiro-espaco-tempo-memoria.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html

84. Perspetiva do lado da cidade, do Canal de S.Roque | início do séc. XX | Fotografia disponível em http://aveiro-espaco-tempo-memoria.blogspot.pt/2011_11_01_archive.html

85. Armazém de Sal ainda em funcionamento (Aveiro, canal de S.Roque) | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

86. Projeto cabanas no rio na Comporta inspirado nos palheiros, Arquitetos Aires Mateus | Fotografia NELSON GARRIDO | Fotografia disponível em http://www.archdaily.com/428310/cabanas-no-rio-aires-mateus/5231cdcbe8e44efe3a000093_cabanas-no-rio-aires-mateus_aires_mateus_cabanas_rio_190513_1072-jpg/

130

87. ARMAZÉM DAS REDES, ATUALMENTE (fachada Este) | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

88. ARMAZÉM DAS REDES, ATUALMENTE | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

132

89. ARMAZÉM DAS REDES, ATUALMENTE | 2014 | Todas as fotografias MARGARIDA BELO

139

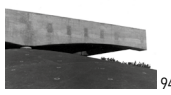
90. Fotografia de maquete com incidência nos edifícios a reabilitar | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

91. Fotografia de maquete com o edifício da Lota em primeiro plano | 2103 | Fotografia MARGARIDA BELO

143

92. Antigo Arsenal de Veneza, Veneza, Itália | 2008 | Fotografia SIMONE ROGORA, disponível em http://www.panoramio.com/photo/11191752

93. Pala do Pavilhão de Portugal, arquiteto Siza Vieira, Lisboa, Portugal, 1998 | Fotografia KRISTOF IMMESOETE, fotografia em INDEX NEWSPAPER, disponível em página do Facebook https://www.


94

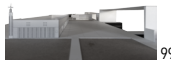

95



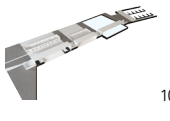

96


97


98


99


100


101

facebook.com/IndexNewspaper/photos/pb.232393366829293.-2207520000.1413066462./484167664985194/?type=3&theater

94. Pavilhão do Brasil - Osaka 70', arquiteto Paulo Mendes da Rocha, Osaka, Japão | Fotografia do arquivo de PAULO MENDES DA ROCHA, fotografia em INDEX NEWSPAPER disponível em página do Facebook https://www.facebook.com/IndexNewspaper/photos/pb.232393366829293.-2207520000.1413066302./677639672304658/?

95. MuBE (Museu de escultura), arquiteto Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, Brasil, 1986 | Fotografia NELSON KON, disponível em http://mube.art.br/o-museu/arquitetura/?pid=77type=3&theater

144|0145 (não paginada)

RIA DE AVEIRO, PORTO DE ABRIGO EXISTENTE JUNTO À PLATAFORMA ONDE SE SITUA A ANTIGA LOTA, AVEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

153

96. FOTOGRAFIA DE MAQUETE, escala 1/5000 | 2015 | Fotografia MARGARIDA BELO

154

97. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - IMPLANTAÇÃO, escala 1/5000 | 2015 | Fotografia MARGARIDA BELO

155

98. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - IMPLANTAÇÃO, escala 1/5000 | 2015 | Fotografia MARGARIDA BELO

157

99. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - PROJETO, escala 1/200 | 2015 | Fotografia MARGARIDA BELO

159

100. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - HORIZONTE PORTUGAL, escala 1/200 | 2015 | Fotografia MARGARIDA BELO

160|161

101. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - A PLATAFORMA, escala 1/200 | 2015 | Fotografia MARGARIDA BELO



3. LINHA DO HORIZONTE VISTA DO FAROL DA BARRA DE AVEIRO | COSTA NOVA, AVEIRO, PORTUGAL | 2013 | Fotografia MARGARIDA BELO

HORIZONTE

s.m. (Do lat. *horizon, -ontis*) 1 Linha circular que limita a observação visual e que parece unir o céu e a terra. (...) 3 Espaço visível da superfície terrestre ou que a vista alcança. (...) **horizonte do mar**, linha dos confins do oceano alcançada por um observador na costa, num barco, numa aeronave... (...) **horizonte físico**, plano que coincide, para um observador exterior à Terra, com o plano de contacto de um cone circunscrito ao globo terrestre e em cujo vértice está o observador. (...) **horizonte visual**, área ou extensão que o olhor do observador pode abarcar do ponto em que se encontra.[1]

PAISAGEM

s.f. (Do fr. p*aysage*) 1 extensão de terreno abarcada pelo campo da visão constituindo um quadro panorâmico. Similar com ASPECTO, PANORAMA, VISTA. 2 género pictórico ou literário que se caracteriza pela representação descritiva de cenários campestres ou naturais. (...)[2]

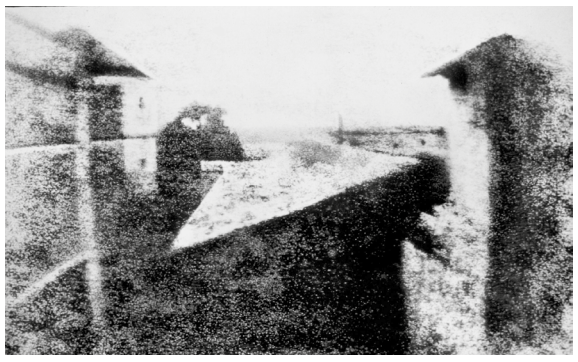
TERRITÓRIO

s.m. (Do lat. *territorium*) 1 extensão considerável de superfície terrestre, compreendida entre as fronteiras de um Estado, que alberga uma comunidade política. 2 espaço terrestre, marítimo ou aéreo sobre o qual um estado exerce a sua soberania (...) ordenamento do território. (...) 5 zool. zona ocupada por um animal que a defende da investida de outros. Similar com TERRENO. (...)[3]

[1 2 3] *in* Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Produção da Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. Volume II G-Z. Verbo. 2001. edição nº 2627



4. ELEMENTOS ESPACIAIS FOTOGRAFADOS, ORIGEM DO PROJETO HORIZONTE PORTUGAL | Fotografia DUARTE BELO



5. A imagem percursora da Fotografia. Considerada "a primeira fotografia permanente do mundo". Vista da janela de Niépce em Le Gras, França.

TEMA DE TRABALHO - HORIZONTE PORTUGAL

A representação da paisagem pela fotografia

DESCRIÇÃO PICTÓRICA

A representação é um ato de recodificar o original, de forma a conseguir reproduzi-lo. A questão da reprodução levanta sempre o problema da autenticidade.

Porém, com o aparecimento da fotografia a questão do "autêntico" parece não se aplicar, pois os vestígios do original mantêm-se estáticos. Para Walter Benjamin[1] a questão da autenticidade e o "ser único", muitas vezes dissolve-se no meio expressivo.

Para Jacques Guillerme[2], a fotografia – a figuração gráfica – parece possuir as características que assume serem as adequadas para representar uma cidade ou um ambiente urbano, sendo estas a questão da não simetria, da refletividade e da transitoriedade. O carácter transitivo parece adaptar-se aos fundamentos da cultura iconográfica do "figura de novo o já figurado" (tradução, Jacques Guillerme citado por George Teyssot, 2010)[3], característica da própria fotografia.

FOTOGRAFIA

s.f. (Do grego *phõs, photós,* luz e *graphein,* gravar | Do francês *photographie*) 1. processo técnico ou artístico de produção de imagens através da fixação da luz refletida pelos objetos numa superfície impregnada com um produto sensível às radiações luminosas. (...)[4]

De acordo com a própria história da fotografia, o tema da paisagem foi desde o início da sua prática um dos temas mais apreciados. A primeira fotografia é exemplo disso, pois retrata a paisagem industrial vista de uma janela em Le Gras, França.

Aquela que é considerada a primeira fotografia foi tirada em 1826 pelo francês Joseph Nicéphore Niépce[5], numa placa de estanho coberta por um derivado de petróleo fotossensível. Exigiu oito horas de exposição solar e o seu processo foi intitulado de "heliografia" – gravura com a luz do sol.

Em Portugal, a fotografia afirmou-se primeiramente no Porto com a chegada do escocês Frederick William Flower[6], em 1835 e que começa a fotografar o norte do país através da técnica dos calótipos[7].

[1] Walter Benjamin (1892-1940), ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo alemão.

[2] Jacques Guillerme (1927-1996), historiador francês, especialista em História das Ciências e da Técnica e História da Arte.

[3] Citação de Jacques Guillerme *in* TEYSSOT, Georges. *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*. Edições 70. Lisboa. Março de 2010. p 177.

[4] Definição de FOTOGRAFIA, em Dicionário da Língua Portuguesa com acordo ortográfico. Porto Editora. www.portoeditora.pt |em linha|.

[5] Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833), inventor francês, deve-se a ele a primeira heliografia.

[6] Frederick William Flower (1815-1889), cidadão escocês, fotógrafo amador, pioneiro da fotografia em Portugal.

[7] Técnica desenvolvida por William Henry Fox Talbot (1800-1870) para registo de imagens negativas.



6. LINHA DO HORIZONTE | ALGAR SECO, CARVOEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

FOTOGRAFIA E ARQUITETURA

A fotografia é um dos principais meios de transmissão das realidades urbanas. Através dos seus desenvolvimentos técnicos e estéticos passou a ser um dos meios mais utilizado para sensibilizar as pessoas para o tema da arquitetura.
É de tal forma verdade que hoje em dia a fotografia e a arquitetura são inseparáveis: todos os dias são colocadas na internet variadíssimas fotografias de arquitetura que promovem a divulgação dos projetos, independentemente da sua localização. A arquitetura passa a estar assim à distância de um clique. "Torna-se assim difícil fazer uma referência à história da arquitetura do século XX sem referir nomes de fotógrafos de arquitetura." (tradução, Solà-Morales, 1995)[8].
Uma imagem facilita a compreensão de um objeto. Logo, através do conjunto dessas imagens vemos a cidade, os lugares.

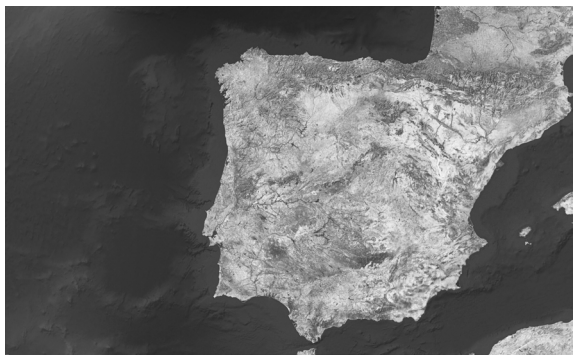
HORIZONTE PORTUGAL

"E se for possível representar Portugal? Representar aspetos significativos do seu espaço, da sua paisagem, das suas cidades, vilas e aldeias, do mundo rural, das diferentes arquiteturas ou das mais singulares obras de engenharia. Horizonte Portugal é uma aproximação a essa ideia, a essa possibilidade de lançar um novo olhar sobre o espaço português. Esta é a proposta de revelação e fixação da imagem de um país que esconde, em recônditos lugares, a sabedoria milenar de uma cultura que se edificou na luta persistente contra uma série de adversidades."[9]

As fotografias no arquivo do Horizonte Portugal representam lugares naturais – com intervenções humanas quase nulas ou com transformações qualificadoras da paisagem rural – e lugares urbanos – intervenções mais recentes no território ou representações de paisagens urbanas históricas.
Em relação à forma de apresentação da vasta compilação de imagens de Portugal, Duarte Belo o arquiteto e fotógrafo responsável pelo projeto, subdivide as fotografias em conjuntos coerentes entre si, para que estas não sejam meramente imagens soltas, mas que se leiam num conjunto narrativo significante e aberto a várias interpretações, e que sensibilizem o receptor para as questões do território, paisagem e cidade.

[8] Ignasi Solà-Morales (1942-2001), arquiteto catalão, historiador e filósofo, professor na Escuela Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, da Universidad Politécnica de Cataluña.
SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Territorios*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. 2002. (texto *Terrain Vague. 1995*. p 181)
[9] Descrição do projeto Horizonte Portugal, retirada do site da Biblioteca Nacional de Portugal, aquando da apresentação da sessão de apresentação: Horizonte Portugal, a descrição de um país, integrada nas Jornadas Europeias do Património 2013.


PARADELA
RIA DE AVEIRO
TRÓIA



7. Fotografia aérea da Península Ibérica, representativa metafóricamente do conceito de "HORIZONTE PORTUGAL"

INTRODUÇÃO

(...)
Hoje
Sei apenas gostar
de uma nesga de terra
debruada de mar.

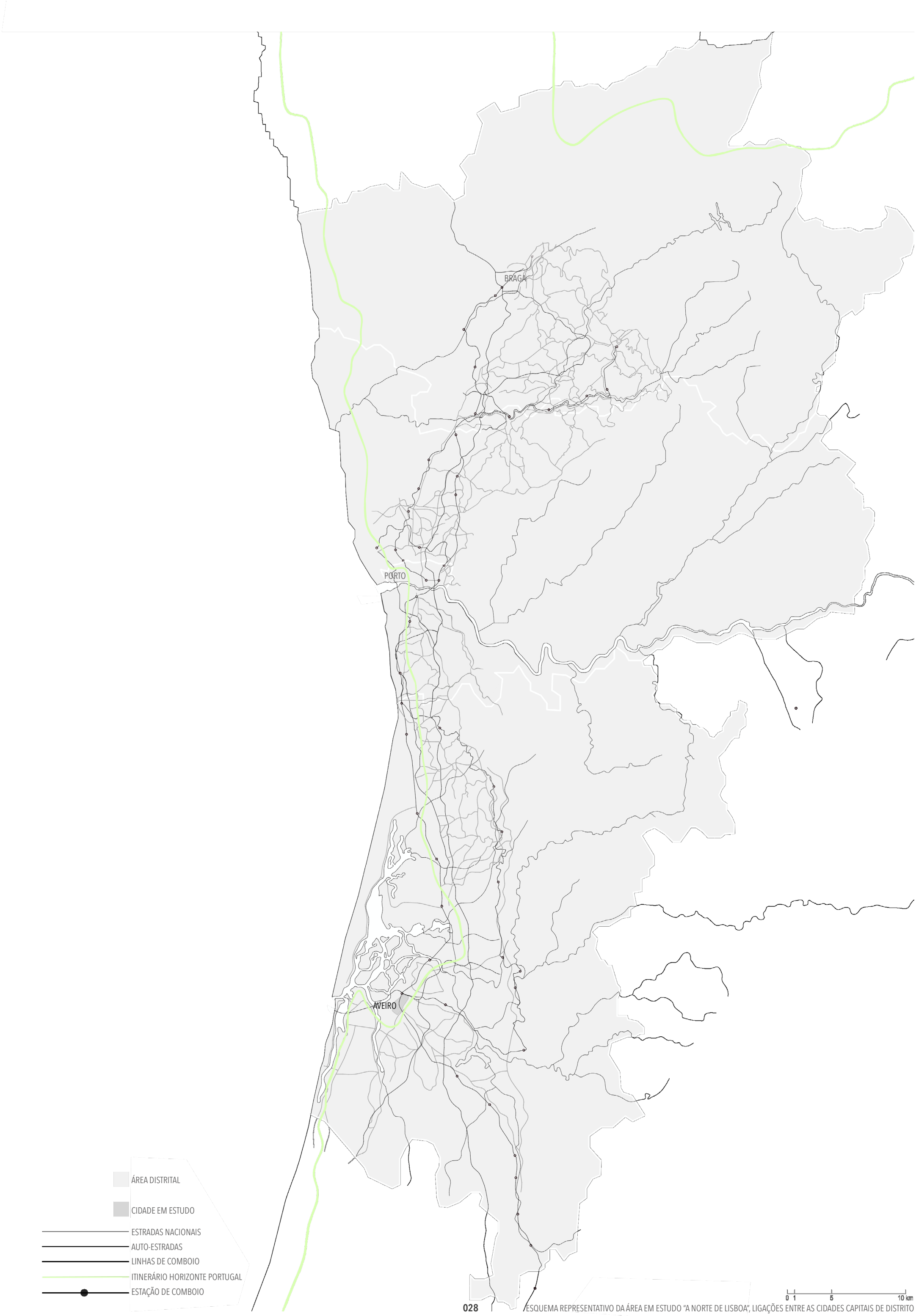
Miguel Torga
poema Pátria, *in Portugal*, Coimbra, 1967

O ponto de partida para este projeto foi Portugal. O ponto de chegada, ou seja, o território a evidenciar, teria de ser um local de exceção na paisagem portuguesa que conjugasse outros atrativos. A escolha recaiu assim sobre a Ria de Aveiro, por ser invulgar na paisagem em Portugal – existem apenas mais dois exemplos, embora com qualidades diferentes –, e constitui-se como o maior recorte na costa portuguesa. Para além das características naturais, a zona de Aveiro é uma zona com identidade, tradição, história e obras de arquitetura que se transformam num espólio e numa mais-valia para o país, razões pelas quais se deve também dar a conhecer tanto a cidadãos nacionais como a estrangeiros. Outras razões foram as boas acessibilidades às principais cidades do país, a centralidade no contexto geográfico e a crescente valorização do distrito de Aveiro tanto a nível nacional como internacional, com a crescente procura pela Universidade de Aveiro, que tem vindo a provar que é uma organização de excelência a vários níveis, distinguida principalmente pelo seu departamento de engenharia física.

Entre os vários temas de grande importância na procura de uma resposta arquitetónica para o projeto do centro de investigação da paisagem e da arquitetura – materializados num percurso e no centro de investigação para albergar o projeto fotográfico Horizonte Portugal do arquiteto Duarte Belo – destacam-se os seguintes temas: a paisagem natural; a paisagem transformada pelo homem (marinhas de sal); a arquitetura que surgiu da necessidade de armazenar o produto da atividade salícola, os palheiros de sal e a reabilitação de um aterro e seus equipamentos públicos atualmente ao abandono, zona esta conquistada às salinas, junto à cidade de Aveiro, a Norte.

Ainda relacionado com o tema dos percursos, o próprio projeto Horizonte Portugal encontra-se dividido em "Oito linhas, oito viagens, Um país, Portugal" (Duarte Belo, 2014)[10], que representam oito itinerários de identidade que evidenciam a diversidade de paisagens e arquiteturas no nosso país. Dos oito percursos existe um - Tróia | Paradela - que passa em Aveiro e junto à Ria (ver página 26).

[10] Citação de Duarte Belo *in* Catálogo da exposição Horizonte Portugal para o Centro Cultural de Belém em 2015. Itenerários, Horizonte Portugal - itenerários de identidade. obtido em aula do 5ºano (2013-2014), turma da Arq. Inês Lobo e do Arq. João Vaz. Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitetura. 2013.



ESQUEMA REPRESENTATIVO DA ÁREA EM ESTUDO "A NORTE DE LISBOA", LIGAÇÕES ENTRE AS CIDADES CAPITAIS DE DISTRITO



8. RIA FORMOSA, ALGARVE, PORTUGAL (1)



Esquema da área ocupada pela Ria Formosa (1)



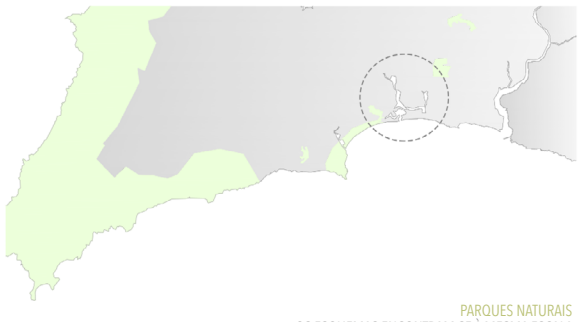
9. RIA DE AVEIRO, BEIRA LITORAL, PORTUGAL (2)



Esquema da área ocupada pela Ria de Aveiro (2)



10. RIA DE ALVOR, ALGARVE, PORTUGAL (3)



PARQUES NATURAIS
OS ESQUEMAS ENCONTRAM-SE À MESMA ESCALA

Esquema da área ocupada pela Ria de Alvor (3)

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

"Há vários milhares de anos caíram aqui as célebres janelas do palácio do Céu. Ficaram intactas as vidraças nos respectivos caixilhos porque as janelas caíram sobre a relva verdinha. Hoje são as salinas."

José de Almada Negreiros,
Aveiro primeiras impressões, Panorama, nº1, 1941[11]

A Ria de Aveiro (2) é o segundo maior sistema lagunar do território português, com cerca de 11.000 hectares, existem mais dois em Portugal: a Ria Formosa (1, com cerca de 18.400 hectares) e a Ria de Alvor (3, com cerca de 1.700 hectares). Trata-se de um lugar situado na bacia sedimentar de Aveiro que corresponde à atual zona onde desagua o Rio Vouga. Tomando a cidade de Aveiro como referência, a ria dista cerca de 80 km do Porto e aproximadamente 255 km de Lisboa.

A Ria de Aveiro situa-se quase na sua totalidade no distrito de Aveiro, entre os paralelos 40º 52′ e 40º 30′ N, e abrange os concelhos ribeirinhos de Ovar, Estarreja, Murtosa, Aveiro, Ílhavo, Vagos e ainda, Mira, embora este último pertença ao distrito de Coimbra. Os limites interiores da bacia confundem-se com os depósitos aluvionares das linhas de água mais importantes, Vouga e Antuã, que em muitos locais estão atualmente fixados por estruturas artificiais - as comportas - que inibem a propagação do efeito da maré para montante (Carrabau, 2005)[12]. Todas estas características fazem com que a área em estudo seja uma zona de grande importância ecológica. Esta constitui-se como um importante ecótono apresentando uma grande variedade de biótopos tais como águas livres, ilhas com vegetação, praias de vasa e lodos, sapais, salinas, matas ribeirinhas, campos agrícolas, dunas, entre outros. Apresenta por isso uma elevada diversidade biológica que no seu conjunto forma a paisagem natural da Ria de Aveiro.

Também na zona adjacente à ria surgiram centros urbanos que marcam a paisagem pela sua dimensão ou importância ou ainda pelas atividades que nela se desenvolvem. A cidade de Aveiro estabelece como tal uma forte relação com a Ria e os seus canais conferindo-lhe uma identidade muito própria.

[11] José de Almada Negreiros *in* DIAS, Diamantino. *Glossário - Designações relacionadas com as Marinhas de Sal da Ria de Aveiro*. Edição da Câmara Municipal de Aveiro. Aveiro, Portugal.1996. p 9.
[12] MORAIS CARRABAU, Mª EMÍLIA. *Síntese e Análise integrada dos Estudos efetuados sobre Recursos Naturais da Região da Ria de Aveiro. Aveiro*, 2005. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de Geociências - como prova de capacidade científica.



FASES DA TRANSFORMAÇÃO DA ZONA DA RIA DE AVEIRO | Reprodução do esquema de JORGE CARVALHO ARROTEIA (1998, p.25)

a Reconstituição do litoral junto à foz do Rio Vouga na época proto-histórica
b Representação da Ria de Aveiro em mapas antigos
c Configuração atual da Ria

FORMAÇÃO | ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A Ria de Aveiro é um acidente geográfico de formação recente, originado pela erosão marítima da costa de Espinho até ao Cabo Mondego que provocou a formação do cordão de areia que agora separa esta laguna do Oceano Atlântico (Borges da Silva, 2007)[13]. À semelhança das rias galegas ou dos fiordes da Noruega, como em outros casos que resultaram do abatimento de vales fluviais ou de glaciares, a Ria de Aveiro resultou de movimentos das placas tectónicas, de transgressões e regressões glaciares e interglaciares, do comportamento do Rio Douro, do Oceano, dos Rios Vouga, Cértima e Águeda, e de materiais deslocados da plataforma continental pelas águas marinhas que se depositaram na orla da praia.

O "cordão litoral" formou-se devido à ação das marés vivas, onde as correntes e as marés são mais fortes e provocam um maior nível de erosão e de transporte de sedimentos, e das marés diárias que também foram depositando matérias em menor quantidade.

O processo de constituição da zona das Gafanhas e da Ria, consequentemente, resultou da ação retroativa do oceano a par do assoreamento de algumas línguas arenosas. Os detritos sedimentares de outros rios e as influências de erosões marinhas e fluviais também ajudaram à sua formação. Outros rios juntaram-se ao Vouga e aumentaram a sua capacidade de assoreamento, dando origem à formação de toalhas de areia onde mais tarde surgiram seres vivos vegetais, aterros naturais onde se vieram a implantar pequenas localidades.

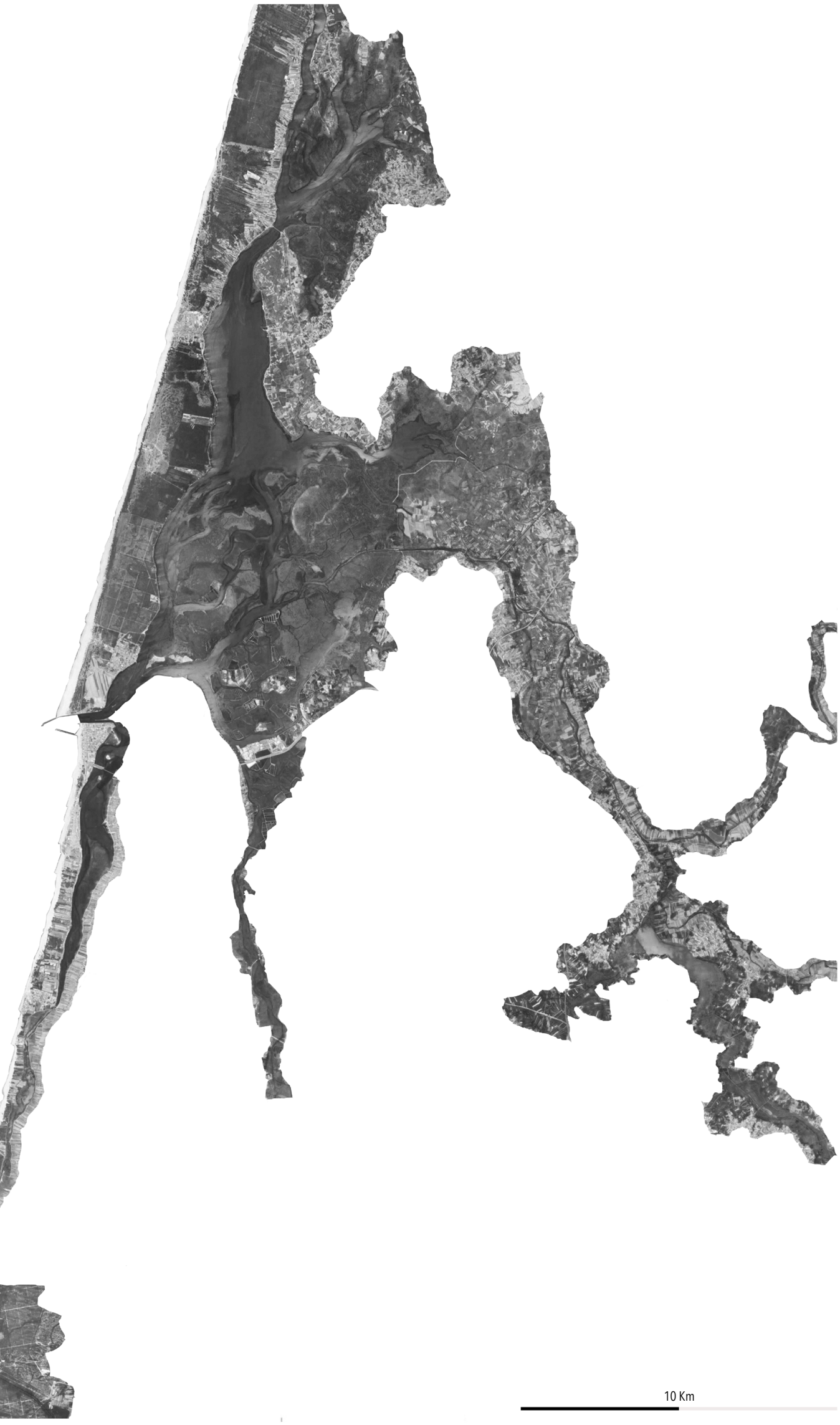
Uma componente importante das paisagens presentes nesta unidade é a ortogonalidade verificada ao longo das estradas, na zona localizada a sul de Aveiro e ao longo do canal de Mira - as gafanhas. Sucedem-se sete "gafanhas", isto é, construções contínuas onde surgem campos agrícolas estreitos e compridos, perpendiculares à costa ao longo de 20km.

Tal como vem documentado no registo cartográfico mais antigo onde está representada a área ocupada pela Ria, no Portulano de Petrus Visconti de 1313 (Peixoto e Moreira, 1998)[14], no século XIV a costa apresentava um recorte curvilíneo. Esta situação colocava algumas populações em contacto direto com o Oceano, como era o caso de Ovar, Estarreja, Salreu, Angeja, Cacia, Aveiro, Ílhavo, Vagos e Mira, assim como os cursos de água dos rios Vouga, Águeda e Antuã, segundo descrições do período Romano. Em 1575 já o cordão litoral atingia o paralelo das dunas da Gafanha.

A abertura artificial da barra passou a permitir uma maior estabilidade de volume de água (e amplitude de marés), que se propaga cada vez mais lentamente à medida que se entra mais para dentro da Ria, até chegar às marinhas de sal e às localidades com frentes lagunares, poupando-as assim a inundações.

[13] BORGES DA SILVA, MÓNICA SANDRA. O salgado de Aveiro: Importância conservacionista e perspectivas de uso futuro. Aveiro, 2007. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro . Departamento de Biologia - como prova de capacidade científica.

[14] PEIXOTO, E. e MOREIRA, S. *Salgado de Aveiro: atualização e Análise da sua situação.* Aveiro,1998. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de Ambiente e Ordenamento - como prova de capacidade científica. p11.


10 Km

CARACTERIZAÇÃO DA RIA

A Ria de Aveiro é um complexo sistema lagunar amplo, variado e único, onde, devido às suas características naturais, se permitiu a construção de salinas para produção de sal, tornando a salicultura na principal e numa das mais antigas atividades praticadas na região.

A Ria é constituída por uma densa rede de canais e cales, maioritariamente navegáveis, por onde circula a água salgada e a água doce, que compreende vários biótipos (sapais, lodos, ilhotas, grandes superfícies de água, juncais, caniçais, etc.). A Ria é condicionada por várias intervenções humanas tais como a fixação da Barra de Aveiro, a dragagem dos canais para possibilitar a navegação na Ria, a construção de diques, tanques de piscicultura (mais recentemente), e salinas, a colheita do moliço[15] e caniço[16], a pesca e apanha de bivalves e ainda a atividade agrícola.

"A salinidade na Ria é variável ao longo de toda a sua extensão, diminuindo à medida que a distância aumenta em relação à localização da barra (entrada de água salgada), sofrendo alterações com a mudança das estações e com a quantidade de precipitação ocorrida, que originam modificações no tipo de fauna e flora existente nas diversas zonas da Ria, assim como nas atividades que aí se estabeleceram posteriormente, nomeadamente a produção de sal.

A Ria está dividida em quatros canais principais: a Norte, o canal de Ovar, ao centro, a Ria da Murtosa, a Sul, o canal de Ílhavo e a sudoeste, o canal de Mira. Na parte central há um arquipélago formado por diversas ilhas – Monte Farinha, dos Ovos, do Amoroso, de Cavacos, da Gaivota, da Pedra, de Parracril, da Tranqueira, de Sama, do Poço e a maior de todas, a da Testada.

Entre estas ilhas existem outras menores, que formam um autêntico labirinto de canais, cales, valas e esteiros, albergando uma diversidade de habitats, conferindo à Ria uma inegável importância ecológica" (Borges da Silva, 2005)[17].

A profundidade média é aproximadamente de 1m e as profundidades mais elevadas existentes nos canais de navegação e nas zonas portuárias (que são áreas dragadas) podem atingir os 8m.

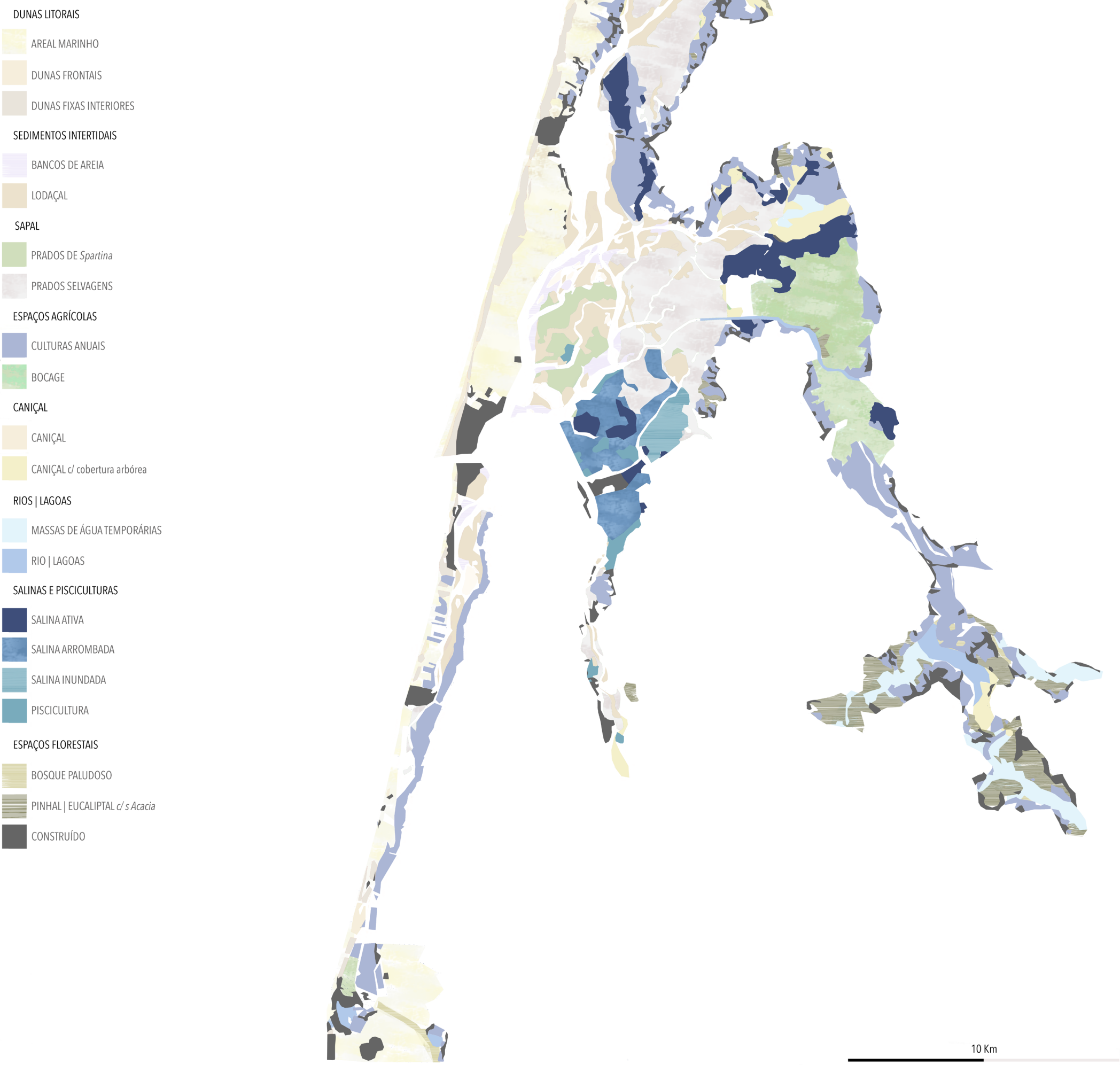
Já as marés são do tipo semidiurno com uma amplitude máxima que ronda os 3,8m nas marés vivas e mínima de 1m.

Os picos de maré no interior da Ria ocorrem cerca de uma hora mais tarde do que na entrada da barra.

[15] Definição de MOLIÇO: 1. Adubo de limos, sargaços, algas, etc. 2. Colmo (para cobertura de choupanas). (...) *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013. www.priberam.pt |em linha|.

[16] Definição de CANIÇO: 1. Cana delgada. (...) *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013. www.priberam.pt |em linha|.

[17] BORGES DA SILVA, MÓNICA SANDRA. O salgado de Aveiro: Importância conservacionista e perspectivas de uso futuro. Aveiro, 2007. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro . Departamento de Biologia - como prova de capacidade científica. p 11.



ESQUEMA REPRESENTATIVO DOS VÁRIOS BIÓTIPOS DA RIA DE AVEIRO E SUA DISTRIBUIÇÃO | Reprodução do esquema apartir do documento Pólis Litoral, Ria de Aveiro, Requalificação e Valorização da Orla Costeira

NOMENCLATURA DA PAISAGEM DA RIA

ECOSSISTEMA, Conjunto das entidades bióticas e abióticas e respetivas interações, que compõem um sistema ecológico integrado, isto é, um sistema no qual, mediante a interação entre os diferentes organismos presentes e o ambiente envolvente, se dá um intercâmbio cíclico de materiais e energia.

SAPAIS, Estas áreas compreendem as margens de uma grande parte dos canais da Ria, que cobrem muitas das ilhas existentes. Além de habitats naturais, os sapais funcionam como zonas altamente produtivas. Por esta razão albergam uma grande variedade de aves aquáticas. Trata-se de Habitats caracterizados por vegetação dominada por espécies halófitas, que toleram água com concentrações salinas elevadas. São exemplo de espécies dominantes nestes habitats: *Spartina maritima, Arthrocnemum fruticosum e Salicornia sp.*

PAISAGEM, Unidade geográfica, ecológica e estética resultante da ação do homem na Natureza, sendo primitiva quando a ação daquele é mínima e natural quando a ação humana é determinante, sem se deixar de se verificar o equilíbrio biológico, a estabilidade física e a dinâmica ecológica.

PISCICULTURA, A criação de peixe em zonas estuarinas está intimamente ligada à atividade salícola. Em Aveiro, a utilização de marinhas de sal para a criação de peixe data de 1858. A criação de peixe nas salinas constituía um complemento à extração de sal, pois realizava-se apenas no Inverno, período em que as salinas estão inativas. Em alguns casos parte da salina funcionava como viveiro permanente.

DUNAS LITORAIS[18], A movimentação das areias pelo vento necessária à criação de dunas, depende de diversos fatores tais como: disponibilidade em areias finas e secas, ausência de vegetação e ventos eficazes (só os ventos, que têm uma velocidade superior a 16km/h, conseguem mobilizar as areias). Como estas condições são frequentes nas regiões litorais, estas são locais favoráveis à constituição de dunas.
Muitas vezes, atrás da duna frontal existem outras cristas dunares, formadas em períodos anteriores.

[18] Definição de DUNAS LITORAIS *in* PEDROSA DE ARAÚJO, Maria da Assunção. *Aula 7 - Litorais móveis, praias e dunas litorais*, |em linha|. Departamento de Geografia da Universidade do Porto. |consultado em Jun. 2014|. Disponível em http://web.letras.up.pt/asaraujo/seminario/Aula7.html.



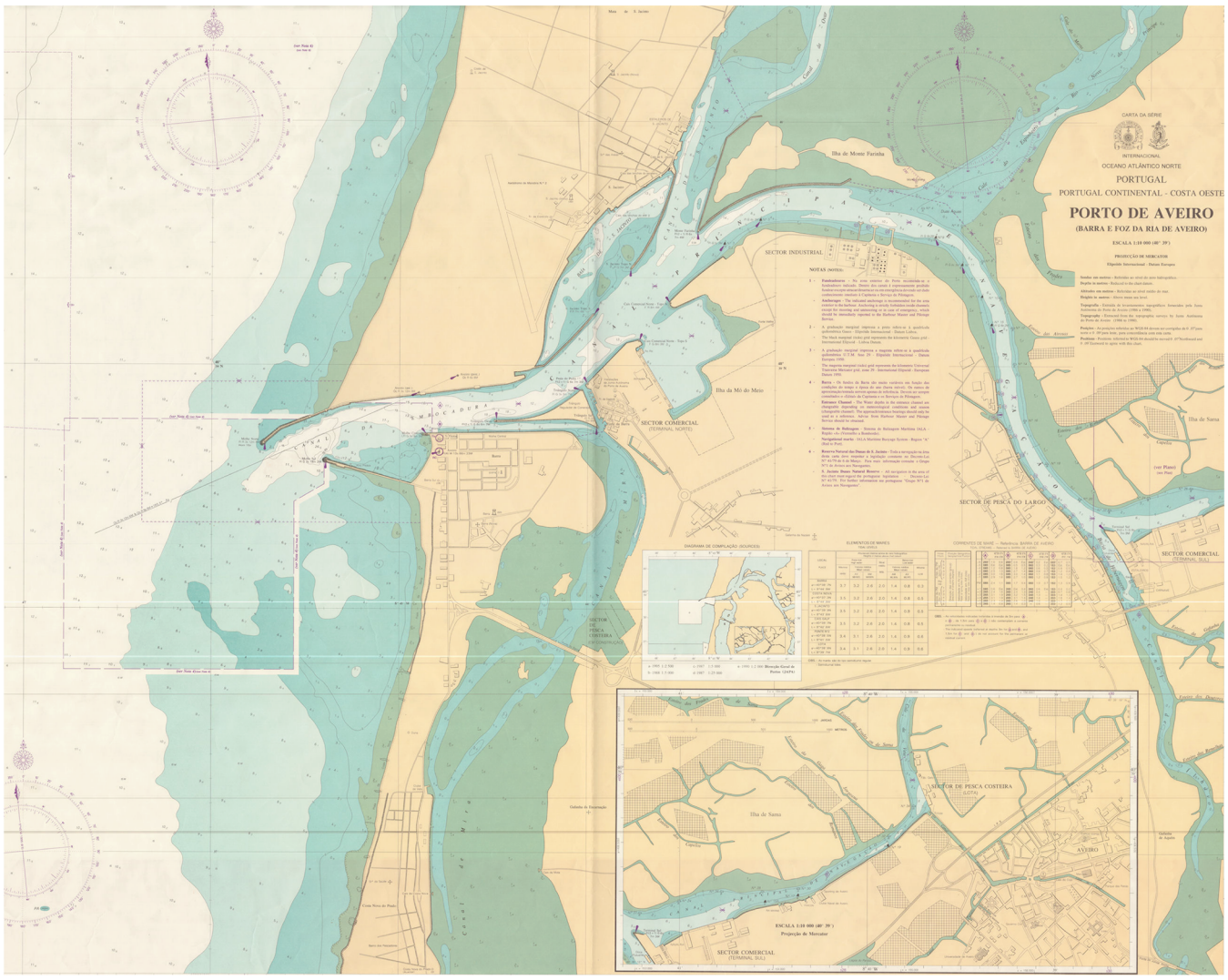
12. FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE AS GAFANHAS | ÍLHAVO, AVEIRO, PORTUGAL

GAFANHAS[19], Em termos topográficos apresenta uma desertificação e esterilidade arenosa, em comparação com a sua envolvente de terreno arenoso passou a aluvião por influência da Ria onde abundava o junco, planta bastante utilizada na adubagem das terras de cultivo. Esta planta antes do aparecimento das máquinas era cortada com a gadanha, e assim surgiu o termo Gafanha. O povoamento da Gafanha parece remontar a 1677 quando ali se assentaram os primeiros residentes e transformaram estes terrenos em zonas de cultivo. A zona da Gafanha é uma península que se encontra cercada a Este pelo Rio Boco e pelo canal da Ria que comunica com os canais de Aveiro, a Norte abre-se o largo canal de S. Jacinto, a Oeste o canal da Costa Nova e a Sul é onde se estabelece-se a ligação com a placa da planície terrestre. O território da Gafanha encontra-se ligeiramente abaixo da linha do Oceano. A geografia política e administrativa determina oito Gafanhas: da Nazaré, Encarnação, Aquém, Boavista, Carmo, Vagueira, Boa Hora e Areão. A atividade económica principal, durante décadas, foi a pesca, mas a agricultura também foi relevante. Hoje são poucos os que se dedicam a essa atividade.

TERRENOS AGRÍCOLAS, Por toda a área envolvente da Ria e dos seus canais existem zonas de cultura, essencialmente arroz e milho (no Inverno este tipo de cultura é substituído por pastagens que servem para alimentar o gado bovino. E há zonas de vegetação herbácea, caniçais *(Phragmites communis)*, juncais *(Juncus sp)*, Tábua *(Typha latifolia)*, zonas de vegetação arbustiva e zonas de vegetação arbórea – Amieiros *(Alnus glutinosa)*, choupos *(Populus nigra)*, salgueiros *(Salix fragilis)*.

VASAS E LODOS, É nos bancos de areia e nas margens lodosas que ficam a descoberto na maré-baixa que se formam as maiores concentrações de aves aquáticas. São espécies que procuram alimento na microfauna aqui existente.

[19] Definição de GAFANHAS *in* Junta de Freguesia da Gafanha da Boa Hora, Dados Históricos - História. www.jf-gafanhadaboahora.com |consultado Ago. 2014|.
As definições que se encontram nesta página - TERRENOS AGRÍCOLAS, VASAS E LODOS - e as da página anterior - ECOSSISTEMA, SAPAIS, PAISAGEM, PISCICULTURA - in VÍTOR VINGADA, José. |et al.| *Pólis Litoral, Ria de Aveiro, Requalificação e Valorização da Orla Costeira*. Intervenção de Requalificação e Valorização da Ria de Aveiro, Plano Estratégico. Ambieco. |em linha|consultado em Nov. 2013| Disponível em www.polisriadeaveiro.pt


CARTA DA SÉRIE
INTERNACIONAL
OCEANO ATLÂNTICO NORTE
PORTUGAL
PORTUGAL CONTINENTAL - COSTA OESTE
PORTO DE AVEIRO
(BARRA E FOZ DA RIA DE AVEIRO)
ESCALA 1:10 000 (40° 39')
PROJECÇÃO DE MERCATOR
Elipsóide Internacional - Datum Europeu
NOTAS (NOTES):
SECTOR INDUSTRIAL
SECTOR COMERCIAL (TERMINAL NORTE)
SECTOR DE PESCA DO LARGO
SECTOR COMERCIAL (TERMINAL SUL)
SECTOR DE PESCA COSTEIRA (LOTA DAPA)
Ilha de Monte Farinha
Ilha da Mó do Meio
Ilha de Sansa
AVEIRO
DIAGRAMA DE COMPILAÇÃO (SOURCES)
ELEMENTOS DE MARÉS
CORRENTES DE MARÉ — Referência: BARRA DE AVEIRO
ESCALA 1:10 000 (40° 39')
Projecção de Mercator
SECTOR COMERCIAL (TERMINAL SUL)



13. Ria de Aveiro, Hidrografia - cais de palafita



14. Ria de Aveiro, Hidrografia - as salinas



15. Ria de Aveiro, a barra vista do farol da barra de Aveiro



16. Ria de Aveiro, Hidrografia - a Ria em Mira, Coimbra, Portugal

HIDROGRAFIA

A Ria integra-se na bacia hidrográfica do Rio Vouga e é constituída por uma rede de canais e vales por onde circula a água salgada e doce. Daí a sua grande diversidade de biótopos, como já foi referido. Foi também a obra do Homem que através das suas intervenções serviu à consolidação da Ria – dragagens, construções de salinas e diques para tanques de piscicultura, as atividades agrícolas nas margens da Ria e construções de vias de circulação. A hidrodinâmica da Ria depende das condições climáticas da zona, das chuvas torrenciais, dos ventos fortes e do regime das ondas do Atlântico que combinados originam sobre-elevações do nível do mar que também subsidiam as cheias que resultam do regime irregular dos rios.

No séc. XV com o declínio da barra e consequentemente da vila de Aveiro, também as salinas começaram a perder as qualidades propícias à produção de sal (deixa de existir a possibilidade de reciclagem de água, com o fecho da barra natural). Tal só foi resolvido após a abertura da barra, logo as condições hidrológicas voltaram a ser favoráveis para a produção de sal.

Assim sendo a prosperidade da urbe de Aveiro está correlacionada sempre com a evolução natural da Ria, paisagem esta cada vez mais transformada pelo homem.

A Fotografia da página seguinte representa outra perspetiva da região da Ria, neste caso os canais de navegação da Ria.





CARTAS MILITARES Nº 173/174/184/185 DE 1975 COM A TOPOGRAFIA REPRESENTADA A VERDE| IGEO



Topografia na região da Ria, as curvas de nível estão de 10m em 10m

TOPOGRAFIA

A região de Aveiro está implantada sobre uma zona que emergiu do Oceano, território esse que foi evoluindo até à Idade Média. Esse recorte na linha de costa da Beira Litoral "impõe uma interpretação constante entre a terrra e mar".[20]

Trata-se de uma paisagem húmida, plana e aberta (Alexandre Cancela d'Abreu, Teresa Pinto Correia, Rosário Oliveira, 2004).[21] A zona envolvente à Ria tem uma altitude e relevo orográfico reduzidos, a sua topografia é portanto favorável a modos sustentáveis de mobilidade tanto nas zonas adjacentes à Ria – os percursos pedonais que surgem frequentemente na paisagem – como também nas localidades e na cidade de Aveiro.

A Beira Litoral é uma grande planície separada do interior por uma cadeia montanhosa, como se pode verificar nas páginas seguintes na fotografia tirada do Farol da barra de Aveiro, o ponto mais alto da região/Ria de Aveiro.

A faixa junto ao Litoral, constituída por grandes extensões de areais, não favorece a instalação de povoações ou a circulação de pessoas ou bens. O oposto acontece mais a leste, no sopé da zona mais montanhosa de percurso mais fácil "foi ao longo deste caminho que o Reino de Portugal se construiu e consolidou."[22]

Os povoamentos centrais da região situam-se junto aos dois grandes acidentes físicos, a Ria e o Baixo Mondego. Foi nas suas margens que se desenvolveram os lugares que viriam a tornar-se os principais: a cidade de Aveiro e a cidade de Coimbra. À sua volta associaram-se outros aglomerados urbanos.

[20] *in* MATTOSO, José.; DAVEAUX, Susana.; BELO, Duarte. *Portugal: o sabor da terra: um retrato histórico e geográfico por regiões.* Editora Círculo de Leitores. Lisboa, Portugal. 2010. p 280.
[21] CANCELA d'ABREU, Alexandre.; CORREIA, Teresa Pinto.; OLIVEIRA, Rosário. *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*, Universidade de Évora. DGOTDU. Évora, Portugal. 2004. pp 141-142.
[22] *in* MATTOSO, José. (idem). p 277.






































FLORA | FAUNA

A vegetação natural típica visível nos diques e margens de canais contribui para reforçar e assegurar a permanência dos diques naturais no seu respetivo lugar, através da fixação das raízes no solo. Segundo o estudo efetuado pelo Pólis Litoral da Ria de Aveiro, *Requalificação e valorização da Orla Costeira*, foram inventariadas 260 espécies de aves na Ria, o que corresponde a cerca de 63% das espécies que fazem parte da lista de aves de Portugal Continental (Matias et al. 2007).[23]

As fotografias situadas à esquerda caracterizam a área de estudo – Ria de Aveiro – e evidenciam a presença de algumas das suas espécies. Assim sendo a rede de percursos pedestres e observatórios da paisagem propostos facilitam a visibilidade destas espécies.

1. Salgado de Aveiro, a Norte
2. Bocage
3. Caniçal "seco" *Phragmites australis* | Acácias *Acacia melanoxylon e Acacia longifolia*
4. Salgueiral *Salix alba* subsp. *neotricha V* | Caniçal "húmido" *Phragmites australis Typha sp.*
5. Canal secundário invadido por *Eicchornia crassipes* (jacinto-de-água)
6. Tipo de caniçal entre Bocage
7. Caniçal "seco" | Choupos e relvado
8. *Acacia melanoxylon* (austrálias) em flor
9. Salina ativa lodeada por *Phragmites australis* (caniço) | *Tamarix cf. canariensis* (tamargeuira-rosada).
10. Morraçais *Spartina maritima*
11. Juncais salgados | Matos salgados onde surgem *Triglochin marítima* e *Halimione portulacoides*
12. *Acacia longifolia* (acácia-das-espigas)
13. Juncais salgados | Matos salgados | Prados salgados
14. *Aster tripolium L.* subsp. *pannonicus* em Prados salgados
15. Lodaçais e areais
16. Juncais salgados
17. Juncais salgados | Matos salgados | Prados salgados
18. *Sarcoconia fruticosa* encontrada nos Juncais salgados | Matos salgados
19. Prados salgados e ao fundo *Tamarix cf. canariensis* (tamargueira rosada)
20. *Triglochin maritima* e *Juncos maritimus* em J.s | M.s | P.salgados
21. Juncais salgados | Matos salgados
22. Lodaçais e areais entre Juncais salgados | Matos salgados
23. Lodaçais e areais
24. *Limonium vulgare* no meio de *Halmione portulacoides*
25. Toutinegra-de-barrete *Sylvia atricapilla* na Pateira de Fermentelos
26. Borrelho-pequeno-de-coleira *Charadrius dubius*
27. Pilrito *calidris alpina*
28. Cartaxo-nortenho *Saxicola rubetra* na Pateira de Fermentelos
29. Pernilongo *Himantopus himantopus* na Pateira de Fermentelos
30. Rouxinol bravo *Cettia cetti*
31. Narceja *Gallinago gallinago* na Pateira de Fermentelos
32. Gaivota-d'asa-escura *Larus fuscus* no Canal de Mira

17. FAUNA E FLORA NA RIA DE AVEIRO (lê-se a legenda da esquerda para a direita de cima para baixo)

[23] MATIAS, R.; CATRY, P.; COSTA, H.; |et al| *Lista sistemática das Aves de Portugal Continental, Anuário ornitológico*, Volume 5. SPEA. Lisboa. p 151.

VILA DE AVEIRO *INTRAMUROS*, SÉCULO XV-XVI

Reprodução a partir da planta *in* Gaspar, 1983, p 206



PLANTA DA CIDADE, SÉCULO XVIII

Reprodução a partir da planta da cidade *in* Instituto Geográfico e Cadastral



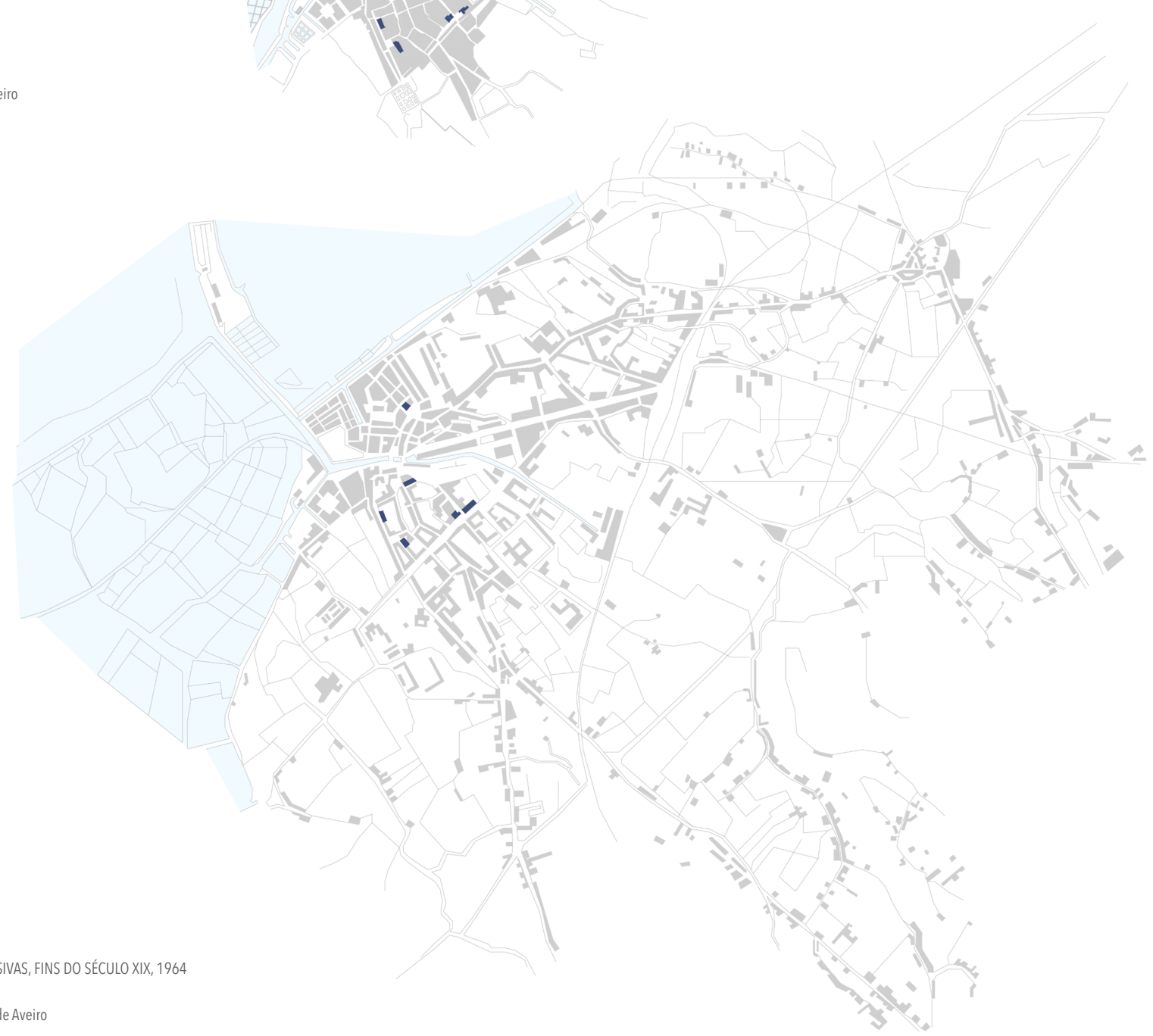
PLANTA DA CIDADE, HYGIENE D'AVEIRO, 1904

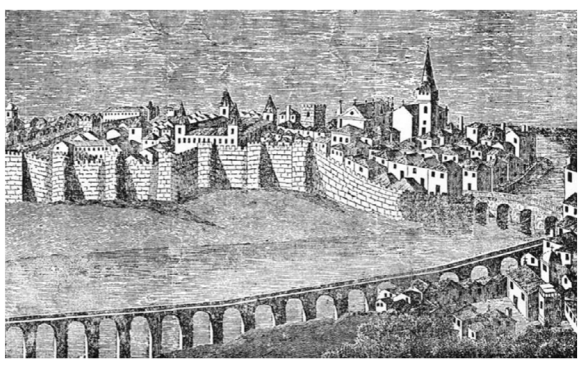
Reprodução a partir da planta *in* Arquivo da Biblioteca Municipal de Aveiro



PLANTA DO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE (PDM), EXPANSÕES SUCESSIVAS, FINS DO SÉCULO XIX, 1964

Reprodução a partir do documento in Arquivo da Biblioteca Municipal de Aveiro





18. Gravura da Vila de Aveiro com incidência na Muralha e Aqueduto.

FORMAÇÃO | ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Aveiro distingue-se de outras cidades portuguesas pela marcada presença dos cursos de água que a contornam e invadem, sendo que esta proximidade da água/Ria permitiu à atual cidade estabelecer importantes elos que potenciaram o seu desenvolvimento.
Outrora isolada por via terrestre, Aveiro viveu para a Ria e desenvolveu as atividades que tal proximidade permitiu, as atividades marítimas, trocas comerciais, etc. No entanto, o elemento gerador (Ria) do primeiro povoamento de Aveiro foi também o causador do seu declínio.
A primeira menção a Aveiro remonta ao ano 959, *in Alauario et salinas*. O sal, que se diz ser explorado na Ria desde os tempos romanos passa a ser um valioso bem de troca e importante para conservar os alimentos. Foi no séc. XII que Aveiro foi elevado a Vila, mas só no século XV quando Aveiro passa a ser um rentável porto de comércio, a sua urbe se expande e desenvolve. Este período de prosperidade surge através da fixação da ainda barra natural, que permitiu por meio de transformações naturais do território abrir uma enseada abrigada e assim garantir a entrada de embarcações em segurança em Aveiro.
Nessa altura a população de Aveiro cresce, pois juntam-se ao porto (agora rentável), as atividades de produção de sal, indústria pesqueira e construção naval. Surge então a necessidade de expandir a urbe para Norte do esteiro do côjo, presentemente conhecido como canal principal, através de um novo bairro que se chamaria "Vila Nova" que é conseguido através da ocupação de marinhas de sal.
Em finais do século XVI, a barra natural começa a assorear. Consequentemente dá-se o fecho da barra, impedindo a entrada das embarcações para o porto. Este fenómeno natural marcou o início do declíneo de Aveiro, entretanto elevada a cidade em 1759, situação que se manterá até ao século XIX.
São as urgentes obras da barra (próxima página) que estimulam a consciência territorial, e durante o século XVIII, vários engenheiros a trabalhar no projeto da barra, cartografam o litoral, a ria e os aglomerados populacionais da envolvente. Neste contexto começam a surgir representações mais pormenorizadas e reais da cidade de Aveiro.
A partir da segunda metade do século XIX ocorrem várias transformações na cidade ao nível urbano – alargamento de vias, pavimentação, iluminação a gás, depois elétrica –, ao nível higienista – os esgotos domésticos – e desenvolvem-se novas vias de comunicação, como a inauguração da linha férrea do Norte[24] e a linha do Vouga.

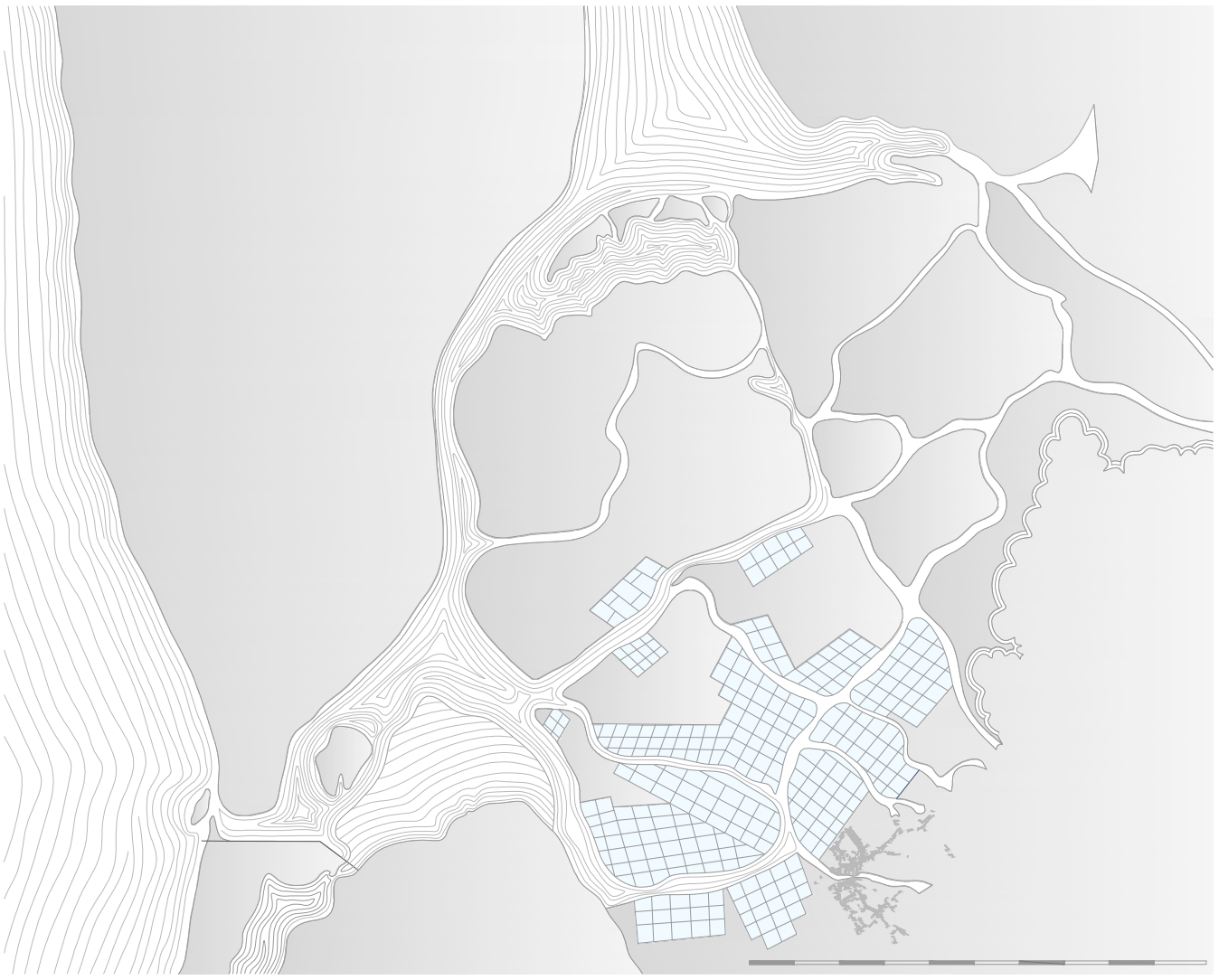
[24] A linha férrea chega a Aveiro em 1863 - inaugurada um ano depois - deve-se ao parlamentar aveirense José Estêvão de Magalhães os esforços para que a linha do Norte passa-se em Aveiro. Abre-se posteriormente uma ligação entre a estação de caminhos de ferro e o centro da cidade, a atual Avenida Lourenço Peixinho, eixo de desenvolvimento da cidade no século XIX e XX. Informação retirada de SOUSA, José. *Memórias de Aveiro no século XIX*. Arquivo do distrito de Aveiro. 1940. p 267.



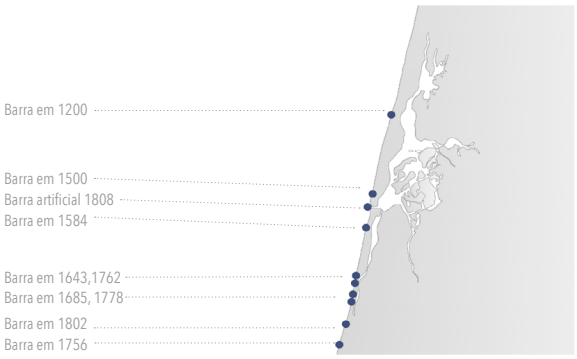
19. DIQUE DE CONCENTRAÇÃO DE CORRENTES, VISTA GERAL DA BARRA | 1935 | AVEIRO, PORTUGAL



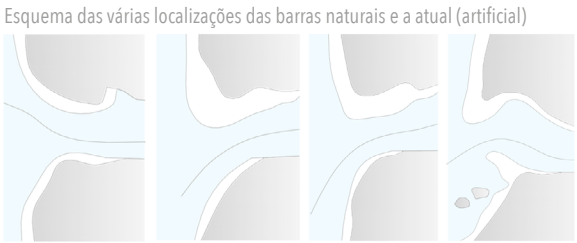
20. BARRA DE AVEIRO E FAROL | AVEIRO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO



MAPA DA REDE HIDROGRÁFICA, 1858 | ÍLHAVO, AVEIRO, PORTUGAL | Reprodução a partir da planta “Porto D’Aveiro, direcção das obras públicas d’Aveiro” do arquivo da APA. s.a



Esquema das várias localizações das barras naturais e a atual (artificial)



Estado da barra em diversas épocas, mapa de costas e fundos marinhos, 1868, Ílhavo | Esquema relevante para perceber a necessidade de fixar a barra devido à sua instabilidade

"O projeto da abertura da barra tornou-se uma exigência, (...) num ambiente bélico em particular quando da 2ª Invasão Francesa, que impunha a escolha do melhor porto que permitisse o desembarque das tropas aliadas, como iria acontecer em Maio de 1809."[25]

Com a abertura da barra atual em 1808, Aveiro volta a adquirir a sua antiga posição de cidade relevante no panorama geral do país, retornando aos valores demográficos do século XV. Surge assim, de novo, a necessidade de aumentar a área da cidade, desta vez por meio de aterros realizados nos finais do século XIX.

Sem a abertura da barra artificial o porto de Aveiro não teria crescido e não se teriam realizado obras de melhoramento da barra. Essas obras permitiram que o conjunto das marinhas de sal a Norte de Aveiro fossem aterradas, sendo que posteriormente aí se implantou a antiga Lota de Aveiro e onde se propõe agora a construção do Centro de investigação da paisagem Horizonte Portugal, como forma de reativação deste território.

O terreno foi mandado aterrar com o objetivo de aí situar o armazenamento dos materiais para a construção dos molhes da barra.

Aveiro tem conseguido conservar a tradição de algumas vivências etnográficas, inclusive de património edificado, este marcado pela sua relação com a Ria, a par do seu desenvolvimento e crescimento. Ainda são visíveis as marcas morfológicas significativas do período medieval, ao nível do traçado, quarteirões, etc.

[25] Citação *in* coord. Amorim, Inês e GARCIA, João Carlos. *A Barra e os Portos da Ria de Aveiro 1808 - 1932* - Catálogo da exposição 3 de abril a 3 de maio de 2008. APA (Administração do Porto de Aveiro). Aveiro. Portugal. 2008. p 6.

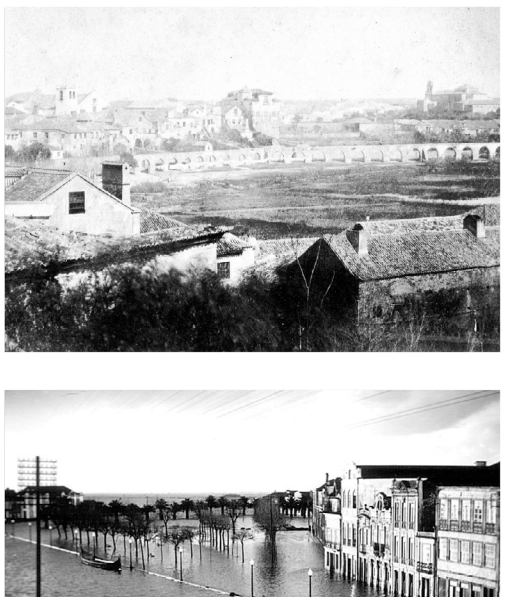


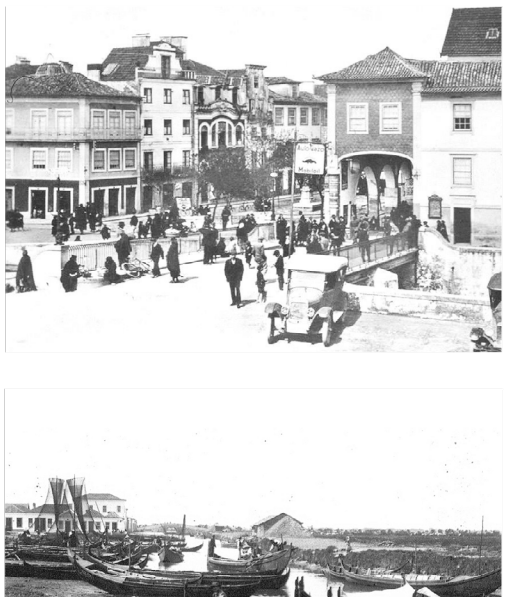


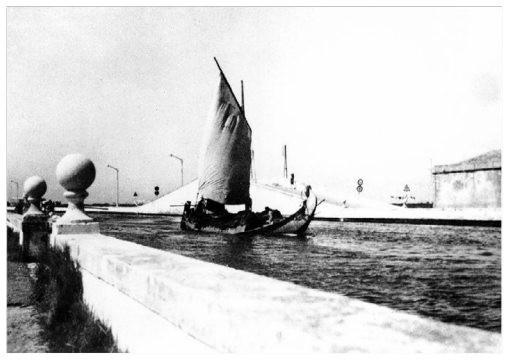


COMPANHIA AVEIRENSE

PENSÃO AVENIDA

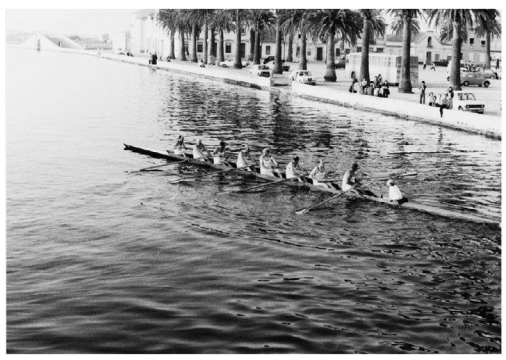
LIVRARIA




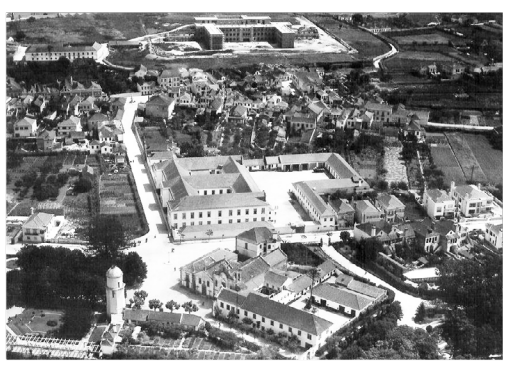

















A cidade do séc. XIX e XX
séc. XIX - edifícios emblemáticos
séc. XX - edifícios emblemáticos

1. Década de 20: Av. Lourenço Peixinho em construção
2. Meados séc XX: Praça da República
3. 1925: Av. Lourenço Peixinho vista da estação
4. Década de 40: Canal central, vista para a Ponte de S. João do Rossio
5. Década de 40: Av. Lourenço Peixinho vista da estação
6. Década de 20: Vista para a antiga Capitania do Porto de Aveiro
7. Década de 30: Prédio de esquina na Av. Lourenço Peixinho vista da estação
8. Década de 40: Centro da cidade, antigas pontes da Ribeira e do Côjo junto à antiga Capitania
9. Década de 30: Outra perspetiva das pontes da Ribeira e do Côjo
10. Finais séc. XIX: Vista para o antigo Aqueduto de Aveiro
11. Início séc. XX: Fonte da Praça, ou Fonte dos Arcos
12. Década de 20: Centro da cidade (atravessamento do Canal Principal)
13. Década de 40: Canal Principal e moliceiro
14. 1938: Canal Principal, cheias em Aveiro
15. Início séc. XX: Vista sobre o Canal Principal (retirada da Ponte da Ribeira)
16. Início séc. XX: Canal de S. Roque
17. Década de 40: Mercantel no Canal das Pirâmides e Ponte de S. João do Rossio
18. Início séc. XX: Aspeto do Rossio e Capela de S. João
19. Finais séc. XIX: Cais dos Botirões (junto ao Mercado do Peixe)
20. Meados séc. XX: Cais dos Botirões antes da construção do Mercado do Peixe
21. Meados séc. XX: Vista aérea sobre o centro da cidade, a nova ponte/rotunda sobre o canal principal
22. Meados séc. XX: Canal de S.Roque, com a Ponte de Carcavelos ao fundo
23. Meados séc. XX: Sé Catedral de Aveiro ou Igreja de S. Domingos
24. Década de 40: Costa Nova, Farol da Barra de Aveiro
25. 1948: Equipa olímpica a praticar remo no Canal Principal
26. Início década de 40: embarcação atracada à margem das salinas, saída do Canal das Pirâmides (atual aterro da antiga Lota)
27. Década de 50: Salinas
28. Finais séc. XIX: Vista da cidade com o Canal das Pirâmides ao fundo
29. Meados séc. XX: Vista aérea da cidade
30. Meados séc. XX: Embarcação de pesca a navegar num canal
31. Década de 20: Canal da Fonte Nova com a Fábrica de cerâmica ao fundo (edifício atual pertence à Câmara Municipal)
32. Década de 50: Montes de sal

21. FOTOGRAFIAS ANTIGAS DE AVEIRO (lê-se a legenda da esquerda para a direita de cima para baixo)

A ARQUITETURA DA CIDADE

No contexto da análise de Aveiro, será interessante aprofundar o tema da Arquitetura da cidade, onde a cidade é entendida como arquitetura de natureza coletiva, como uma construção no tempo (Aldo Rossi, 2001)[26].

O tempo molda a cidade que vai crescendo sobre si, adquirindo memórias, a cidade é depositária de história, é de tal forma realidade que habitualmente, no seu desenvolvimento, esta mantém alguns dos seus motivos originários, como algumas das vias principais ou alguns dos planos. Podem deslocar-se um pouco, modificar-se, ter diferentes edificações, mas não são vestígios do passado que se apaguem totalmente.

No caso específico de Aveiro, a sua morfologia urbana permite observar que ao desenvolver-se, a cidade manteve na realidade muito dos seus eixos principais e a forma dos quarteirões também se manteve. Naturalmente a cidade cresceu para fora das muralhas (cuja morfologia é ainda percetível no centro histórico – esquema da página anterior). O seu núcleo original, neste caso, foi absorvido pela da cidade.

É interessante observar que o processo dinâmico de evolução de uma cidade tende mais para a evolução do que para a conservação (Aldo Rossi, 2001)[27], por exemplo os monumentos são edifícios que costumam ser conservados e que depois geram novos programas, sendo este um tema importante na análise de uma cidade e no seu estudo ao nível da história e memória.

O estudo da cidade deve incluir, segundo Jean Tricart[28], uma interpretação do seu conteúdo social aliado aos fatores geográficos da paisagem urbana. Ao analisar os fatores sociais, as formas, funções e estruturas da cidade são compreendidas. Para Cattaneo[29] a cidade forma com o território uma estrutura inseparável e por fim para Halbwachs[30], a memória coletiva de um povo é representada pela cidade que está ligada a factos e aos seus lugares.

[26] Aldo Rossi (1931-1997), Arquiteto teórico italiano, licenciado pela Escola Politécnica de Milão, foi prémio Pritzker em 1990 e editor da revista *Casabella-continuità* entre 1955-1964.
ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade.* trad. José Charters Monteiro. Lisboa. 2001. 251p. Tít. original: *L'architecttura della città.* 1ª edição. 1966. p 31.

[27] ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade.* trad. José Charters Monteiro. Lisboa. 2001. 251p. Tít. original: *L'architecttura della città.* 1ª edição. 1966. p 79.

[28] Jean Tricart (1920-2003), Geógrafo francês, especializado em geomorfologia. citado por ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade.* trad. José Charters Monteiro. Lisboa. 2001. 251p. Tít. original: *L'architecttura della città.* 1ª edição 1966. p 60.

[29] Cesare Cattaneo (1912- 1943), Promessa do movimento racionalista, mesmo com uma breve carreira, foi autor de alguns textos importantes e autor de vários projetos. Citado por (idem). p 189.

[30] Maurice Halbwachs (1877- 1945), Sociólogo francês da escola de Émile Durkheim, uma das teses mais importantes foi *La memoirè collective,* publicada posterior à sua morte em Paris, 1950. Citado por (idem). p 191.



















FABRICA




Academia
Roberto
Clássico



usabilidade






AVEIRO


A CIDADE ATUAL

O presente aglomerado urbano insere-se numa complexa e delicada relação com a Ria. Os seus canais entram cidade dentro e trazem vida marítima até ao centro. Para além dessa relação houve outros condicionalismos que fortaleceram a consolidação da cidade, tais como a localização dos caminhos de ferro e da estação (que foram causadores da abertura da avenida principal da cidade, Av. Lourenço Peixinho), a autoestrada, o IC1 e até mesmo a nacional (EN109) que se foi densificando com indústria e comércio, passando a ser mais rua do que estrada pelo movimento que gera.

A zona baixa da cidade, junto ao canal de S. Roque, ainda guarda vestígios do bairro piscatório que vem da Idade Média mantendo as ruas sinuosas em torno do mercado do peixe (entretanto reabilitado) e sendo ainda possível visitar a capela do Sr. das Barrocas.

A proposta para o novo plano de urbanização da cidade dá enfâse ao limite nascente da cidade consolidada e propõe uma conexão desta com as malhas mais abertas da periferia, propondo assim uma continuidade dos eixos existentes e uma consolidação dos aglomerados adjacentes, para obter uma melhor transição do tecido urbano para o rural. Foi ainda considerado importante a consolidação das frentes ribeirinhas (através do programa Pólis) para também assim regenerar e preencher as descontinuidades existentes e conseguir permeabilizar as frentes ribeirinhas com as zonas da cidade que lhes são contíguas.

Hoje em dia os espaços onde até há poucos anos era possível ver as pirâmides de sal, encontram-se agora ocupados por armazéns pré-fabricados, por oficinas metalúrgica e por estaleiros navais.

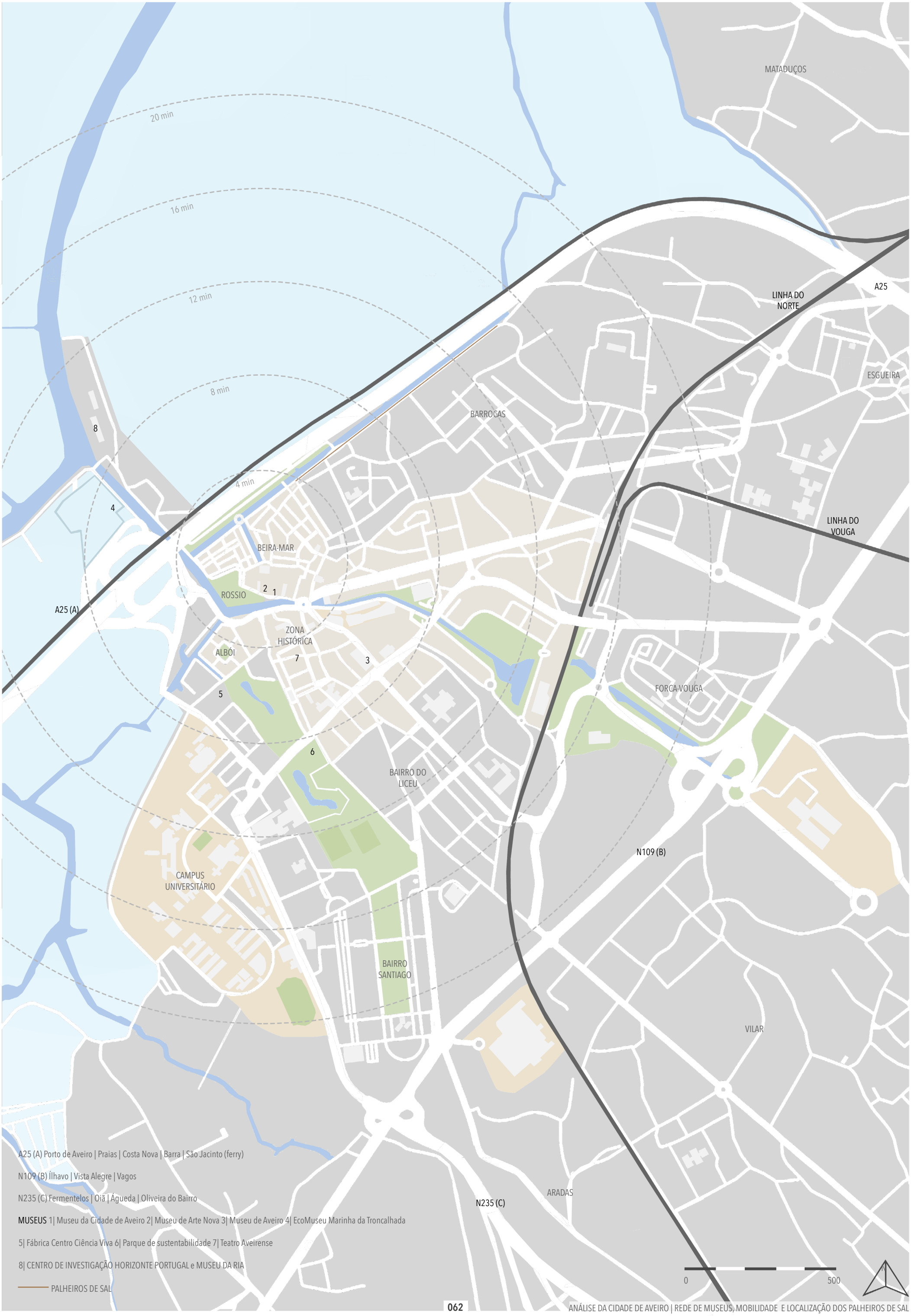
Importa referir a ligação ferroviária que perdeu movimento para as alternativas rodoviárias e a universidade, uma instituição com cada vez mais prestígio ao nível do país e mesmo ao nível internacional, considerada uma mais valia para a cidade, atraindo estudantes e professores.

A caracterização da cidade de Aveiro é feita por recurso à fotografia que como já referido anteriormente é o instrumento que melhor exprime a realidade de uma cidade, na opinião de Jacques Guillerme (p. 15 da presente dissertação).

Através da fotografia vemos as cidades. Tendo isso em consideração junta-se um conjunto narrativo de fotografias que caracterizem Aveiro no século XIX e XX (encontra-se na página anterior), e um outro conjunto que caracterize a urbe atualmente (página ao lado).

1. Antigo palheiro/armazém de sal, Canal de S. Roque
2. Canal de S. Roque com ponte pedonal ao fundo
3. Porto de Aveiro, Lugre Santa Maria Manuela
4. Canal Principal, Arte Nova
5. Costa Nova, Farol da Barra
6. Ponte pedonal na Universidade de Aveiro, arquiteto Carrilho da Graça, 2002
7. Moliceiro
8. Canal da Fonte Nova, Hotel
9. Canal do Paraíso
10. Estação ferroviária, painel de azulejos
11. Mercado do Peixe, pormenor da cobertura
12. Av. Lourenço Peixinho
13. Lago do Canal da Fonte Nova, antiga Fábrica de cerâmica
14. Mercado do peixe
15. Canal Principal visto da Ponte de S. João
16. Palheiro/armazém de sal, pormenor
17. Universidade de Aveiro, arquiteto Jorge Kol de Carvalho, 1996
18. Vista da cidade, Fábrica Centro de Ciência Viva ao fundo
19. Porto de Aveiro, doca flutuante
20. Aguarela no Museu Marítimo de Ílhavo
21. Edifício da Antiga Capitania, hoje Assembleia Municipal
22. Palheiros/armazéns de sal, Canal de S. Roque
23. Antiga Lota de Aveiro (antigo Porto de Pesca Costeira)
24. Estádio Municipal de Aveiro, arquiteto Tomás Taveira, 2004
25. Universidade de Aveiro - espaço público exterior
26. Vista sobre a cidade
27. Largo do Rossio
28. Linha de caminhos de ferro, Linha do Norte
29. Palheiro/armazém de sal, pormenor do interior
30. Antiga estação ferroviária, painel de azulejos
31. Nova estação ferroviária, saída para o Largo da estação
32. Casa no canal dos Botirões, RVDM arquitetos, 2010

22. FOTOGRAFIAS ATUAIS (2008-2014) DE AVEIRO | Fotografias MARGARIDA BELO (lê-se a legenda da esquerda para a direita de cima para baixo)



ANÁLISE DA CIDADE DE AVEIRO | REDE DE MUSEUS, MOBILIDADE E LOCALIZAÇÃO DOS PALHEIROS DE SAL



Análise programática e tipológica do centro da cidade
serviços
bares e restaurantes
biblioteca
cultura
saúde
edifícios religiosos
palheiros/armazéns de sal ou projetos tipologicamente similares



23. Canal de S.Roque - a permanência do arquétipo dos palheiros de sal



24. Recuperação tipológica dos palheiros/armazéns de sal, S.Roque, Aveiro



25. Recuperação tipológica dos palheiros em pormenor a fachada tardoz do Centro Comunitário de Vera Cruz (imagem em cima do mesmo projeto)

ANÁLISE URBANA

No fim de enquadrar historicamente a cidade e depois de a descrever no seu contexto atual, faz-se agora uma ponte entre esse conhecimento adquirido do local para o analisar segundo os parâmetros necessários na abordagem de projeto.

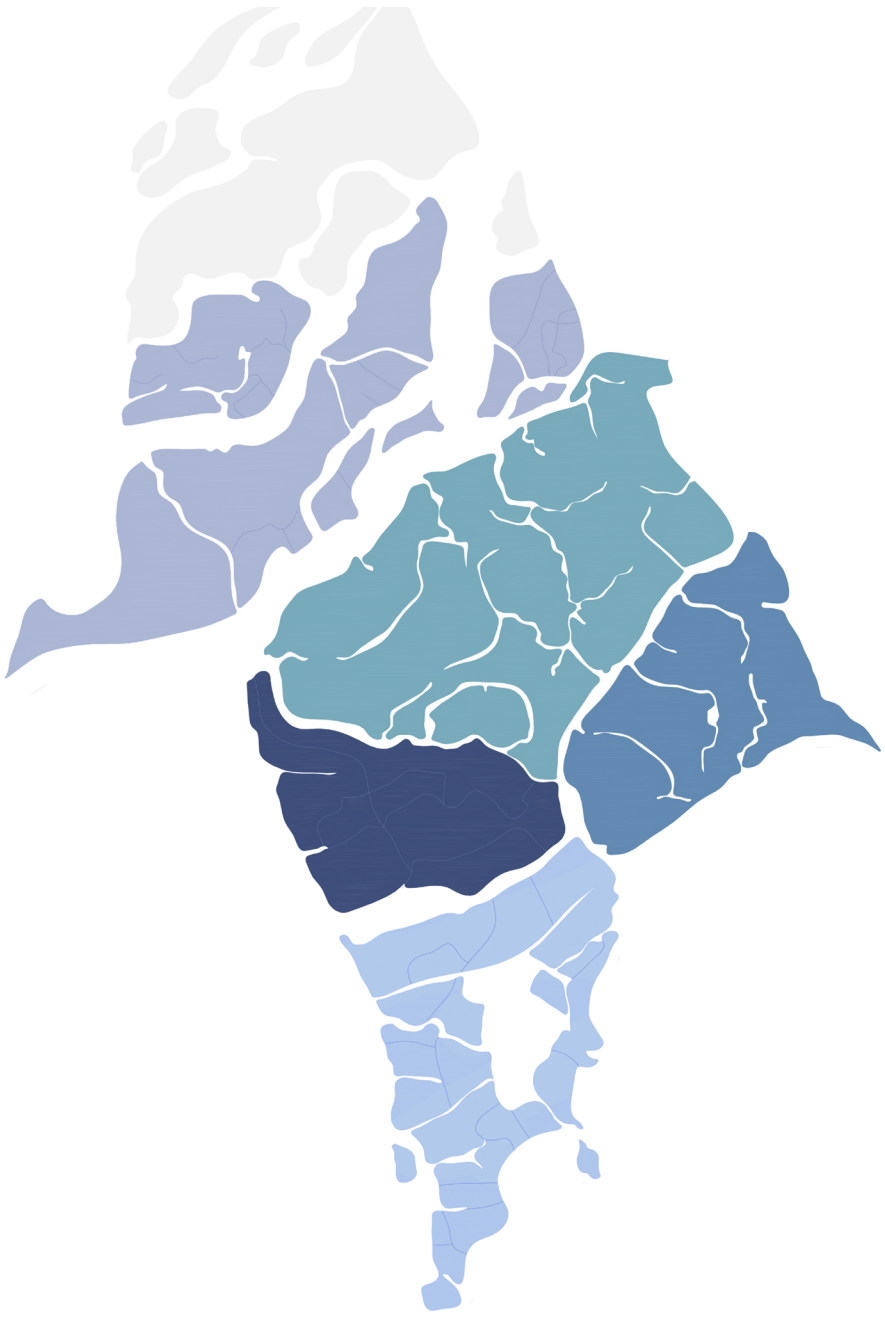
Posto isto, a fim de implantar o centro de investigação Horizonte Portugal na antiga plataforma do porto de pesca costeira de Aveiro e tendo em consideração o aspeto expositivo que o projeto Horizonte Portugal implica, olhou-se para a cidade numa tentativa de colocar em rede todos os locais expositivos da cidade.

Isto é, encontraram-se primeiro esses locais e depois, tendo em conta os temas que cada museu apresenta, propôs-se a tal rede conectora dos museus, numa lógica de existir um grande museu em Aveiro polinucleado, onde é necessária a própria cidade como elemento aglomerador destes núcleos museológicos (daí se apresentar no esquema de análise da página ao lado, um diagrama com o tempo aproximado para percorrer o centro da cidade). Outro dos temas relevantes é que este grande museu incorpora dois tipos de museus, os mais tradicionais (onde se encontram expostos objetos para serem admirados) e os museus onde o visitante é convidado a interagir, como por exemplo o EcoMuseu Marinha da Troncalhada onde se explica o funcionamento de uma salina numa marinha de sal.

Com a inserção do Centro de investigação na plataforma que já se encontra na transição territorial entre o tecido urbano e o território das salinas, propõe-se um outro tipo de ligação entres estes museus que não seja os meios de transporte habituais. Propõe-se que a ligação entre o EcoMuseu e o futuro Museu da Ria (que se encontra junto ao Centro de investigação) seja feito de moliceiro, num percurso por um dos canais da Ria até a um ponto de atracação, onde depois se convidam os visitantes a percorrer um outro percurso, este já pedonal, junto às salinas (proposta complementar de projeto) – de regresso à plataforma (ao Museu da Ria e à zona expositiva do projeto Horizonte Portugal, onde se pode visitar - através da fotografia – as restantes paisagens de Portugal).

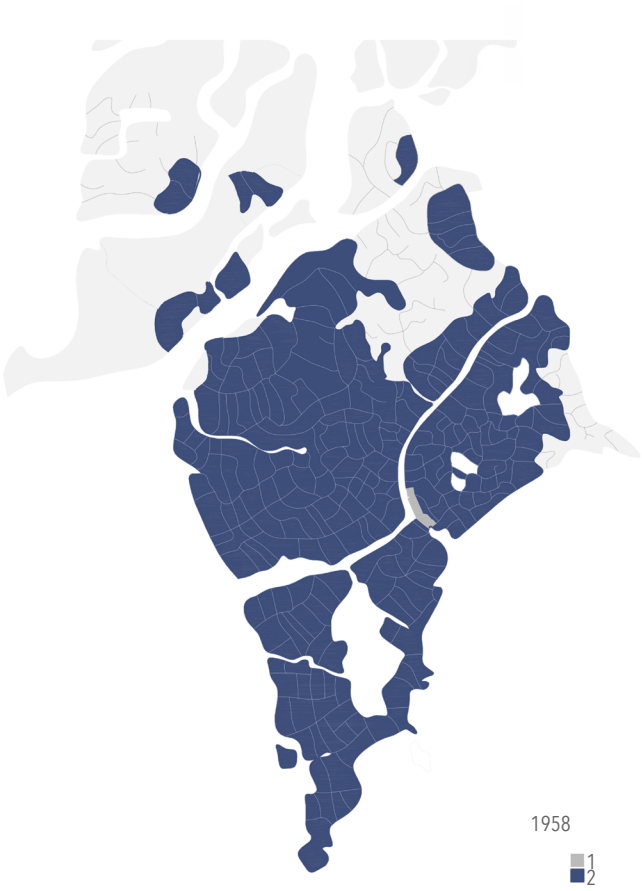
Seguindo a lógica de fixar a proposta ao território onde esta se insere, o próximo passo está relacionado com a reabilitação dos dois edifícios que se pretende manter na plataforma (o edifício da antiga Lota e o armazém das redes), onde o tema de reestruturação dos interiores dos edifícios se fixa através da memória das construções vernaculares presentes em todo o território e aglomerados urbanos junto à Ria: os palheiros de sal. Assim, o esquema ao lado e o esquema da presente página, indicam a localização precisa das últimas construções desta tipologia na cidade, bem como a localização de construções novas que se ancoraram à mesma tipologia.

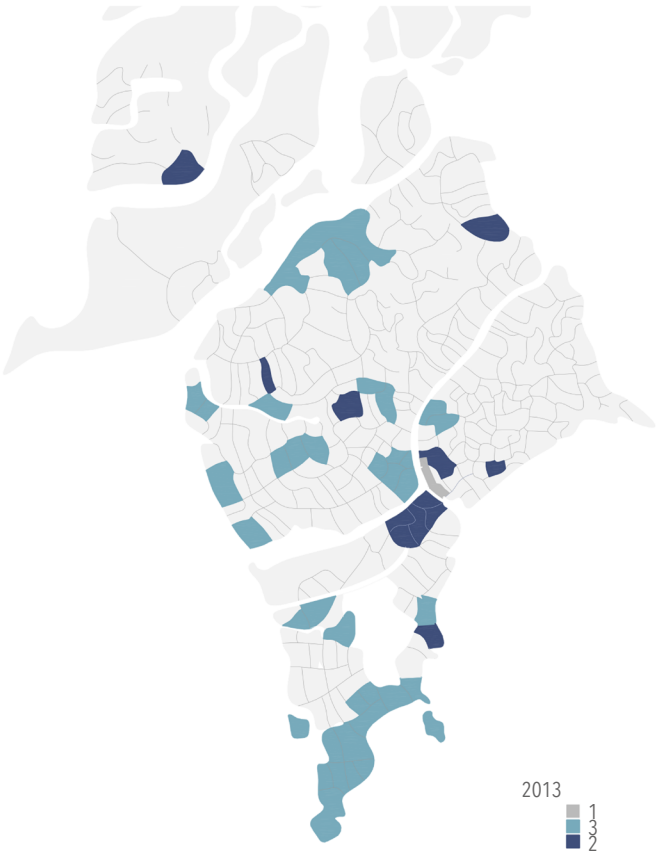
Ao olhar este território e a sua análise, é possível verificar que são estes os grandes temas utilizados na reativação desta plataforma – a rede de museus, os palheiros e o percorrer o território como forma de o conhecer.



A| GRUPO DO MAR B| GRUPO DE MONTE FARINHA C| GRUPO DO SUL D| GRUPO DE S.ROQUE E| GRUPO DO NORTE

A B C D E





1| PLATAFORMA-PROJETO 2|SALINAS ATIVAS 3|AQUACULTURA

ESQUEMA REPRESENTATIVO DA EVOLUÇÃO DAS MARINHAS DE SAL EM AVEIRO AO LONGO DOS ANOS



26. Postal de finais século XIX, que representa Aveiro e as suas Marinhas de Sal



27. Fotografia finais século XIX, Marinhas da Balacozinha

O CASO DE AVEIRO

Quer no contexto europeu quer mundial, a situação geográfica de Portugal coloca-o numa posição priveligiada, relativamente a outros países, no que se refere à produção de sal, uma vez que a sua extensa costa Atlântica e a sua elevada exposição solar permite diversas possibilidades de exploração (Borges da Silva, 2007)[31].

Noutros tempos as salinas portuguesas distribuíam-se de Caminha a Tavira, no entanto Aveiro sobresai como local privilegiado para a atividade.

A utilização da salga como principal meio de conservação de pescado, à época, ditaria a sua elevada procura, contribuindo assim para o desenvolvimento de Aveiro. Calcula-se que no reinado de D. Afonso IV, no século XIV, a região aveirense contasse com cerca de meio milhar de marinhas. A produção abasteceria não só o próprio Reino mas a grande parte da produção era para exportação para Inglaterra, França e Flandres (Borges da Silva, 2007)[32]. No entanto, a inconstância da Ria juntamente com a redução da produção de sal e as difíceis condições do seu transporte, foram responsáveis pelo lento declínio das exportações, atualmente com expressão muito reduzida no produto económico regional.

"Ao longo dos séculos, as populações da região de Aveiro desenvolveram técnicas para a exploração dos recursos fornecidos pela Ria, tirando proveito do seu ambiente particular. A economia local baseava-se em diversas atividades sectoriais, nomeadamente marinhas e agrícolas – a colheita de vegetação aquática e de sapal usada na fertilização dos campos – e piscícolas – a pesca artesanal –, fomentando o aparecimento da indústria e desempenhando um papel socioeconómico com forte impacto na região" (*in* Borges da Silva, 2007)[33] Segundo Manuel da Cruz Regala, antigo marnoto, a quem coube a responsabilidade de exploração das salinas e controlo dos seus meios de exploração, falar do salgado e do sal de Aveiro é recordar as décadas de 1940 a 1970, lembrando as 270 salinas em atividade nessas épocas, que produziam em média 60.000 toneladas de sal por ano. Essa quantidade era depois dividida por 550 montes brancos que durante o mês de Agosto se espalhavam pelas localidades da Ria de Aveiro, na sua maior parte ao concelho de Aveiro e menos ao concelho de Ílhavo (Peixoto e Moreira, 1998)[34].

[31] BORGES DA SILVA, MÓNICA. *O salgado de Aveiro: importância conservacionista perspectivas de uso futuro.* Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de Biologia - como prova de capacidade científica. p 5.
[32] BORGES DA SILVA, MÓNICA. *idem.* p 12.
[33] BORGES DA SILVA, MÓNICA. *idem.* p 13.
[34] PEIXOTO, E. e MOREIRA. S. *Salgado de Aveiro: atualização e Análise da sua situação.* Aveiro,1998. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de ambiente e Ordenamento - como prova de capacidade científica.

1. ESTEIRO DE ABASTECIMENTO À SALINA

2. BOMBA DE TOMA DE ÁGUA

3. DEFENSÃO

4. TRAVE DO VIVEIRO

5. TRAVE DO MANDAMENTO

6. COURAÇA

7. BARACHA

8. TRAVESSA

9. CARREIRA GRANDE

10. CARREIRA DOS LACRIMAIS DA MARINHA NOVA

11. CARREIRA PEQUENA

12. CANEJA

13. TABULEIRO DO MEIO DA MARINHA NOVA

14. BARACHINHA

15. TABULEIRO DO SAL DA MARINHA NOVA

16. CARREIRA DOS LACRIMAIS DA MARINHA VELHA

17. MACHO

18. TABULEIRO DO MEIO DA MARINHA VELHA

19. TABULEIRO DO SAL DA MARINHA VELHA

20. ENTRAVAL

21. BOMBA DE ESCOAR

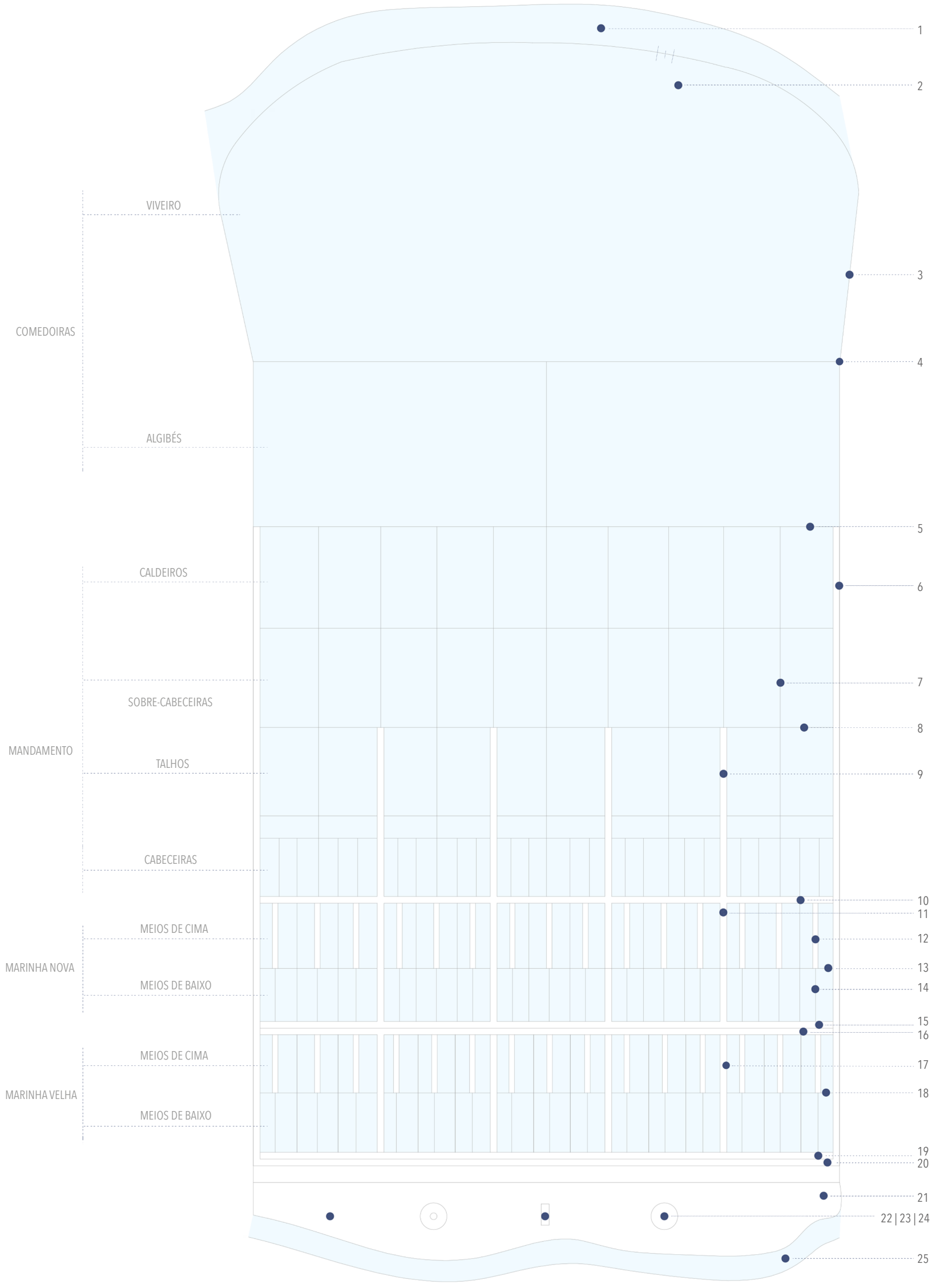
22. MALHADAL

23. PALHEIRO

24. EIRA

25. ESTEIRO PARA ONDE SE ESCOA A ÁGUA

E ONDE SE TIRA O SAL PARA OS BARCOS





28. Salinas ativas em Aveiro - Marinha da Troncalhada



29. Salinas ao abandono junto à plataforma de projeto



30. Monte de sal - na zona da Marinha da Troncalhada

SALINAS NA RIA

A Norte da cidade localizam-se as marinhas de sal, local que nos anos 60 foi considerado a segunda zona de produção de sal a nível nacional (cerca de 270 marinhas). Em primeiro estavam as salinas do Sado com cerca de 300 marinhas de sal.

Atualmente existem oito marinhas em funcionamento, todas de forma totalmente artesanal. Segue-se uma breve explicação do funcionamento de uma marinha, para melhor entender o território natural de produção da Ria de Aveiro.

A água que dá entrada nas marinhas de Sal é proveniente do mar, mas devido à presente localização (Ria) mistura-se com água doce proveniente dos Rios, o que a torna menos salgada.

A água vem nos esteiros da Ria (canais) e dá entrada na primeira zona da marinha de sal designada por *Viveiros*, assim chamada devido à entrada de peixes que por vezes ocorre. De seguida, a água passa de tanque em tanque, ação executada pelos marmotos[35], até que a água que não cristalizou acaba por sair da marinha, para um outro esteiro, por ação da gravidade.

Na zona *Mandamento,* a água vai perdendo os sais nocivos à saúde, num processo de decantação e ao mesmo tempo inicia-se o processo da evaporação. Quando a água chega à zona *Cabeçeira* já se encontra muito concentrada de sal mas é só na zona denominada por *Moira* que ocorre a cristalização.

O cristal de sal começa a forma-se nas zonas *Marinha nova* e *Marinha velha.* Seguidamente, aguarda-se a evaporação final da água e só depois é que os marmotos retiram o sal das *Cabeceiras*, e o transportam para a *Eira*. (descrição do processo de extração de sal).[36]

A época da safra tem início em março com a preparação das marinhas e a extração ocorre desde o fim da primavera até setembro ou outubro, quando começam as primeiras chuvas e passa a ser necessário cobrir os montes de sal.

Os produtos extraídos das salinas e zonas envolventes são o sal, a flor de sal e a salicórnia. A flor de sal é uma película muito fina que se forma à superfície da água e a salicórnia é uma planta que pode substituir o sal, também designada "sal verde" ou "espargos do mar".

[35] Definição de MARMOTO: Homem que trabalha nas marinhas de sal e dirige a sua exploração, sendo este o nome que prevalece no salgado da Ria de Aveiro. O mesmo que salineiro *in* DIAS, Diamantino. *Glossário – Designações relacionadas com as Marinhas de Sal da Ria de Aveiro.* Edição da Câmara Municipal de Aveiro. Aveiro, Portugal. 1996. p 60.

[36] Informação explicativa vista em Pais com ciência projeto Ciência & Arte nos alimentos, Vila Nova da Barquinha. http://paiscomcienciabarquinha.wordpress.com/eixo-tematico-3-explorando-diversas-formas-de-conservacao-de-alimentos/ |Consultado Mar. 2014|



31. FOTOGRAFIA DAS SALINAS DO SAMOUCO | ALCOCHETE, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

PRODUÇÃO DE SAL EM PORTUGAL

No passado existiram referências da presença de explorações salícolas em praticamente todas as zonas estuarinas e lagunares da costa portuguesa. Atualmente, a atividade encontra-se apenas presente a sul da Ria de Aveiro – de Norte para Sul estão presentes, na Ria de Aveiro, na Figueira da Foz, Lagoa de Óbidos, estuário do Tejo, estuário do Sado, estuário do rio Mira e Algarve. Existem ainda as explorações salinas de interior, em Rio Maior e em Leiria.
As salinas a Norte de Aveiro localizaram-se em Caminha, Foz do Douro, Cávado, Ave e Salir do Porto. No entanto todas desapareceram devido à economia local e também devido à dinâmica da orla costeira, não existindo hoje quaisquer vestígios dessas salinas.
As salinas portuguesas podem agrupar-se segundo regiões e segundo os métodos de produção de sal. Deste modo, o primeiro grupo inclui Aveiro e Figueira da Foz. Seguem-se as salinas do Tejo, do Sado e as do Algarve e, por fim, agrupam-se as salinas interiores.
Hoje em dia, a maioria dos salgados encontram-se ameaçados. Ao longo dos últimos 20 anos registou-se uma perda de cerca de 50% na produção devido ou à destruição ou à transformação de salinas. Por estas razões é importante procurar estratégias de defesa e valorização do sal tradicional.

AVEIRO | FIGUEIRA DA FOZ

As salinas de Aveiro e da Figueira da Foz apresentam a mesma tipologia e tecnologia. Tratam-se de salinas de áreas inferiores a 10ha, com cerca de 7 a 9 compartimentos. A colheita do sal é realizada de 3 em 3 dias, sendo as únicas com tão elevado número de apanha de sal em Portugal.

SALINAS DO TEJO

Existiram três tipos de salinas no Rio Tejo, as de cabeceiras, de corredores e as que juntavam os dois tipos. A tipologia considerada como a mais primitiva é a salina de cabeceiras: talvez por isso sejam as mais raras hoje em dia. Por outro lado a de corredores encontra-se com relativa facilidade também devido à sua grande dimensão (40 a 50ha). A última tipologia já não se encontra em local algum no Rio Tejo, pertencendo apenas ao universo abstrato – memória.
A apanha de sal nesta região acontece por norma 6 vezes por safra (ano).

SALINAS DO SADO - Setúbal e Alcácer do Sal

As chamadas salinas setubalenses adotaram nos anos 30 a metodologia das salinas de Aveiro/Figueira da Foz numa tentativa de modernização da sua produção, originando um fluxo migratório periódico de trabalhadores de Aveiro para as salinas do Sado.



32. FOTOGRAFIA DE SALINAS | RIA FORMOSA, FARO, PORTUGAL | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO

ALGARVE – Ria Formosa e Castro Marim

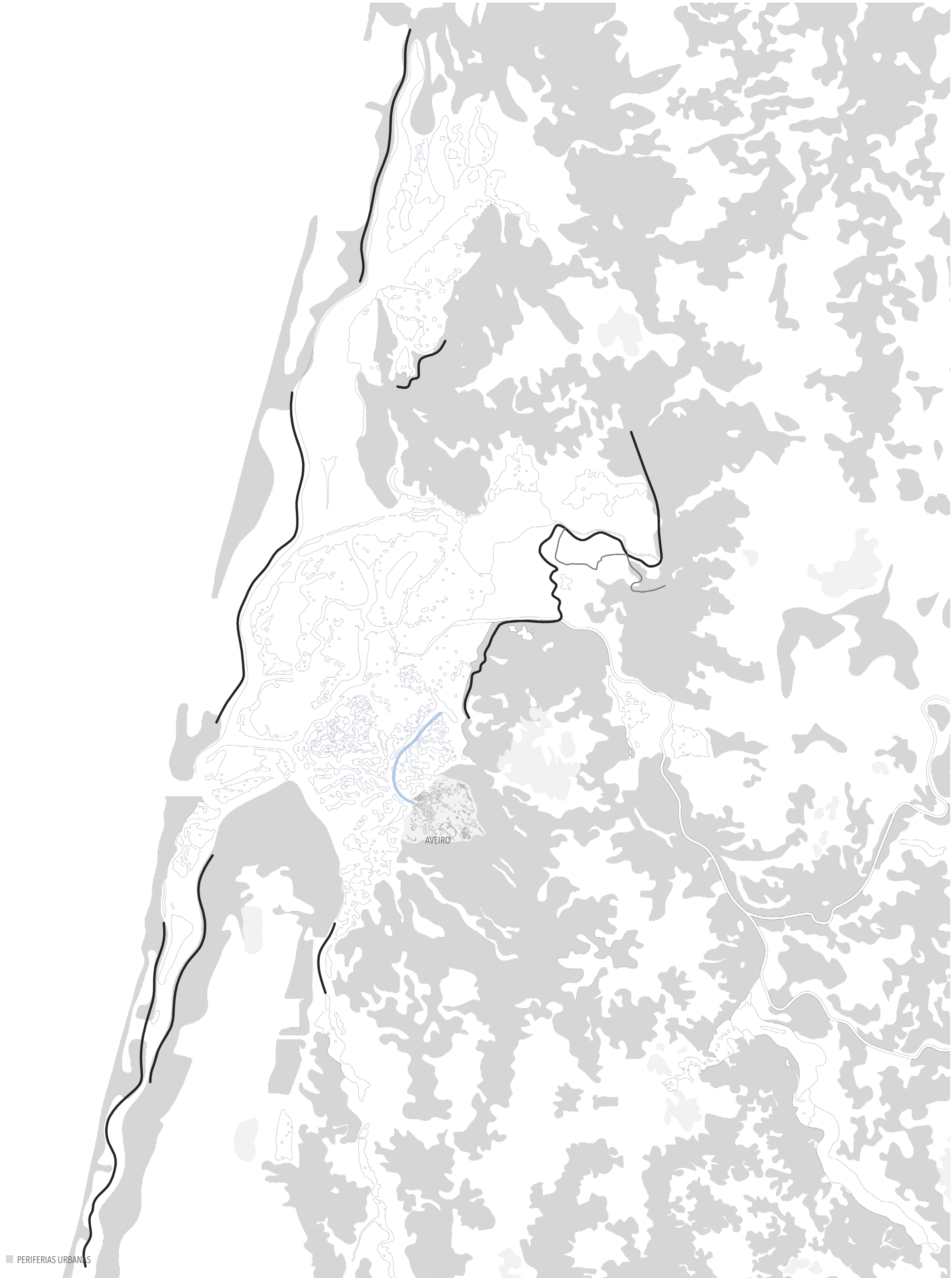
Foi a única região do país que nos anos 60 registou uma verdadeira industrialização, o que num curto espaço de tempo significaou passar a ser a maior região produtora de sal. As salinas de Castro Marim são detentoras das marinhas mais simplificadas de Portugal e hoje em dia têm bastante notoriedade. A extração de sal na região algarvia ocorre 5 a 7 vezes por safra.

SALINAS INTERIORES

Também conhecidas por salinas solares, uma vez que o sal cristaliza por evaporação a partir de nascentes salgadas. Até ao século XX existiam apenas as salinas de Rio Maior mas em meados do século foram descobertas nascentes salgadas em Leiria, zona que passou a ser então explorada.

Entre os anos 50 e 60, período considerado áureo para a produção de sal no país, foi realizado pela Comissão reguladora dos produtos químicos e Farmacêuticos, um inquérito à indústria salineira. Quarenta anos depois (no ano 2000) encontravam-se apenas ativas 88 das cerca de 1180 salinas ativas em 1960 (Renato Neves, 2005, p 132).[37] Pode-se concluir que devem ser tomadas medidas de preservação e mesmo de reativação destes territórios. Os produtos artesanais retirados desta atividade têm elevada procura no mercado. Se Portugal produz sal desde sempre (encontram-se registos dessa produção desde muito cedo), porquê deixar de o produzir?

[37] NEVES, Renato. *Os salgados portugueses no século XX - que perspectivas para as salinas portuguesas no século XXI?*. Porto. 2005. Trabalho apresentado no Seminário internacional sobre o sal português, realizado no Instituto de História Moderna da Universidade do Porto. http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7975.pdf. |Consultado Nov. 2013|.



ESQUEMA REPRESENTATIVO DOS PERCURSOS NA RIA DE AVEIRO



33. Percurso Costa Nova | Mira



34. Percurso Costa Nova | Mira

REDE DE PERCURSOS NA RIA DE AVEIRO

No projeto Horizonte Portugal, o autor considera que todo o território português se encontra coberto por uma vasta e extensa rede de conexões que demarcam vários itinerários de identidade, com o propósito de dar a conhecer o nosso território.

"... lugares desconhecidos inimagináveis, ficam assim perto de si." (Duarte Belo, 2013)[38].

Para criar novas dinâmicas de leitura das nossas paisagens propõe-se a integração de uma outra rede de conexões, mais especificamente na zona da Ria de Aveiro.
Uma rede de percursos cicláveis e pedonais, como forma de promover a vivência nas zonas costeiras e margens lagunares da Ria de Aveiro, a par da melhoria da navegabilidade na própria Ria. Em relação à localização destes percursos, estes situam-se em zonas de paisagem diferenciadas, com o objetivo de promover várias localidades, núcleos piscatórios diversos e requalificar a paisagem envolvente, tendo em vista uma requalificação e melhoria global da Ria de Aveiro.
O esquema ao lado indica a localização dos vários percursos propostos pelo programa Pólis Litoral da Ria de Aveiro, existindo (de cima para baixo) um na frente lagunar de Ovar, dois no Concelho da Murtosa, também na sua frente lagunar, outros dois na frente lagunar de Estarreja e Aveiro (com ouro percurso agregado já existente – percurso de Fermelã), outro ainda na frente lagunar de Ílhavo, mais um na Costa Nova a Mira e outro na frente ribeirinha de Mira. No total são sete percursos, isto é, sete "observatórios da Paisagem".
Estes percursos são pensados com base na adaptação de caminhos rurais ou caminhos em salinas já existentes, percursos cicláveis e pedonais com recurso à implementação da mesma tipologia e linguagem em todos. O maior percurso – Costa Nova | Mira – já se encontra em construção, sendo por isso possível revelá-lo (na presente página).

[38] Frase de Duarte Belo preferida numa aula do 5ºano (2013-2014), turma da Arq. Inês Lobo e do Arq. João Vaz. Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitetura. 2013.

































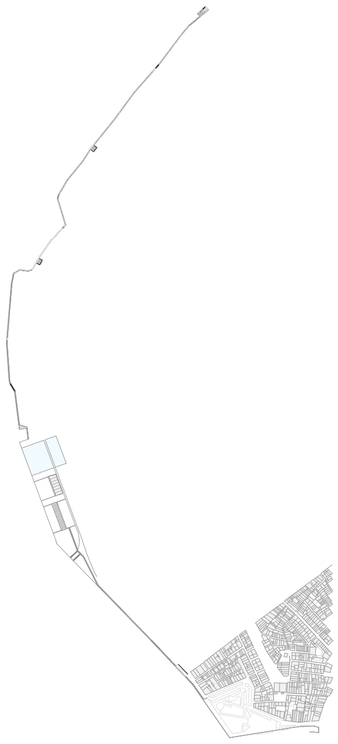



Diagrama do percurso proposto

PERCURSO DE CONEXÃO CIDADE - SALINAS

São as características naturais de Aveiro que lhe conferem condições para promover a mobilidade urbana sustentável, seja mobilidade pedonal, ciclável ou navegável através dos canais, com recursos aos moliceiros[39].

Assim, o percurso a desenvolver e que melhor se integra nos princípios do projeto Horizonte Portugal restabelecerá a ligação do centro da cidade às salinas, conexão que se foi perdendo com o passar do tempo.

Este percurso divide-se em três secções, sendo a primeira a paisagem urbana, a segunda a zona do aterro construído para albergar a Lota de Aveiro (futuro Centro de Investigação da Paisagem) e as suas infraestruturas – território de transição entre a cidade e as salinas – e a terceira secção, que já se encontra no território de paisagem natural, as salinas.

O observatório da paisagem é então este novo percurso que se propõe. Situa-se entre o limite dos canais (território natural) e a cidade/salinas (território construído), com uma extensão de terreno de cerca de 3km.

O percurso com 2m de largura será construído em brita de tijolo, em parte devido à abundância deste material no distrito de Aveiro e ao seu uso habitual na arquitetura da região. As guias que fazem a separação do percurso com o solo e vegetação das salinas serão em madeira. Por fim, nas estradas de serviço na zona do aterro a materialidade, será novamente utilizado o tijolo, embora não tão fragmentado.

As plataformas que estabelecem relação com o percurso/observatório da paisagem têm duas funcionalidades conforme se encontrem na zona do aterro ou nas salinas. Na zona das marinhas operam como miradouros ou zonas de estadia e uma das plataformas, que se encontra no término do percurso pedestre e ciclável, funciona como pequeno terminal de entrada e saída de passageiros da rota dos moliceiros (opção do percurso navegável).

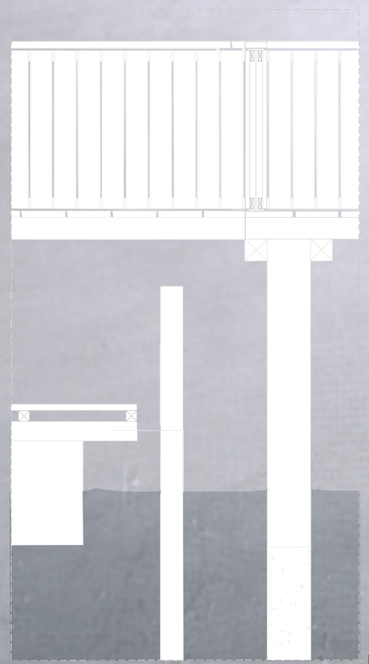
As restantes plataformas que se encontram no aterro têm uma função mais variável, conforme o programa que cada edifício que lhe fica adjacente lhe confere. Dadas as características de resistência e estabilidade, o material a usar neste caso será o betão.

O percurso na zona das salinas é em madeira em reminiscência das construções palafíticas que existem ainda na Ria. As restantes plataformas, ainda no aterro, são em betonilha afagada, por ser adequada a diversos usos futuros, podendo ou não ser pigmentada.

35. FOTOGRAFIAS ATUAIS DO PERCURSO DE TRANSIÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO URBANO E O NATURAL (lêem-se as imagens da esquerda para a direita de cima para baixo)

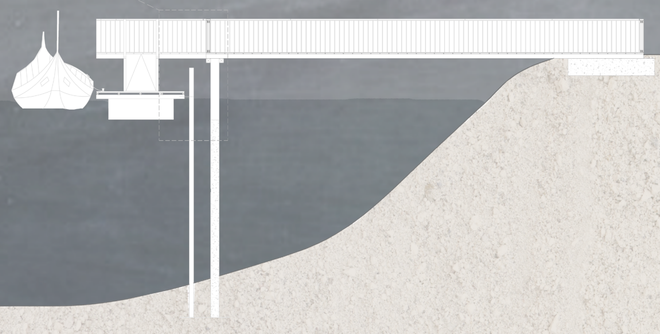
[39] Definição de MOLICEIRO: Todas as embarcações da Ria são idênticas, com ligeiras diferenças de acordo com a utilização a que se destinavam. São embarcações leves, seguras de fundo chato e com pouco calado. A presença de vento na zona fez com que surgissem as velas e o leme (para tirar partido do vento). Os moliceiros serviam para o transporte de algas, limos e junco que se colhiam na Ria para serem utilizados como fertilizantes naturais. *in* MARQUES DA SILVA, António e LOPES, Ana Maria. *Bateiros da Ria de Aveiro, memórias e modelos.* Edição da Câmara Municipal de Ílhavo e o do Museu marítimo de Ílhavo. 1ª edição. Aveiro, Portugal. Outubro de 2011. p 16.

CORTE
| abrir |



PORMENOR CONSTRUTIVO, escala 1/20



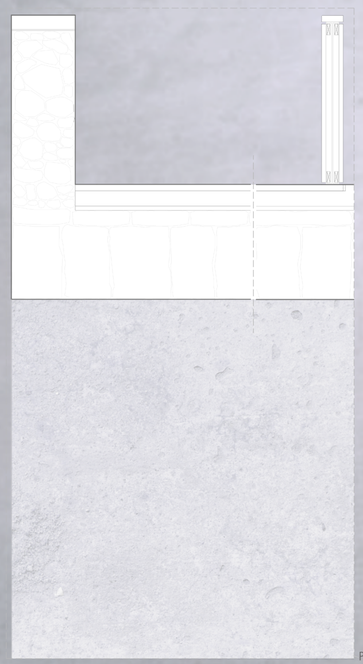


 CORTE CONSTRUTIVO TRANSVERSAL NA ÚLTIMA PLATAFORMA (DE DESEMBRAQUE/EMBARQUE) DO PERCURSO PEDONAL, escala 1/200



CORTE
| abrir |

36. A PAISAGEM DA RIA SEGUNDO O PERCURSO PROPOSTO, vista aérea atual



PORMENOR CONSTRUTIVO, escala 1/20



CORTE CONSTRUTIVO TRANSVERSAL NA PONTE DAS PIRÂMIDES (AINDA NA PAISAGEM URBANA), escala 1/200



37. Percurso pedonal em Algar Seco - Carvoeiro, Algarve

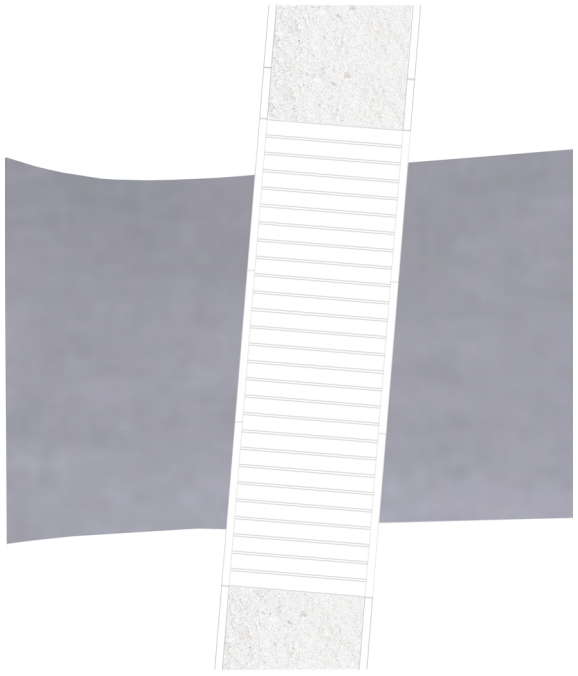


38. Percurso pedonal em Algar Seco - Carvoeiro, Algarve

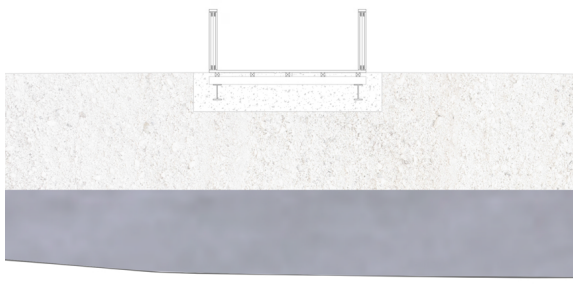


39. Outra perspetiva do mesmo percurso pedonal

Os cortes do percurso têm como objetivo melhor representar as plataformas, as pontes e o percurso em si no contexto da paisagem na qual se inserem.
Como imagens referência apresentam-se ao lado imagens referentes ao projeto do percurso pedonal ao longo da encosta da praia do Carvoeiro, um dos vários exemplos de percursos na paisagem em Portugal.



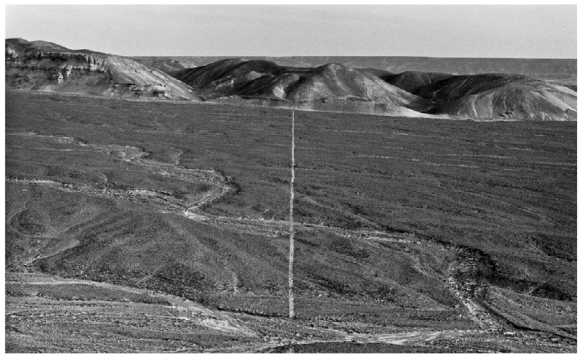
VISTA EM PLANTA DE UMA DAS QUATRO PONTES DE MADEIRA NO PERCURSO NAS SALINAS, escala 1/100



CORTE CONSTRUTIVO DA MESMA PONTE REFERIDA EM CIMA, escala 1/100



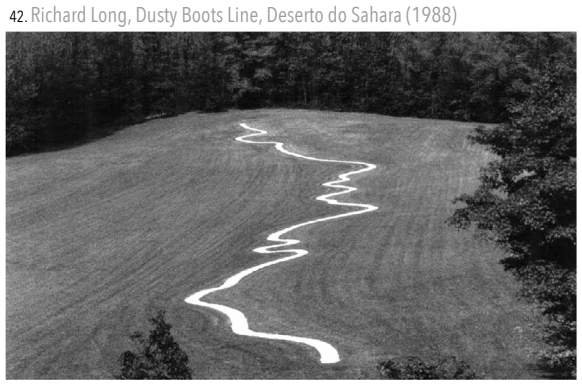
40. PAISAGEM E O ATO DE CAMINHAR, SEJA NUM PERCURSO DEMARCADO (o caso) OU DEAMBULAR PELA PAISAGEM | RIA FORMOSA, ILHA DA CULATRA, PORTUGAL | 2014 | Fotografia
MARGARIDA BELO



41. Richard Long, Walking a line in Peru (1972)



42. Richard Long, Dusty Boots Line, Deserto do Sahara (1988)



43. Richard Long, River Po Line, Itália (2001)



44. Richard Long, Karoo Line, África do Sul (2004)

PAISAGEM E O ATO DE CAMINHAR

O ato de caminhar está para Jean-Marc Besse – no ensaio *Estar na paisagem, Habitar, Caminhar*[40] – diretamente relacionado com o ato de transformar o território (a paisagem). Habitar não é um termo apenas aplicável à casa, pode também aplicar-se à paisagem. As paisagens transformam-se deste modo em espaços do habitar humano, não devem ser separadas da vida quotidiana, não devem ser vistas como horizontes apenas para contemplar ou como territórios para transformar.

A paisagem faz parte das nossas identidades pessoais e coletivas, é onde nos inserimos e participamos no mundo. Tal é a ideia que o antropólogo Tim Ingold defende "A paisagem (...) não é um todo sobre o qual quem quer que seja possa lançar o olhar, ela é, sobretudo, o mundo no interior do qual nos situamos ao assumir-mos um ponto de vista (...)."[41]

O que é habitar a paisagem? Acontece através do uso, as paisagens deviam ser espaços de reunião e espaços de celebração. "Eis algumas das características que dão a uma paisagem a sua natureza única, que lhe dão um estilo e que fazem com que a recordemos com emoção." (tradução, John Brinckerhoff Jackson citado por Jean-Marc Besse, 2012).[42]

O corpo adquire um papel relevante nas experiências paisagísticas, o peão é o construtor da paisagem urbana – "corpo urbano" (Jean-Marc Besse, 2012)[43] – e o ato de caminhar, a descrição e a memória, participam na requalificação dos espaços como Sonia Lavadinho declara "caminhando na cidade, faço acontecer a cidade, participo na sua co-construção."[44] Podendo fazer-se o paralelismo desta afirmação dizendo que caminhar faz do local um acontecimento. Seja este um local urbano ou rural, ativa-se o território.

[40] Jean Marc Besse, Filósofo francês, doutorado em História (Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne) é o atual director de pesquisa na CNRS sobre geografia e cidade.
in LOPES CARDOSO, Isabel. *Paisagem Património*. Dafne Editora e CHAIA. 1ª Edição. Porto, Portugal. 2013. pp 33-53.

[41] Tim Ingold (1948 -), antropólogo inglês e atual diretor do departamento de antropologia social na University of Aberdeen.
Citação em *The perception of environment. Essays in livehood, dweeling and skill*. citado por Jean Marc Besse *in* (idem). p 35.

[42] John Brinckerhoff Jackson (1909-1996), nasce em França de pais americanos, foi escritor e artista sobre paisagem e ainda editor da revista paisagem de 1951 (primeiro número) até 1968.
Citação presente em *De la nécessite des ruines*. citado por Jean Marc Besse *in* (idem). p 37.

[43] Jean Marc Besse (idem). p 49.

[44] Sonia Lavadinho, investigadora no centro de transportes da École Polytechnique Fédérale de Lausanne.
Citação em *Le marcheur urbain, actant de la ville*. *in* (idem). p 49.



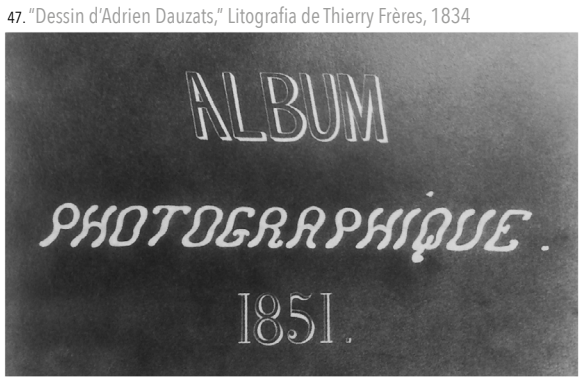
45. FOTOGRAFIA DE PAISAGEM, PERSONIFICAÇÃO DO TEMA (Paisagem Trás-os-Montes 1957) | 2014 | Fotografia antiga Avô, Fotografia atual MARGARIDA BELO



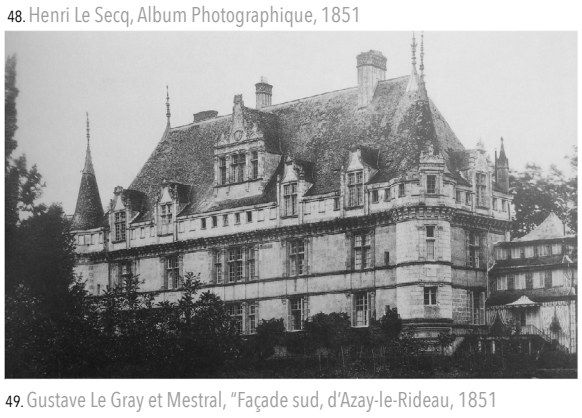
46. Duarte Belo, fotógrafo de paisagem, do projeto Horizonte Portugal



47. "Dessin d'Adrien Dauzats," Litografia de Thierry Frères, 1834



48. Henri Le Secq, Album Photographique, 1851



49. Gustave Le Gray et Mestral, "Façade sud, d'Azay-le-Rideau, 1851

FOTOGRAFIA E PAISAGEM

A relação da fotografia com a paisagem inicia-se no século XIX, quase em simultâneo com o aparecimento da fotografia, sendo também desde logo uma forma importantíssima de registar as alterações na paisagem (David Nye *in* Ana Cardoso Matos, 2012)[45], bem como as inovações tecnológicas e construtivas que viriam a surgir.

As fotografias fixam determinado lugar no tempo. Uma fotografia tirada em movimento, por exemplo no comboio, fica com o que lá estiver registado, esbatido. Portanto fotografar paisagem e fotografar paisagem em movimento é diferente.

As imagens fotográficas passam a aparecer replicadas em guias e roteiros turísticos como forma de publicitar locais a visitar e assim contribuir para a construção de uma identidade visual do nosso país (como o projeto Horizonte Portugal se encontra a compor atualmente), propõem sítios a visitar, monumentos, destacam edifícios, entre outros, juntos contribuem para a "construção de um olhar sobre a paisagem" (trad. Charles-François Mathis *in* Ana Cardoso Matos, 2012)[46].

A técnica da gravura (litografia) era considerada a mais apta para representar a arquitetura e a paisagem até ao aparecimento da fotografia. A origem dos arquivos fotográficos surge com a primeira reportagem fotográfica encomendada pelo Estado francês em 1851 (Missão Heliográfica) que incidiu sobre o território e os monumentos em França. Esta campanha marca o reconhecimento oficial da fotografia doze anos depois de Daguere a ter inventado. Assim foi possível a reprodução fiel das paisagens e também a respetiva multiplicação e difusão em várias publicações.

Os cinco fotógrafos da Missão Heliográfica, que procuravam em França monumentos que estivessem quase em ruína e necessitassem de reparação urgente, faziam parte da Sociedade Heliográfica e eram, Baldus, Bayard, Le Secq, Le Gray e Mestral.

O grande objetivo dos arquivos fotográficos deve ser o de revelar e não o de sucumbir a ser apenas mais uma massa de imagens, devem construir uma memória significativa do que pretendem conservar (neste caso monumentos, paisagens, etc – seja no caso da Missão Heliográfica ou do projeto Horizonte Portugal).

Estes arquivos são assim um elemento de conservação e de difusão que só assim revelam a criação artística.

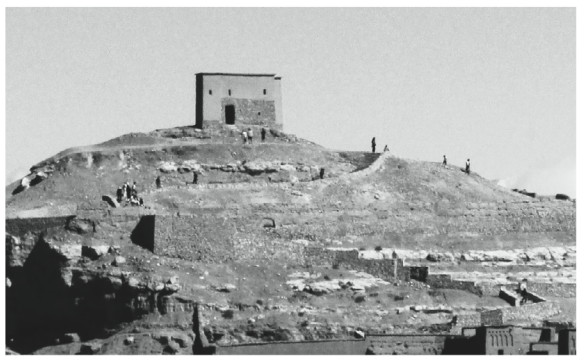
[45] David Nye, arquitecto inglês nascido em 1906.
Citação *in Narratives and spaces. Technology and the construction of American Culture.* New York. Columbia University Press.1997.p 4. citado por Ana Cardoso Matos *in* LOPES CARDOSO, Isabel. *Paisagem Património.* Dafne Editora e CHAIA. 1ª Edição. Porto, Portugal. 2013. p 137.

[46] Charles-François Mathis, professor convidado na Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne em História das civilizações: História do mundo moderno, contemporâneo, da arte e da música é ainda investigador associado ao Centre Roland Mausnier.
Citação *in* "Chemins de fer et vision des paysages anglais" in Histoire, économie et société. nº1. 2005. pp 135-13. citado por Ana Cardoso Matos (idem). p 141.

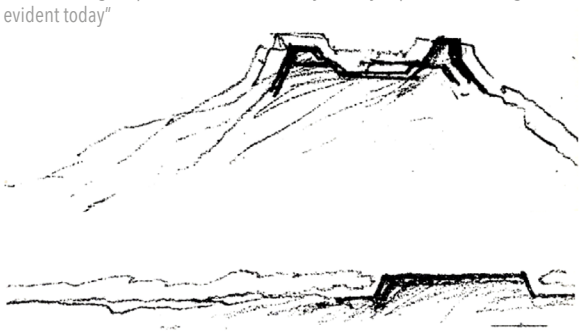
5 | TRANSIÇÕES TERRITORIAIS |



50. MONTE ALBAN - DOS PRIMEIROS EXEMPLOS DE CONSTRUÇÃO SOBRE UMA PLATAFORMA | MÉXICO | 2013



51. Marrocos (viagem de Utzon em 1949). "He hiked through the Atlas Mountains drawing inspiration from the anonymous yet poetic hill villages still evident today"



52. Plataforma no Monte Alban, México | Plataforma em Yutacan, México – Esquiços feitos por Utzon

PLATAFORMA NO TERRITÓRIO

A plataforma onde assentam os edifícios do antigo porto de pesca costeira de Aveiro é o elemento de transição entre o território da cidade e o território natural (ainda que tenha sido manipulado pelo Homem) das salinas e tanques de aquacultura da Ria.

PLATAFORMA
s.f. (Do fr. *plate-forme*). 1. *Constr.* Espaço descoberto que substituiu o telhado ou parte dele. ≈ AÇOTEIA, EIRADO, TERRAÇO. 2. *Constr.* Alicerce que abrange a totalidade da área de um edifício. 3. *Mil.* Estrutura de madeira ou terra sobre a qual assentam peças de artilharia. 4. *Tecnol.* Construção edificada no alto mar que serve de apoio à exploração petrolífera. (...).[47]

O uso do conceito da plataforma na arquitetura teve início nas antigas civilizações com a construção de edifícios em plataformas sobre-elevadas do solo.
Na antiguidade os edifícios encontravam-se sobre plataformas de forma a enaltecer a importância simbólica da edificação em causa, sendo estas construções habitualmente templos ou locais de inumação. Na arquitetura moderna as plataformas têm um simbolismo quase oposto, sendo utilizadas mais frequentemente como espaços para os serviços técnicos dos edifícios.
Na origem da construção de plataformas estas eram aglomerados de terra que rapidamente foram substituídos por construções mais resistentes em pedra. Alguns exemplares destas construções podem encontrar-se no Egito onde uma das maiores plataformas construídas na antiguidade pode ser visto – o templo funerário da Rainha Hatchepsut em Luxor. Na Grécia clássica a plataforma foi também um conceito bastante utilizado, mas a sua formalização era ligeiramente diferente, mais estilizada: a laje era comparativamente mais plana do que no caso das plataformas da civilização Maia onde a escala da plataforma era desproporcional à da construção assente sobre esta. Por fim na China as plataformas eram grandiosas estruturas de alvenaria sobre as quais assentavam as edificações de madeira.
Em 1962, o arquiteto Jørn Utzon publica um artigo na revista Zodiac (nº10) intitulado "Platforms and plateaux" a propósito de uma viagem que tinha realizado em 1949 aos templos Maias, tendo ficado impressionado pela transição da alta densidade arbórea da selva e o oposto que se sentia nas plataformas dos templos.

[47] *in* Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Produção da Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. Volume II G-Z. Verbo. 2001. edição nº 2627



53. ÓPERA DE SYDNEY, de JØRN UTZON, EXEMPLO DE CONSTRUÇÃO SOBRE UMA PLATAFORMA | SYDNEY, AUSTRÁLIA | 2003 | Fotografia MARGARIDA BELO



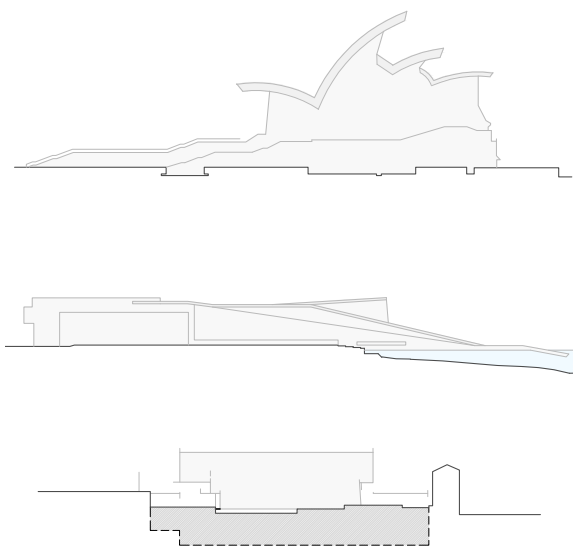
54. Ópera de Sydney, outra perspetiva da plataforma



55. Ópera de Oslo construída sobre uma plataforma, Atelier snøhetta



56. Teatro e auditório em Pointiers, uma outra visão de um projeto/plataforma, Arquiteto Carrilho da Graça



Cortes esquemáticos, (de cima para baixo) Ópera de Sydney, Ópera de Oslo e Teatro e auditório em Poitiers

Vários projetos na viragem do século XIX para o século XX foram caracterizados pela nova relação que propunham entre o edifício e o solo. Essa nova proposta foi teorizada por Hans Sedlmayr como "drawing the very art of building itself away from earth"[48]. Logo, a plataforma passou a estar de novo em voga.

No projeto que elaborou para a Ópera de Sydney (1957-1973) Utzon quis explorar essa sensação de transição da densidade (cidade) para um espaço infinito/livre que a introdução do tema da plataforma permitia. Foi também na laje oca – a plataforma – onde colocou os serviços técnicos de apoio à ópera, ficando em cima centradas as funções públicas do projeto.

A plataforma estabelece assim uma relação de continuidade, a um nível topográfico, com a envolvente. É um prolongamento do espaço público da cidade.

Na continuação do século XX o conceito da plataforma não foi tão utilizado quanto na antiguidade mas é possível referir dois projetos recentes que o empregam: o projeto da Ópera de Oslo, na Noruega do atelier Snøhetta e o projeto do teatro e auditório em Poitiers, em França do arquiteto Carrilho da Graça.

O primeiro combina a ideia de Utzon com a ideia de Rem Koolhas, na qual um projeto deve ser quase como um passeio arquitetónico – arquitetura tem a força de sustentar a vida pública[49] – e o segundo prolonga a topografia através de terraços públicos. A plataforma de certa forma constrói simultaneamente cidade e projeto. Neste caso, o programa é colocado em dois volumes retangulares cuja materialidade exterior (vidro opalino) pretende dar a sensação de leveza sobre a base em que está inserido.

Em jeito de conclusão "a plataforma desempenha a função de introdução funcional ao piso nobre" (trad. Corbusier)[50], é essa a ideia que se pretende recriar no projeto – a plataforma é espaço público e funciona como introdutora para os vários programas propostos. Ainda mencionando Corbusier, a cobertura do seu projeto da unidade de habitação em Marselha é desenhada como sendo uma grande praça pública ocupada por várias construções de carácter coletivo/público, sendo que a implantação desses volumes programáticos na "praça" possibilita uma leitura de vários ambientes. Acontece o oposto nas praças convencionais onde existe um centro desocupado rodeado de edificações e programas.

No fundo podemos comparar a cobertura do projeto de Corbusier com a plataforma onde se está a trabalhar, analisando-as como espaços públicos ("praças") que através da inserção estratégica dos programas públicos conseguem gerar ambientes diferentes.

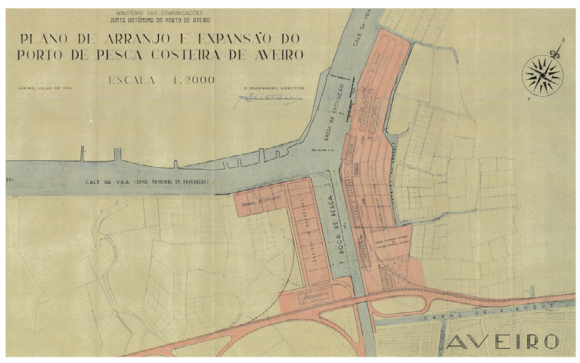
[48] MACEDO, Maria. *Reconstrução do aterro. Espaços de Água, de Sol e de Sombra na margem de Lisboa.* 2012. Trabalho de síntese apresentado à Universidade Autónoma de Lisboa - Departamento de Arquitetura - como prova de capacidade científica. citação retirada da p 09.

[49] Prémios Pritzker. Past Laureates – Rem Koolhaas 2000 Laureate. *http://www.pritzkerprize.com/laureates/2000* |consultado em Set. 2014|.

[50] WESTON, Richard. *100 ideias que mudaram a arquitetura I* (nº16 - A plataforma). trad. Lúcia Leitão. Edição Público, comunicação social, SA. Lisboa, Portugal. 2014. p 38.



57. FOTOGRAFIA AÉREA DA PLATAFORMA - INCIDÊNCIA NA LOTA E ARMAZÉM DE REDES | AVEIRO, PORTUGAL | início dos anos 60



58. Plano de arranjo e expansão do Porto de Pesca Costeiro de Aveiro, Julho de 1956 (plano de expansão a vermelho, não executado), escala 1/2000

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

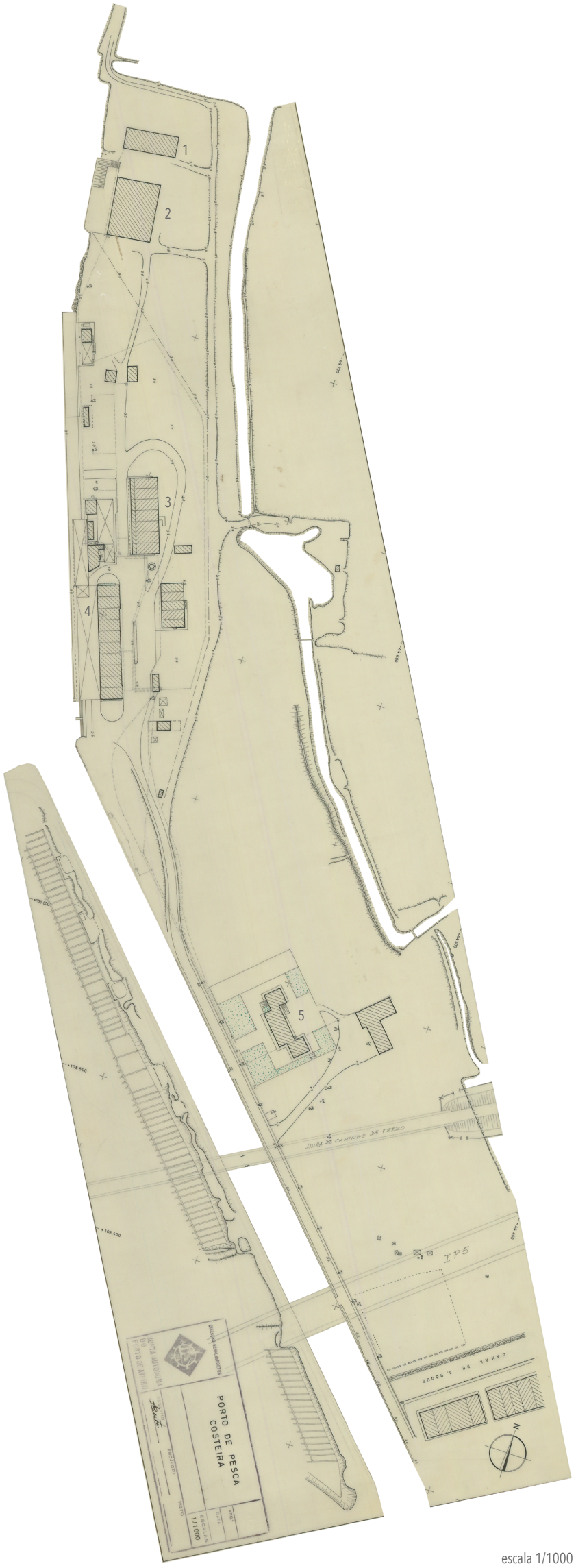
ANTIGO PORTO DE PESCA DE AVEIRO

O porto de Aveiro passou por períodos de recessão devido a alterações de caráter natural que, como já referido na presente dissertação, resultou no fecho da barra, impossibilitando a navegabilidade desde o oceano até ao pequeno porto de Aveiro (na altura).
Em 1802, os engenheiros Reinaldo Oudinot e Luís Gomes de Carvalho foram chamados a arranjar uma solução para a abertura e fixação da barra, tendo-se dado início às obras pouco tempo depois. O resultado foi a regeneração da Ria e consequentemente das povoações ao seu redor e do próprio porto de Aveiro.
Nos anos 20 os trabalhos para o melhoramento do canal da barra já a cargo de Von Hafe prosseguiram. Este engenheiro também idealizou o primeiro estudo para as obras do porto de pesca e do porto de comércio que projetou para o topo e margens do canal de S. Roque (junto a Aveiro).
Nesta altura surgiu a "Lei dos Portos" que se destinou a classificar os portos segundo a sua importância e função. Aveiro foi considerado um porto de 2ª classe, o que lhe proporcionou uma comparticipação do Estado para futuras obras de 40 a 60%. Sendo assim, em 1930 o porto recebe verbas para se iniciarem as obras do porto exterior (atual porto de Aveiro) e em 1945 recebe verbas para a construção da 2ª fase dos molhes da barra.
A construção dos molhes exigiu o transporte dos materiais (pedra, entre outros), da cidade para junto da barra. Tal só foi possível através do aterro que entretanto foi concretizado junto à cidade – à saída do Canal das Pirâmides – onde se guardavam os materiais para posterior transporte através de carris montados para o efeito. Assim surgiu a área de implantação do projeto proposto (Rui Paiva, 2014).[51]
Entre 1947 e 1958 decorre a construção da então 2ª fase dos molhes da barra. Para esta empreitada já se encontrava no cargo o engenheiro Coutinho de Lima que durante a sua longa permanência como diretor do porto de Aveiro executou e promoveu variadíssimas empreitadas, sendo as mais relevantes para o enquadramento histórico do antigo porto de pesca de Aveiro – área de implantação de projeto – as seguintes:
– "Dragagem de canais e esteiros e reconstrução de cais ribeirinhos para atender à navegação e ao tráfego de mercadorias no interior da ria.";
– "Elaboração dos planos de arranjo e exploração dos portos de pesca do largo (porto bacalhoeiro), do porto de pesca costeira e do porto comercial.";

[51] Entrevista ao Administrador do Porto de Aveiro Dr. Rui Paiva, a 17 de Abril de 2014.







1| GALITOS 2|COOPERATIVA 3|ARMAZÉM DE REDES 4|ARMAZÉM E FRIGORÍFICO DE PEIXE (LOTA) 5| CIPA (CASA DOS PESCADORES)

escala 1/1000

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO PORTO DE PESCA COSTEIRA DE AVEIRO EM 1999, COM A RESPETIVA INDICAÇÃO DOS EDIFÍCIOS

"Projeto de execução das obras terrestres do porto de pesca costeira.";
– "Projeto e execução dos acessos e vias terrestres nos 4 sectores portuários do esquema geral."

(João de Oliveira Barrosa, 2002)[52]

O projeto inicial do Eng.º Von Hafe para os portos de pesca e de comércio exigiu alterações. Das várias alterações a mais relevante foi a localização do porto de pesca costeiro que o Engº Coutinho de Lima propôs que fosse no aterro que tinha servido de local de armazenamento e transporte dos materiais para a barra. Esta zona estava já a ser utilizada para a descarga da sardinha, que assim ficava mais perto da cidade, bastou por isso complementar-se a plataforma com os restantes equipamentos necessários: a Lota, armazéns para comerciantes, armazém de aprestos, equipamentos para armazenar o peixe – câmaras frigoríficas – local para tratamento das redes, eletricidade, água doce, esgotos e por fim arruamentos.

Neste local, o porto de pesca serviu as localidades da Ria durante 40 anos (de 1959 a 1999), até à inauguração do moderno porto de pesca no canal de Mira, estando o reminiscente do antigo porto de pesca ao abandono. Apenas restam como agentes de memória de um antigo uso programático, a Lota e o edifício de armazém dos comerciantes e das redes. É esta memória que se pretende manter na proposta do projeto.

[52] Informação retirada de |Autor ?|. *Coutinho de Lima, in memoriam*. 1ª edição. Edição APA, s.a. Aveiro, Portugal. 2002. pp 13-18.



59. "BARCELONA, NACIMIENTO DE LA DIAGONAL", (fotografia *in Terrain Vague*) | BARCELONA, ESPANHA | 1979 | Fotografia MANOLO LAGUILLO

OLHAR PARA O TERRITÓRIO AO ABANDONO

Tendo em consideração o estado atual deste fragmento de cidade – a plataforma – pode-se tentar analisar este território como sendo ou não um lugar antropológico, segundo as classificações de Marc-Aúge.[53]

No seu livro intitulado "Não-lugares" Augé diz que no final do século XX a antropologia tinha como um dos seus maiores interesses a investigação de lugares antropológicos que fossem suporte a sociedades e que para além disso fossem lugares que estabelecessem relações únicas de identidade.

Um lugar antropológico tem de apresentar as seguintes características: ser identitário, relacional e histórico, portanto um não lugar é aquele que não apresenta essas características. O território onde assenta o antigo porto de pesca costeira de Aveiro é um lugar que atualmente não recai em nenhum desses critérios pois já foi um "lugar" e mesmo ao abandono tem presentes as características de ser um local histórico e identitário, falta-lhe apenas o "relacional" que os programas propostos pretendem trazer e com isso reativar a plataforma.

É interessante ainda neste campo do "olhar para o território" ver a perspetiva de Solà-Morales no seu texto Terrain Vague[54] de 1995 e compará-lo com a realidade do território de projeto.

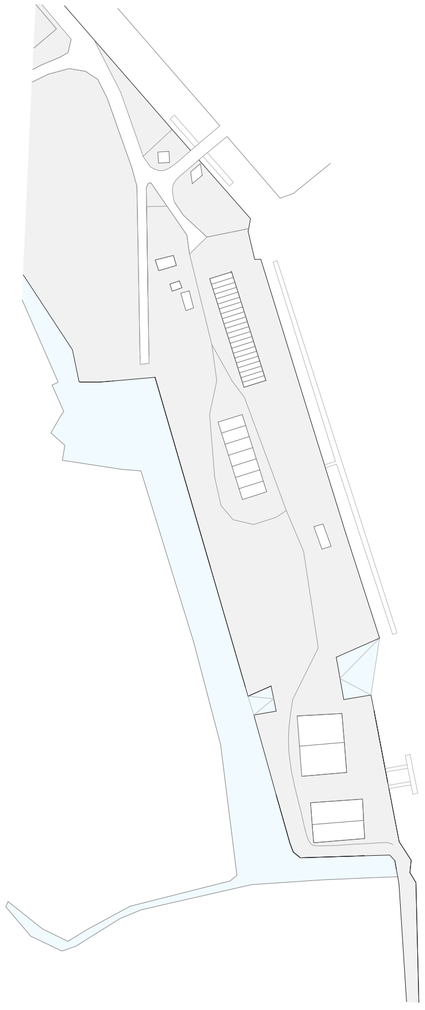
Foi através do trabalho de alguns fotógrafos nos anos 70 que Solà-Morales construiu uma forma singular de olhar para os espaços urbanos desativados ou esquecidos. O fascínio por esses espaços fez surgir a designação "terrain vague". Esse fascínio por um território desativado mas com as características já em cima enumeradas fê-lo surgir como local de implantação do projeto.

O espaço transitório e expectante que Solà-Morales de certa forma relança ao olhar do público fez voltar a olhar também para o texto "Theory of the dérive" de Guy Débord[55], escrito em 1958, como uma nova atitude de ativação para estes territórios através de programas em constante mutação. No fundo é mais uma "alínea" no tema do construir o construído.

A "Theory of the dérive" afirma a necessidade de se fugir à rotina. A certa altura o homem precisa de "deambular", procurar novos terrenos e partes da cidade que normalmente não frequenta. "*Men can see nothing around them that is not their own image; everything speaks to them of themselves. Their very landscape is alive*" (trad. Karl Marx, citado por Débord, 1958)[56]. No fundo é uma teoria similar ao olhar para os territórios abandonados que Solá-Morales propõe.

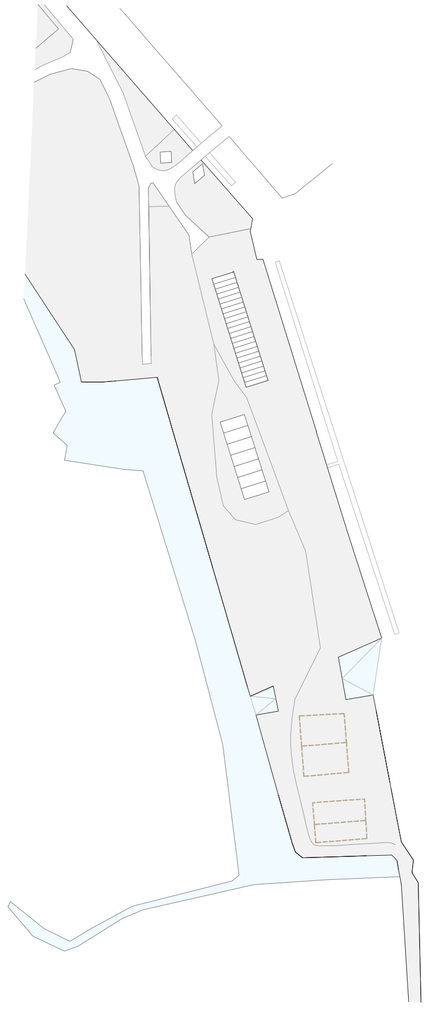
[53] Marc Augé (1935 -), etnólogo e antropólogo francês com várias obras publicadas, Não-lugares (1995) é uma das mais conhecidas.
[54] SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Territorios.* Editorial Gustavo Gili. Barcelona. 2002. (texto *Terrain Vague. 1995.* p 181)
[55] Guy Débord (1931 - 1994), escritor francês, foi um dos pensadores do século XX, o seu trabalho literário mais conhecido é *A sociedade do espectáculo*.
Theory of the dérive *in* DÉBORD, Guy. *Theory of the Dérive.* |em linha|consultado em Ago. 2014| Disponível em www.bopsecrets.org/SI/2.derive.htm
[56] Karl Marx citado por Guy Débord *in* (idem).

PLATAFORMA NA ATUALIDADE | 2014

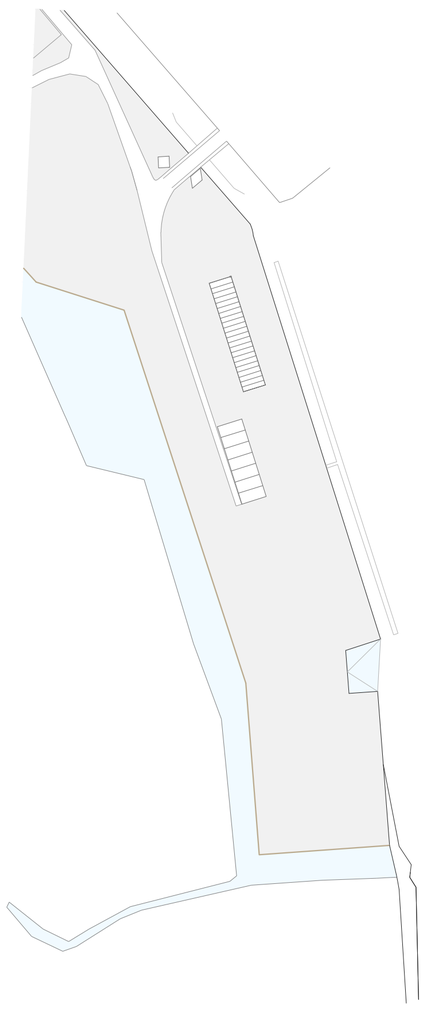


— — DEMOLIÇÕES NA PLATAFORMA

1 10 50
5
100m

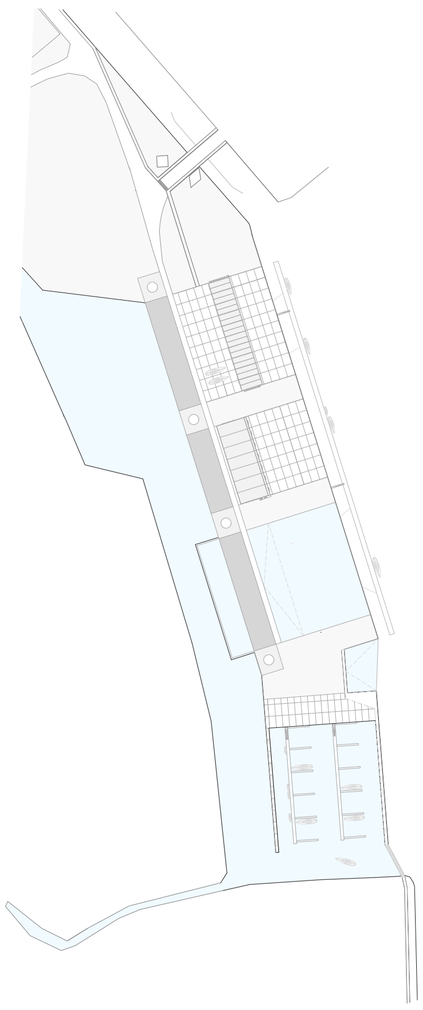


MODIFICAÇÃO DOS LIMITES DA PLATAFORMA
para dotar o canal secundário de condições para a prática desportiva e chegada ao estaleiro



PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO/REVITALIZAÇÃO DA PLATAFORMA

1 10 50
5
100m





60. Pavilhão de Barcelona, Arquiteto Mies Van der Rohe, Barcelona



61. PT Data Center, Arquiteto Carrilho da Graça, Covilhã, 2013



62. Las Arboledas, arquiteto Luis Barragán, Cidade do México,1962

EVOLUÇÃO DA FORMA

ÁGUA COMO GERADORA DE ESPAÇOS | a transformação da plataforma

Após a justificação do percurso proposto que foi o primeiro grande gerador da transformação territorial que se seguiu na plataforma, falta ainda mencionar a ação da água como agente primordial e transformador desta realidade.

Não se encontram documentados lugares de fixação humana onde não exista água, pois a água é um elemento fundamental na escolha desse mesmo lugar, e por isso o primeiro fenómeno de desenvolvimento de um povoado. A uma macro-escala a água afeta a matriz urbana de uma cidade ou de um território e pode ainda ser geradora de futuras expansões ou transformações. Numa perspetiva micro, a água é a geradora de ambientes e espaços, como é o caso da plataforma que se propõe neste projeto.

Vários foram os arquitetos que entenderam e explicaram esta relação entre a água e arquitetura nas suas obras, como por exemplo o arquiteto Siza Vieira, Louis Khan, Luis Barragan, Mies Van der Rohe, Carrilho da Graça entre outros.

"A água tornou-se o elemento móvel, instável, arcaico, enquanto que o "espaço" procura o balanço nas proporções. Nesta dialéctica entre ordem e movimento, a água estabelece uma dimensão inquatitativa enquanto a geometria procura possibilidades de medida." (trad. Antonello Marotta, 2014).[57]

Como se pode ver no esquema de evolução da configuração da plataforma, que se encontra na página seguinte, a principal operação realizada foi a devolução à Ria de algumas zonas da plataforma, pois a percentagem de uso da plataforma decresceu abruptamente para os 10% atuais devido à sua grande dimensão. Chegou-se ainda à conclusão que para o programa proposto – neste caso o Estaleiro – em primeiro lugar era necessário alargar os canais secundários e de forma a não perturbar o território das salinas. A melhor opção seria então desaterrar a plataforma. Em segundo lugar, para a inserção do porto de abrigo e das piscinas públicas teria de se permitir de novo a entrada da água na plataforma, desta vez como elemento gerador de novos espaços/programas.

[57] Antonello Marotta (1968 -), Arquiteto e estudioso de teoria de projeto italiano, professor na Universitá Degli Studi di Sassari, Dipartimento di Architettura, Design, Urbanistica.
in Waterscape – Designing settlements for sustainable coastal territories. *Architecture and Water.* http://waterscape.aaamaster.it/2014/06/architecture-and-water.html |consultado em Set. 2014|.



63. Matadero Madrid, várias intervenções de diversos arquitetos, 2014



64. Matadero Madrid – espaço público



65. SESC Pompeia, arquiteta Lina Bo Bardi, 1977-86, São Paulo, Brasil



66. SESC Pompeia, arquiteta Lina Bo Bardi, espaço cultural e de lazer, São Paulo, Brasil

DESCRIÇÃO PROGRAMÁTICA

A operação de reativação do território em estudo é uma operação em grande escala, em parte devido à área avultada que ocupa no território das salinas, mas também devido ao programa que lá se pretende instalar.

Tendo em consideração o percurso que estabelece a ligação da cidade com as salinas, a operação de transformação da plataforma subdivide-se em três áreas temáticas. A primeira que levou à descoberta deste local foi a integração do centro de investigação do projeto Horizonte Portugal na plataforma, com a reabilitação dos dois edifícios existentes. A segunda foi a reativação da plataforma para permitir um maior e melhor uso para a prática desportiva com a colocação no topo Norte de um Porto de abrigo e a transformação do canal secundário da plataforma num canal associado à prática do remo, canoagem e vela e ainda com um pequeno estaleiro e docas secas. Este corredor desportivo é coberto em toda a sua extensão, por uma cobertura de betão. Por último foi a integração de piscinas públicas e respetivos balneários onde parte da piscina se encontra ainda coberta por uma secção da cobertura que vem do "corredor" desportivo.

Uma parte da plataforma é assim devolvida à Ria e às salinas, e a restante gera novos programas e espaços.

Foram ainda elementos importantes para o desenvolvimento do projeto a reabilitação dos dois edifícios existentes na plataforma, sendo o primeiro o edifício da antiga lota de Aveiro que albergará o projeto expositivo do Horizonte Portugal e o segundo, o edifício que antigamente servia para armazenamento das redes de pesca, onde se irá colocar o Museu da Ria e respetivo centro de interpretação, com zona de alojamento para cientistas, fotógrafos, entre outros, no piso superior.

A intervenção nestes dois edifícios tem ainda em consideração um outro conceito, muito presente na zona de Aveiro, Costa Nova, Ílhavo... que são as construções vernaculares associadas à produção de Sal e à atividade da Pesca – os palheiros, construções em madeira. Por esse motivo, todas as infraestruturas necessárias à reconversão destes dois edifícios em centros expositivos, sejam estas i.s. ou salas escuras para projeção de imagens, serão em madeira.

É importante referir que o grande conceito subjacente a esta operação de projeto de reativação desta plataforma, transforma-a simultaneamente em espaço cultural, desportivo e de lazer onde se pretende alcançar uma ideia de utilização semelhante à do Matadero em Madrid[58] ou como a do SESC Pompeia[59] em São Paulo embora não esquecendo as diferenças programáticas entre esses projetos e o proposto.

[58] Matadero Madrid, antigo mercado de gado construído entre 1908 e 1928, com o novo século experimenta-se uma transformação arquitetónica (reversível se necessário). É um centro de apoio á criação artística.

[59] SESC Pompeia, reconversão de uma antiga fábrica, projeto da arquiteta Lina Bo Bardi de 1977, é atualmente um centro de cultura e lazer em São Paulo no Brasil que reune teatros, zona desportiva, piscina pública, centros expositivos, oficinas, entre outros programas.

7 | REABILITAÇÃO |



67. PESSOA A DESENHAR NO ANFITEATRO DE ARLES (tradução), OBJETO QUE FAZ PARTE DA HISTÓRIA DO LUGAR E DA CIDADE | 1851 | Fotografia de EDUARD-DENIS BALDUS

PATRIMÓNIO

s.m. (Do lat. Patrimonium). (...) 3. Conjunto dos bens materiais e imateriais transmitidos pelos antepassados e que constituem uma herança colectiva. *Compete ao estado e a cada cidadão a salvaguarda e valorização do património cultural. + nacional, mundial; + artístico, arquitectónico, cultural, natural. (...).*[60]

A noção de património começou a impor-se na opinião pública ao longo das décadas 70 e 80 do século XX. A conservação e o legado do património material e imaterial passou a estar associado às questões da memória e da pertença identitária. Tal como o historiador francês Pierre Nora afirmou – "o património saiu da época histórica para entrar numa época memorial"[61] – passando a estar inseparável do tema do património, as noções de memória e de identidade.

MEMÓRIA

s.f. (Do lat. memoria). 1. Capacidade de reter experiências passadas ou conhecimentos anteriormente adquiridos que se manifesta através de hábitos ou lembranças. (...) **memória visual**, faculdade de lembrar pessoa, coisa ou facto vistos. 2. Faculdade colectiva de recordar acontecimentos, indivíduos (...) *A memória de um povo. (...).*[62]

Um objeto que faz parte da história dos sítios e das cidades, de um passado remoto ou recente, de maior ou menor importância patrimonial, deve ser preservado? Até que ponto se deve dar continuidade às pré-existências? Esta foi a principal questão que se levantou.

Para se obter essa resposta deve-se realizar uma análise refletiva sobre o objeto em causa, sobre as suas estruturas, usos passados e futuros, as suas potencialidades como objeto histórico numa perspetiva de uso futuro, com consequências para o local e para a cidade.

Segundo a Carta de Veneza, sobre a conservação e restauro dos monumentos e sítios, as premissas fundamentais devem assentar em princípios comuns a todos os países que assinaram a carta em 1964, pois esses objetos são no fundo testemunhos de tradições das antigas gerações.

[60] *in* Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Produção da academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian. Volume II G-Z. Verbo. 2001. edição nº 2627
[61] *in* LOPES CARDOSO, Isabel. *Paisagem Património.* Dafne Editora e CHAIA. 1ª Ediçao. Porto, Portugal. 2013. pp 7-14.
[62] *in* Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (idem).



68. EDIFÍCIO DA ANTIGA LOTA AO ABANDONO – A QUESTÃO DA MEMÓRIA E DO LUGAR ALIADA AO PATRIMÓNIO E À SUA REABILITAÇÃO | 2014 | Fotografia de MARGARIDA BELO

Antes de mais é importante compreender a definição proposta pelo documento referido (Carta de Veneza) sobre o que é o monumento ou lugar histórico. O artigo 1º assim declara que "a noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe (...) uma evolução significativa de um acontecimento histórico. Esta noção estende-se (...) às grandes criações, mas também às obras modestas que adquirem com o tempo um significado cultural."[63]

Partindo deste princípio e desta definição de monumento/ lugar histórico surge a proposta da manutenção dos edifícios da antiga Lota de Aveiro e do edifício de armazenamento das redes como parte integrante da questão da memória e pertença ao lugar e à cidade, nesta proposta de reativação deste território, ou seja, a plataforma.

Os artigos 5º e 6º referem-se à conservação e readaptação de um edifício e seu respetivo enquadramento, com o propósito deste vir a servir uma função útil à sociedade. Se tal não fosse o caso, não fazia qualquer sentido o reaproveitamento dos edifícios.

Neste projeto, ambos os edifícios passarão a servir a comunidade como sendo novos pontos culturais, pontos de aprendizagem das tradições antigas que se pretendem manter vivas, tanto a um nível prático como a um nível abstrato (na memória). O programa expositivo Horizonte Portugal, inserido no edifício da antiga Lota, será ainda um difusor, através da fotografia, das paisagens urbanas e rurais do país.

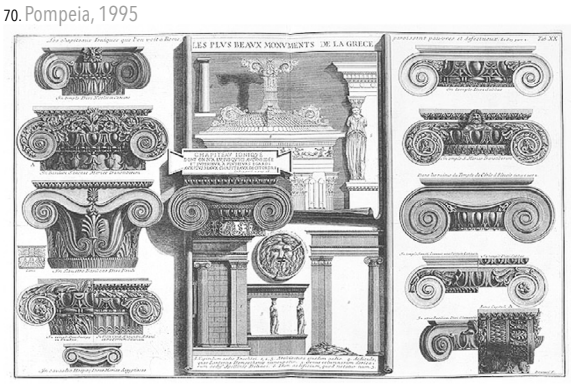
[63] *in* CARTA DE VENEZA, sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios. 1964. Disponível em http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf



69. RUÍNAS DE POMPEIA | circa 1890



70. Pompeia, 1995



71. Gravura de Giovanni Battista Piranesi, Vários capiteis romanos da ordem dórica comparados com exemplos gregos. Julien-David Le Roy´s "Les ruines des plus beaux monuments de la Grèce", 1758

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

Na obra de Francisco de Gracia[64], que se centra no tema literal expresso pelo título do livro, *Construir no construído*, onde apresenta teorias sobre intervenções possíveis nos objetos e centros históricos refere-se ainda o modo como essas intervenções se relacionam com a envolvente e com a opinião pública.

Um dos temas que surge com a revolução industrial (século XVIII) é o da natureza da cidade como propulsora da sua forma, tema este que inspira artistas e novos valores estéticos. A pergunta que se coloca é mais uma vez como se deve abordar o problema do intervir na estrutura formal que se modificará com o tempo, mas que se manifesta como uma permanência. (Francisco Gracia, 1992).[65]

As teorias de Wickelmann[66] e as de Mengs[67], propulsionaram a procura da definição do "estilo", ou seja, a necessidade de distinção de épocas e o início da catalogação dos monumentos.

As ruínas de Herculano (1713) ou de Pompeia (1748) passam a subsidiar a História. Em Itália surge um novo movimento, o restauro arqueológico, quando o Papa Leão XVIII (1878-1903) manda restaurar São Pedro de Roma mantendo as características originais, isto é, sem indícios de inovação.

No século XX, assiste-se a uma exercida pressão sobre o que fazer com os centros históricos e as intervenções em obras antigas. O "novo" passa a adquirir um valor cultural absoluto, em vez de se manter a cidade histórica. Mas o tema da preservação/reutilização não surge apenas na contemporaneidade. Aceita-se que é uma questão recorrente ao longo dos séculos e que a sua abordagem tem sido considerada e submetida ao empirismo e espontaneidade de quem a arquiteta.

Por exemplo na Antiguidade e na Idade Média as intervenções estavam relacionadas com a sacralidade do local mais do que com o objeto construído. Já no Renascimento passa a existir uma consciência do clássico e procura-se adoptar medidas de salvaguarda, surgindo assim as primeiras teorias sobre o como atuar – Leon Battista Alberti[68].

Intervir em qualquer objeto construído é modificá-lo, alterar o seu *genius loci*, devendo-se manter uma coerência interventiva, ao longo do projeto, "Há quem diga que existem tantos "menus" de problemas de intervenção em centros/lugares históricos, quanto há níveis metodológicos." (trad. Francisco Gracia, 1992).[69]

[64] Francisco de Gracia, Dr. arquiteto pela Universidade Politécnica de Madrid (UPM), 1987, desde 1990 professor titular do departamento de composição de arquitetura na ETSAM. Autor de várias obras como *Construir no Construído* de 1992.
[65] *in* GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construído – la arquitectura como modificacion*. 1ª edição. Editorial Nerea. Madrid, Espanha.1992. p 17.
[66] Johann Joachim Wickelmann (1714-1768), historiador de arte e arqueólogo alemão, um dos primeiros a fazer a distinção entre arte grega, greco-romana e romana.
[67] Anton Raphael Mengs (1728-1779), famoso pintor neoclássico alemão.
[68] Leon Battista Alberti (1404-1472), humanista italiano, arquiteto, artista, filósofo entre outros, verdadeiro homem do Renascimento.
[69] *in* GRACIA, Francisco de. (idem). p 177.



72. CRETTO DI BURRI, ALBERTO BURRI "arqueologia do futuro" (CONSTRUIR SOBRE O (DES)CONSTRUÍDO) | GIBELINA, SICILIA | 1982



73. Cretto di Burri, Sicília, outra perspetiva



74. Cretto di Burri, Sicília

O "falar de um edifício" só é possível através de uma análise cuidada do conhecimento formal do edifício, após uma interpretação deste e uma procura de outros exemplares tipológicos.

A questão do tempo é impossível de desprezar no que diz respeito à sua relação com a arquitetura. Assim como Sebastiano Brandolini e Pierre-Alain Croset confirmam "Aceitar a dimensão temporal da arquitetura, tanto no uso como na prática projetual, significa reconhecer a inevitabilidade do processo de modificação através do tempo não só por intermédio do uso, ou troca de funções mas sem uma troca de significado do seu contexto." (trad. *in* Francisco Gracia, 1992).[70] Daí a necessidade de um cuidado redobrado e consciente no processo de intervenção, que tem consequências no processo dinâmico da cidade. "A cidade é património do passado a transferir até ao futuro, e se for possível ir melhorando o presente." (trad. Francisco Gracia, 1992).[71]

A pertinência do contexto é também um fator importante e que se encontra diretamente relacionado com a questão da memória colectiva e subjetiva. Uma das primeiras ações num projeto deste nível reconstrutivo é o reconhecimento da área que o objeto arquitectónico afeta.

A referência ao projeto de Alberto Burri[72] advém da questão que lhe está associada da arqueologia do futuro, da invenção de construir sobre o já desconstruído, para desse modo não perder a memória do local.

Posto isto, a intervenção no projeto tenta por um lado não perder o carácter do lugar, por outro, tenta reconstruir a ligação do local de projeto com o restante tecido urbano da cidade de Aveiro, "os próprios edifícios devem dar resposta aos requerimentos externos que conduzem à criação de espaço urbano" (trad. Juan Navarro in Francisco Gracia, 1992).[73]

A escolha do nível de intervenção a que se recorreu para abordar as reabilitações nos dois edifícios que se pretendem trabalhar, teve em conta o significado do contexto que, neste caso especifico, é quase mais importante que os edifícios que nele assentam: O contexto levou à posterior construção dos edifícios da lota e o armazém de redes, entre outros que já não se encontram fisicamente presentes.

Optou-se por uma intervenção nos edifícios segundo um carácter consciente da continuidade expressada pela pré-existência, optando por manter a área total existente e a sua estrutura, mas sem renunciar à condição de modernidade que se impõe à reabilitação.

[70] *in* GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construído – la arquitectura como modificacion*. 1ª edição. Editorial Nerea. Madrid, Espanha.1992. p 178.
[71] Juan Navarro (n 1939), arquiteto, pintor e escultor espanhol. citado por Francisco de Gracia *in* GRACIA, Francisco de. (idem). p 179.
[72] Alberto Burri (1915-1995), pintor e escultor italiano.
[73] *in* GRACIA, Francisco de. (idem). p 243.



75. MATADERO, EXEMPLO DE REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS | MADRID, ESPANHA | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO



76. Fotografia do interior da exposição "Edifícios e Vestígios", Guimarães, 2012



77. Fotografia do interior da exposição "Edifícios e Vestígios", Guimarães, 2012, curadoria de Inês Moreira e Aneta Szylak

REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS

Se os espaços pós-industriais dominam as paisagens e os territórios um pouco por toda a parte e se surgiu a necessidade de os repensar, qual será a melhor metodologia a utilizar? E qual será a melhor opção programática a inserir nestes edifícios com características tão próprias?

Uma solução viável para a preservação em Portugal do património industrial é através da sua reutilização, na maioria dos casos com as seguintes vantagens: versatilidade para as várias intervenções devido à existência de espaços amplos e construções sólidas com admiráveis qualidades de arquitetura, boa iluminação natural e ainda serem instrumentos de regeneração urbana e uma opção de baixo custo em relação a uma nova construção ("assim tratando-se da integração e reaproveitamento de um edifício existente, há todo um conjunto de elementos a manter: fundações, estrutura, revestimentos, infraestruturas técnicas, etc. – o que representa uma redução de custo relativa a esses mesmos elementos numa construção nova ...") (Rita Barbosa citada por João Lopes Cordeiro *in* Inês Moreira, 2012).[74]

Muitas vezes os edifícios industriais resultam de várias adições, alterações e sobreposições ao edifício original ao longo dos tempos, tornando-o num edifício palimpséstico, "aceitar a natureza do palimpsesto significa tomar como um todo os seus estratos desajustados que vão acumulando com o tempo criando um tecido tenso, ferido e complexo. Isto inclui toda a estrutura afetiva do espaço, tal como as suas dimensões, incluindo cores, humidade, temperatura, qualidades de textura e também a janela." (trad. Aneta Szylak *in* Inês Moreira, 2012).[75]

Uma das questões que se levanta é de que forma se deve agir para se expor num espaço assim? Pois a exposição em si torna-se numa intervenção no contexto do próprio edifício. Foi pelo menos essa a abordagem com que se trabalhou o projeto expositivo no interior da Lota e do edifício das redes.

No projeto houve a necessidade de melhorar o desempenho térmico e acústico dos dois edifícios para que a experiência cultural se tornasse mais confortável. Logo foi necessário alterar as paredes exteriores dos edifícios que implicou uma alteração física nos interiores. Desta forma as paredes interiores das naves expositivas são brancas com duas exceções, a primeira é a parede de madeira que separa a exposição da sala de projeção das imagens e a segunda serão os próprios objetos expostos, que desta forma são realçados.

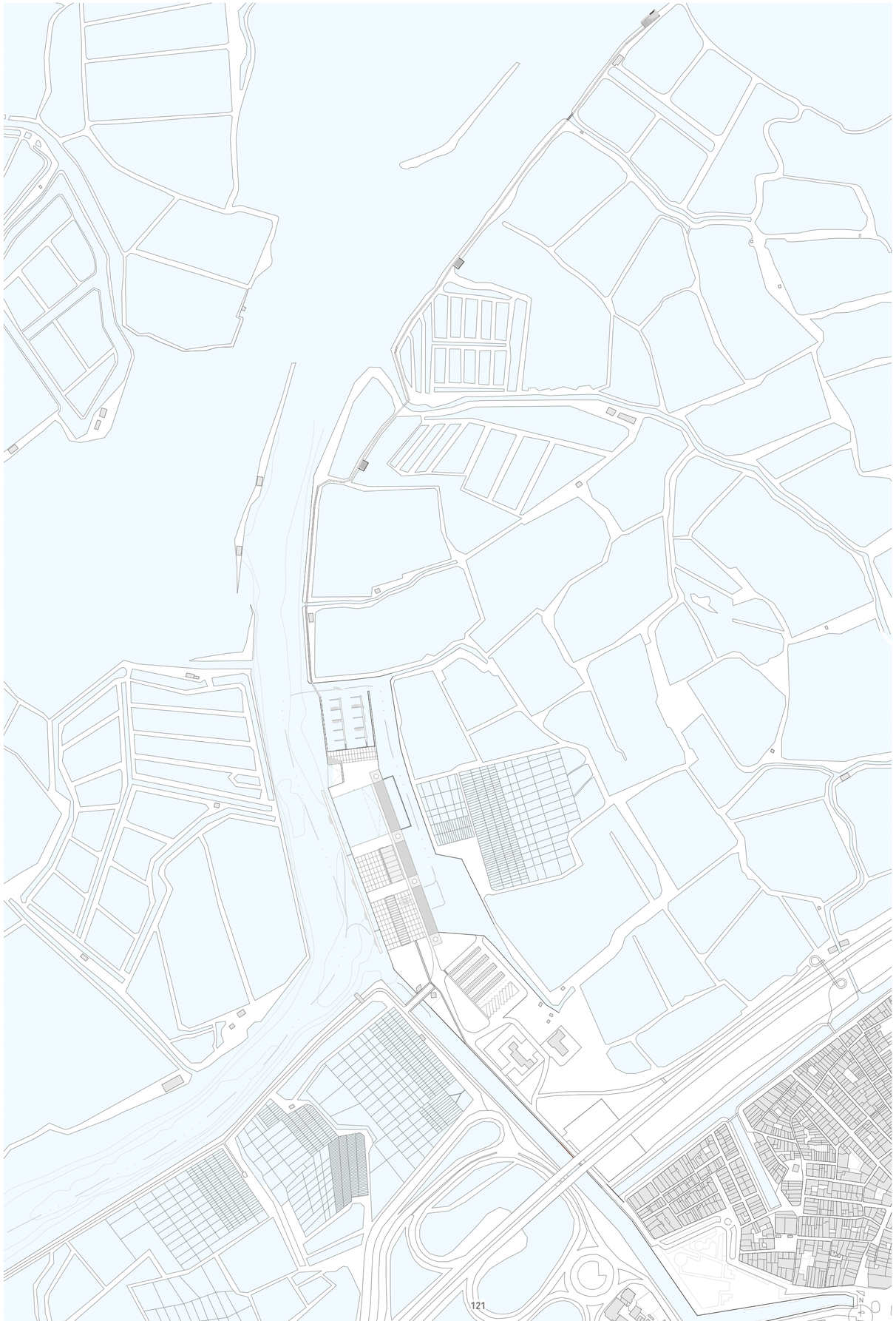
"(...) histórias ecoam no espaço e querem ser (...) exibidas." (Inês Moreira, 2012).[76]

[74] Rita Barbosa citada por João Lopes Cordeiro *in* MOREIRA, Inês (coord e edição). *Edifícios & Vestígios/ Buildings & Remnats, Projeto – ensaio sobre espaços pós-industriais.* 1ª edição. Imprensa Nacional casa da moeda e Fundação cidade Guimarães. Portugal. 2012. p 56.

[75] Aneta Szylak, curadora, escritora, co-fundadora e diretora atual do Wyspa Institute of Art em Gdansk, Polónia. Desde 2010 é também diretora artística do projeto Alternativa, que organiza uma série de exposições e eventos.
in MOREIRA, Inês (idem). p 44.

[76] *in* MOREIRA, Inês (idem). p 33.

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO – RELAÇÃO DA CIDADE DE AVEIRO COM A ZONA DE PROJETO | REATIVAÇÃO DE UM TERRITÓRIO DE TRANSIÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO URBANO E O TERRITÓRIO NATURAL – escala 1/5000



FOTOGRAFIA
| abrir |



78. LOTA DE AVEIRO, ATUALMENTE | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO



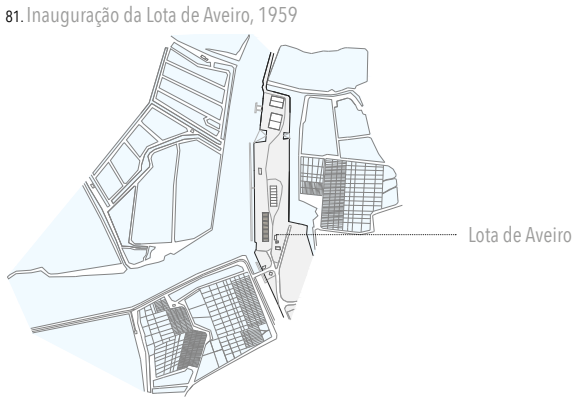
79. LOTA DE AVEIRO, ATUALMENTE | 2014 | Fotografia MARGARIDA BELO



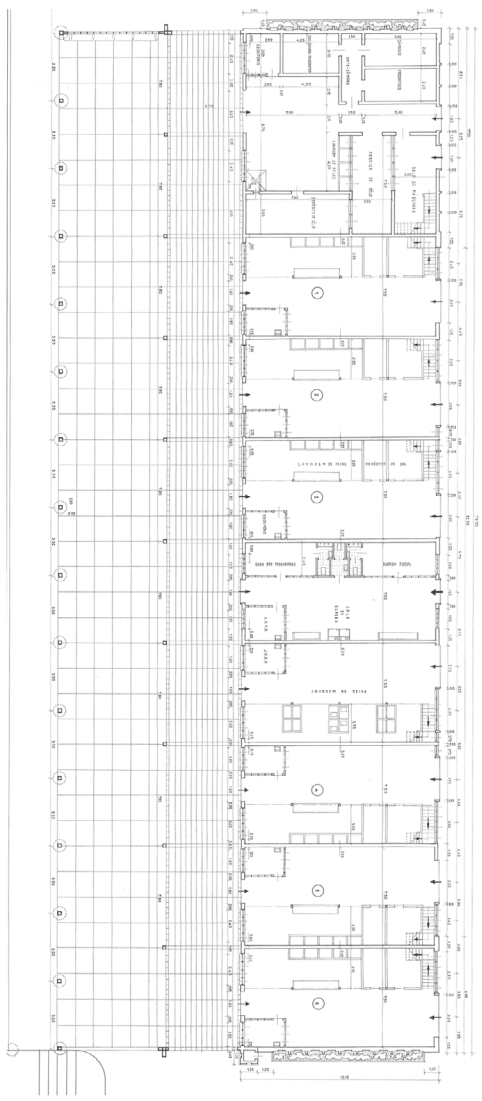
80. Antiga Lota de Aveiro, início dos anos 60



81. Inauguração da Lota de Aveiro, 1959



Esquema de Implantação do edifício em causa



PLANTA DE PISO TÉRREO DO PROJETO ORIGINAL DA LOTA DE AVEIRO

ANTIGA LOTA DE AVEIRO

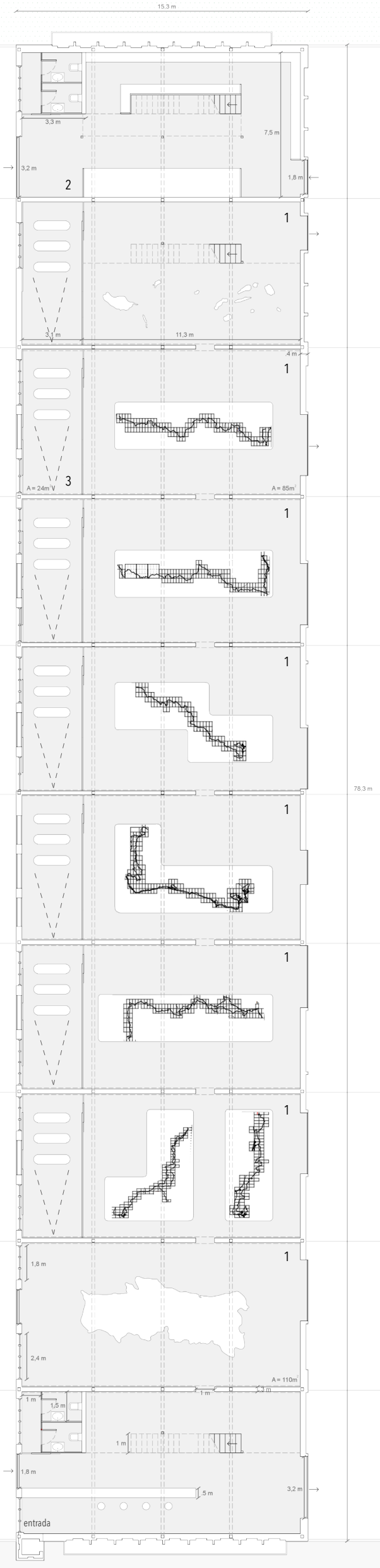
Construído em 1959, encontra-se dividido em nove naves, com entradas pelo exterior e sem ligações pelo interior, com duplo pé direito de 6m de altura e vãos de ambos os lados em todos os espaços.

O projeto de reabilitação tenta alterar o mínimo a estrutura do edifício, em termos práticos para possibilitar a inserção do projeto expositivo do Horizonte Portugal neste edifício procura-se apenas estabelecer ligações interiores entre as naves, e divide-se a última nave que tem dupla largura, em duas naves, passando de nove a dez naves. Para permitir a colocação das mesas dos itinerários da exposição e a pensar em exposições futuras, procede-se à demolição dos interiores das naves. Apenas duas das naves se encontravam compartimentadas, as restantes tinham apenas um pequeno escritório junto às entradas principais, do lado do canal principal. Todas as construções necessárias à funcionalidade do edifício as i.s, salas de projeção de imagens, zonas de arrumos, etc. são construídas em madeira (material de eleição procurando manter uma ideia de reabilitação associada às construções de madeira inerentes à zona de Aveiro e Costa Nova, os palheiros de sal).

Em termos de ocupações previstas, a primeira nave é a entrada para a exposição e as i.s., as oito seguintes são espaço expositivo com sala de projeção de imagens à esquerda e na última nave encontram-se o arquivo no piso térreo e no piso superior a zona administrativa em mezzanine, .



82. LOTA DE AVEIRO, ATUALMENTE | 2014 | Fotografias MARGARIDA BELO



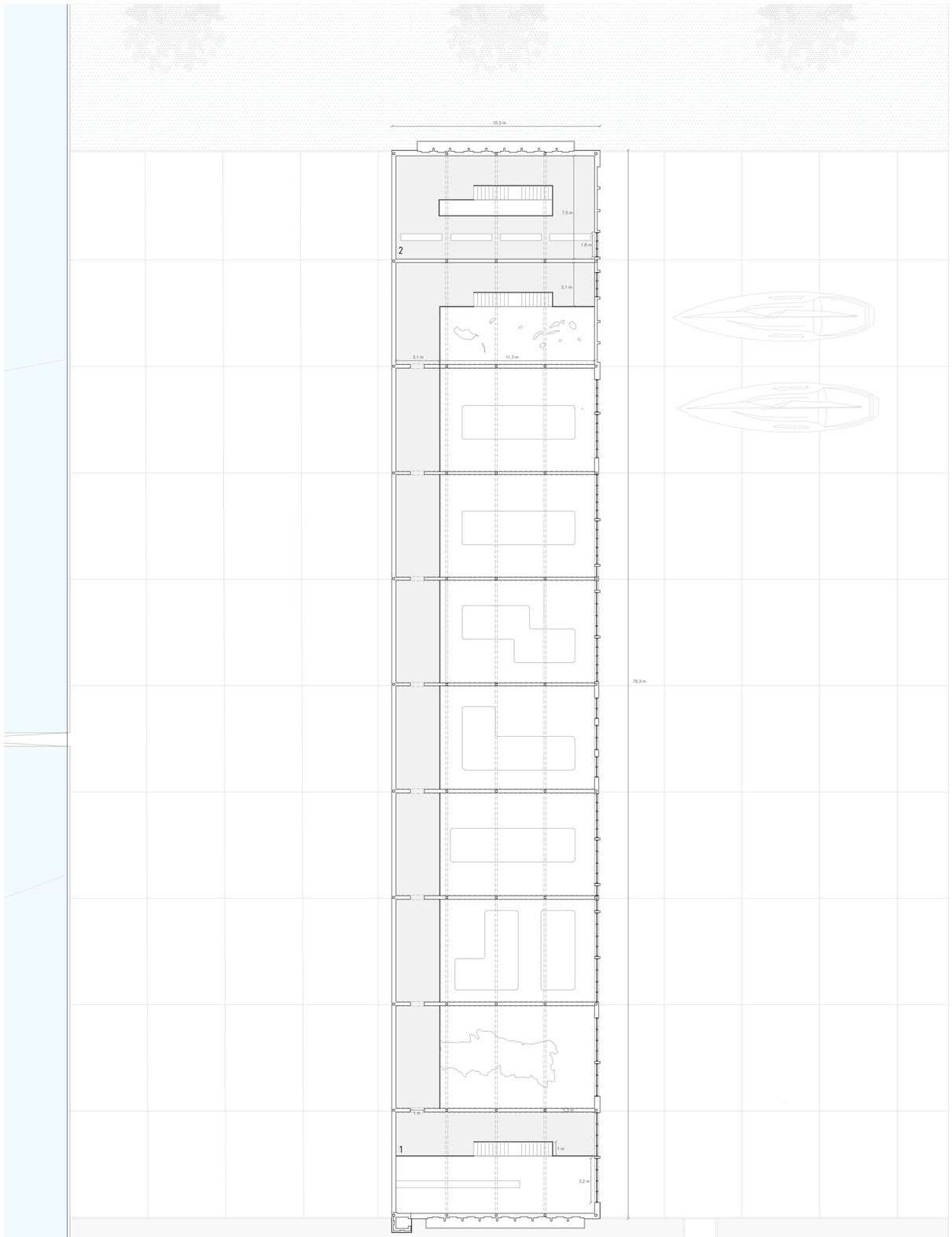
1| ZONA EXPOSITIVA HORIZONTE PORTUGAL

2| ARQUIVO

3| ZONAS DE PROJEÇÃO DE IMAGENS

PLANTA PISO TÉRREO DO PROJETO DE REABILITAÇÃO DA ANTIGA LOTA, escala 1/250

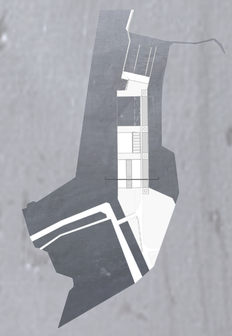
Opta-se pela inserção de uma mezzanine no edifício (atualmente é algo que não existe), pois após a visita ao local verificou-se que foi algo que foi acrescentado ao projeto original e posteriormente demolido e que neste caso – de uma reabilitação com âmbito expositivo –, faz sentido voltar a colocar. Existem ligações com a mezzanine na nave da entrada e na última nave de exposição, permitindo-se assim uma nova perspetiva sobre todas as mesas dos itinerários de identidade. Este espaço servirá ainda para eventuais exposições temporárias. As ligações no piso 1 com a zona administrativa são estabelecidas ou pela zona do arquivo (piso térreo) ou por uma porta secundária existente no final do percurso da mezzanine (piso 1).

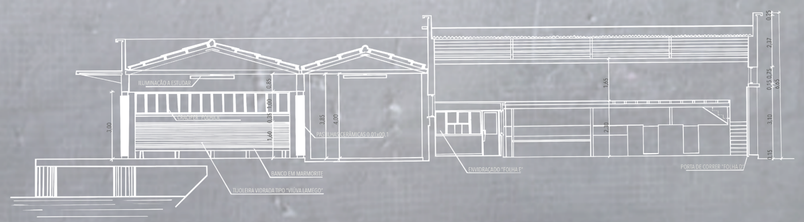


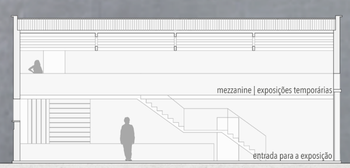
CORTE
| abrir |

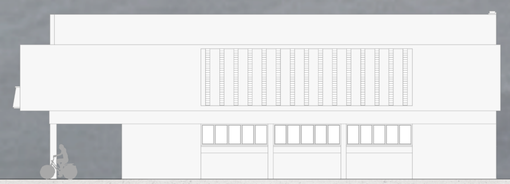
1| ZONA EXPOSITIVA HORIZONTE PORTUGAL
2| CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

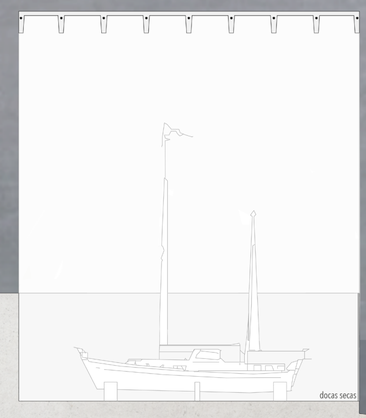
PLANTA DE PISO 1 DO PROJETO DE REABILITAÇÃO DA ANTIGA LOTA, escala 1/250











CORTE TRANSVERSAL DA ANTIGA LOTA DE AVEIRO | PROJETO ORIGINAL
em baixo PROJETO DE REABILITAÇÃO EM CORTE TRANSVERSAL, escala 1/200



83. Canal de S.Roque em Aveiro – palheiros de sal, 1º quartel do séc. XX



84. Perspetiva do lado da cidade, do Canal de S.Roque, início do séc. XX



85. Armazém de Sal ainda em funcionamento (Aveiro, canal de S.Roque)



86. Projeto cabanas no rio na Comporta inspirado nos palheiros, arquitetos Aires Mateus, 2013

PALHEIROS DE SAL

Arquitetura vernacular | tema para a reabilitação dos interiores

A paisagem da Beira Litoral "é caracterizada pelo seu povoamento ser essencialmente disperso e ordenado, distinguindo-se a faixa litoral com áreas escassamente povoadas. Tradicionalmente encontram-se, um pouco por todo o litoral entre a Torreira e a praia da vieira, "palheiros" de madeira assentes em estacas, bem como barracas de estorno – trata-se de construções leves e efémeras, apropriadas à instabilidade da linha de costa e dos areais, mais um exemplo de sábia adaptação a condições difíceis, (...)" (Alexandre Cancela d'Abreu, Teresa Pinto Correia e Rosário Oliveira, 2004).[77]

Em Aveiro sempre que não se conseguia escoar todo o sal durante a safra, optava-se pela sua conservação em montes de forma piramidal cónica, depois esse monte de sal era coberto com junco, que era colhido na própria Ria. Mas as condições naturais por vezes agrestes, danificavam os montes de sal e acabava-se sempre por desaproveitar alguma parte do produto. Essa razão fez com que alguns exportadores salícolas mais abastados optassem pela construção defronte das suas salinas de armazéns para o sal em estrutura de madeira. Deste modo ainda é possível remanescer um reduzido número de armazéns de sal (ou palheiros de sal) junto ao canal de S. Roque. Algumas destas estruturas que lá se encontram já foram alvo de projetos de reabilitação, outros aguardam ainda projeto de recuperação, sendo que se encontram atualmente em estado de ruína.

Os palheiros de sal também são construções utilizadas por pescadores para armazenamento de materiais, ou para abrigo ou habitação temporária.

Os primeiros eram construídos sobre estacas, e tinham apenas um piso e apenas uma divisão, o seu revestimento exterior era feito com tábuas de madeira colocadas na horizontal, a escolha do material construtivo assentou na escassez de pedra ou barro na região, pela característica de leveza do material e possibilidade de fácil transporte através das condenáveis vias de comunicação da época e por fim porque era um material abundante no local. Estas construções refletiam as más condições socioeconómicas das populações piscatórias locais.

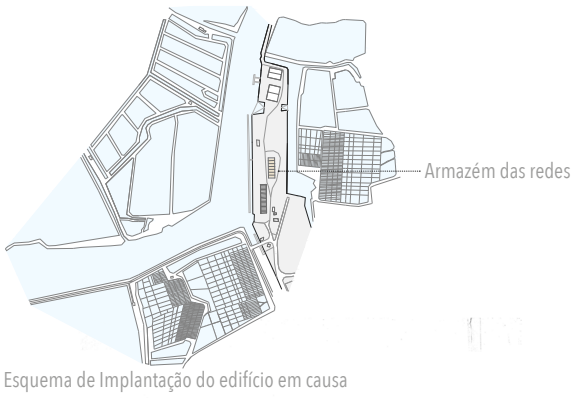
[77] CANCELA d'ABREU, Alexandre.; CORREIA, Teresa Pinto.; OLIVEIRA, Rosário. *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*, Universidade de Évora. DGOTDU. Évora, Portugal. 2004. |p ?|



87. ARMAZÉM DAS REDES, ATUALMENTE (fachada Este, 2014) | Fotografia MARGARIDA BELO



88. ARMAZÉM DAS REDES, ATUALMENTE (2014) | Fotografia MARGARIDA BELO

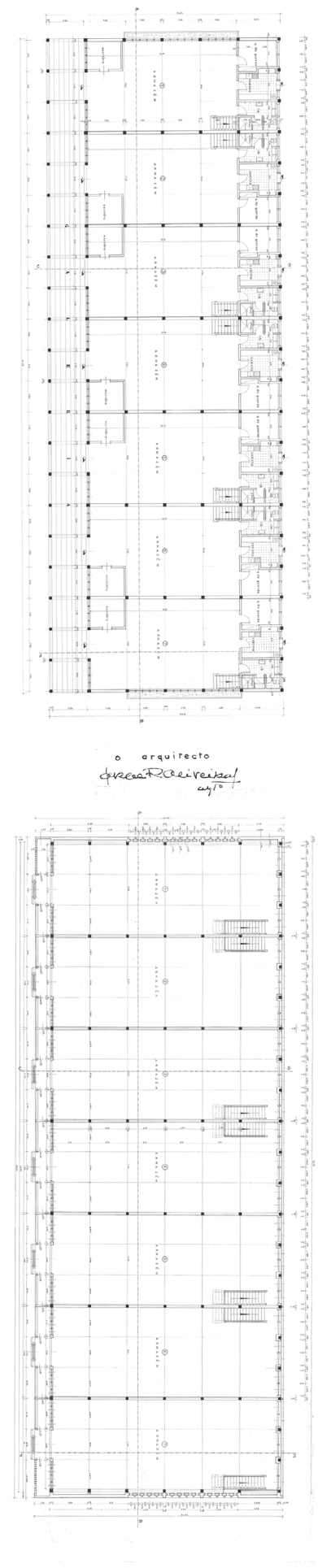


Esquema de Implantação do edifício em causa

ARMAZÉM DAS REDES

Construído uns anos mais tarde que a lota, este edifício encontra-se dividido em sete naves. Quanto à divisão de espaços os dois são semelhantes, à exceção do número de pisos que neste edifício são dois. O piso térreo era usado como escritório e estava equipado com cozinha e i.s. e tinha uma ligação pelo interior com o piso 1 onde se armazenavam as redes. As ligações com o piso 1 eram sempre efetuadas pelo piso térreo no interior de cada uma das naves.

Mais uma vez o projeto de reabilitação não pretende alterar a estrutura existente. No entanto efetuam-se algumas alterações para a inserção do programa, que neste edifício é no piso térreo, o Museu da Ria e Centro de Interpretação (com auditório) e no piso 1 os alojamentos para investigadores de diferentes áreas, bem como a cafetaria de apoio aos dois centros expositivos e interpretativos - Horizonte Portugal e Museu da Ria.

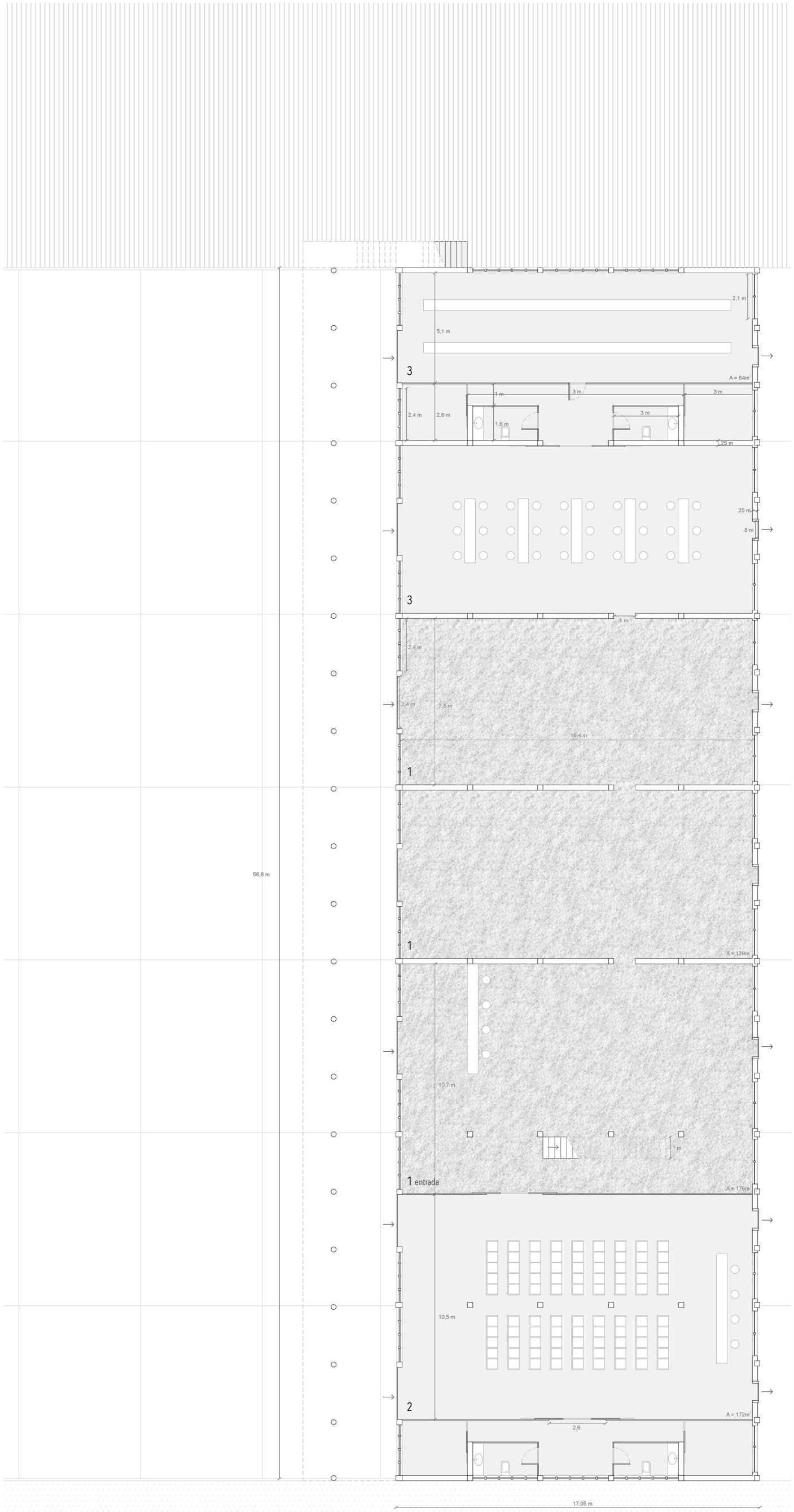


PLANTA DE PISO TÉRREO DO PROJETO ORIGINAL DO ARMAZÉM DAS REDES

PLANTA DE PISO 1 DO PROJETO ORIGINAL DO ARMAZÉM DAS REDES



89. ARMAZÉM DAS REDES, ATUALMENTE (2014) | Fotografias MARGARIDA BELO



1| ZONA EXPOSITIVA DO MUSEU DA RIA

2| AUDITÓRIO

3|CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA RIA

PLANTA PISO TÉRREO DO PROJETO DE REABILITAÇÃO DO ARMAZÉM DAS REDES, escala 1/200

As alterações propostas são a demolição das escadas no interior das naves e a colocação de uma única escada pelo exterior que estabelece assim a ligação com os alojamentos. Propõe-se ainda a redução das três primeiras naves para duas por forma a albergar o auditório e a entrada para o Museu da Ria, passando o edifício das redes a ter seis naves em vez de sete. As ocupações previstas para o piso térreo são: auditório, entrada para a exposição, zona expositiva (duas naves), centro de interpretação (uma nave) e arquivo (última nave) e no piso superior: cafetaria (com ligação através da receção) e as restantes cinco naves são a zona de alojamento e trabalho.



A| SALA ESCURA PARA REVELAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

B ARRUMOS

C| INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

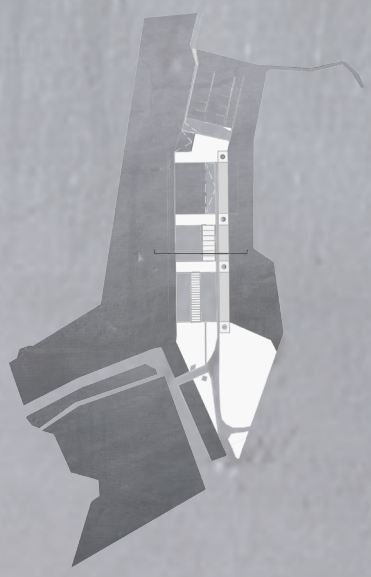
D| QUARTO

1| CAFETARIA

2| ALOJAMENTOS PARA CIENTISTAS E FOTÓGRAFOS

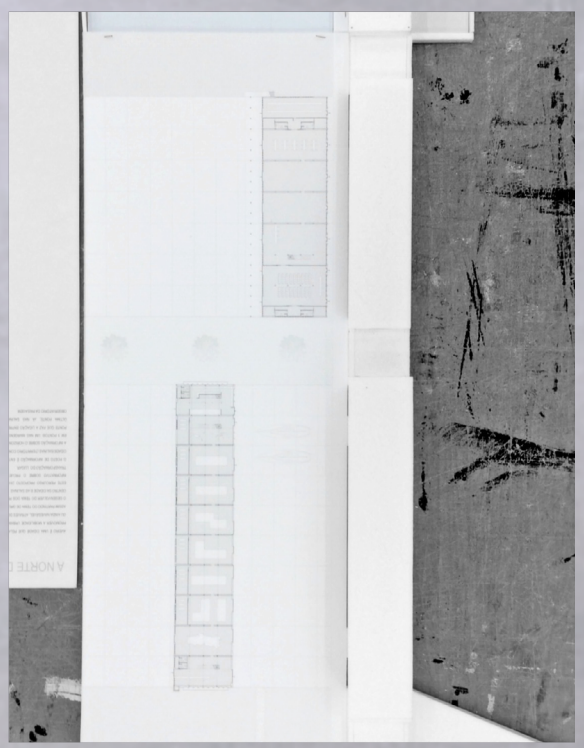
PLANTA DE PISO 1 DO PROJETO DE REABILITAÇÃO DO ARMAZÉM DAS REDES, escala 1/200



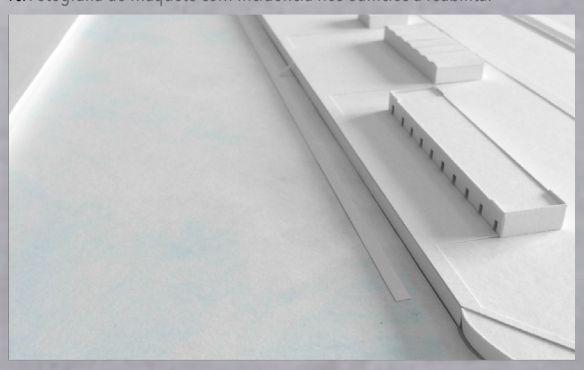


zona de trabalho comum
alojamento
museu da ria
rampa de apoio à canoagem





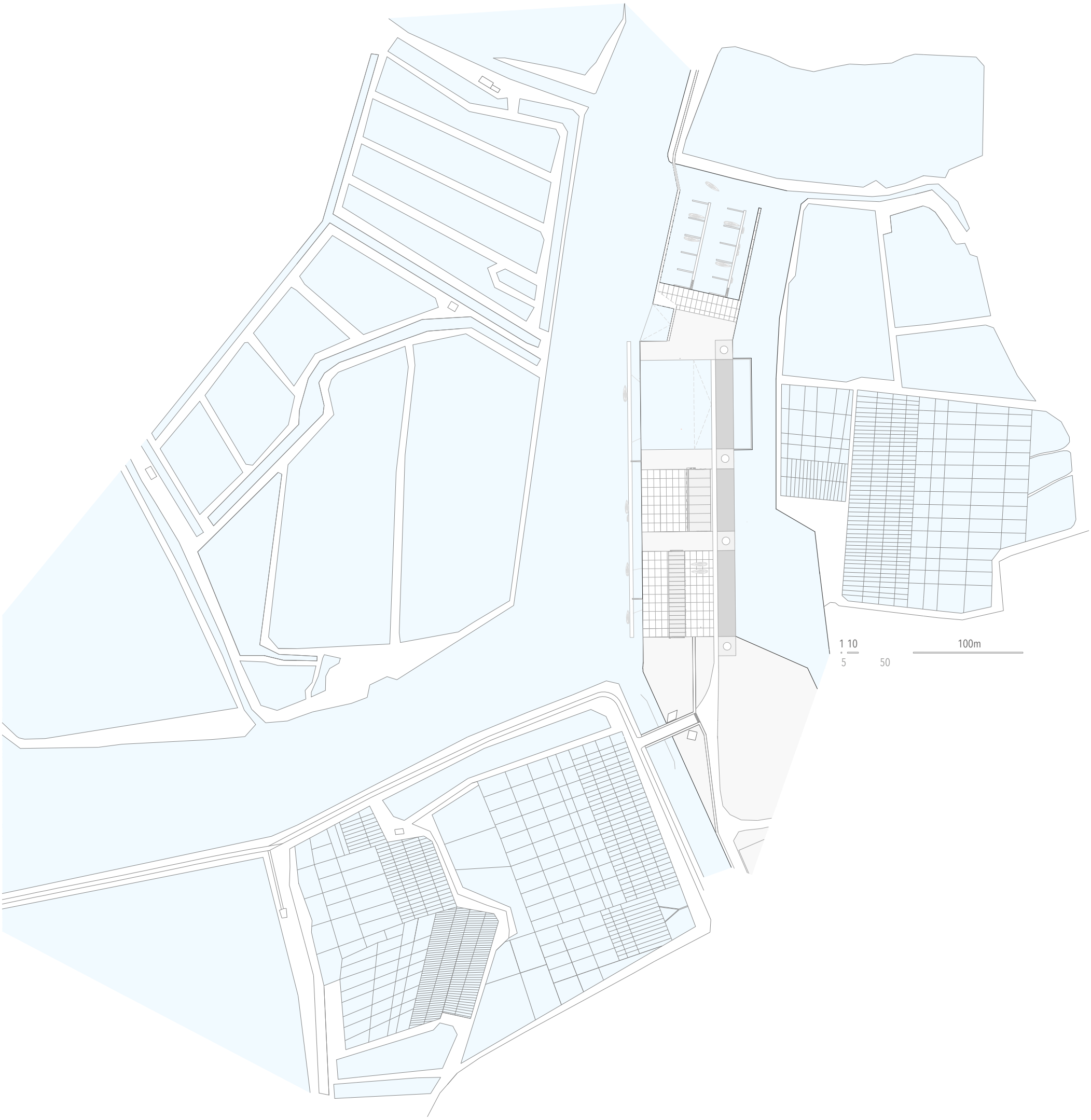
90. Fotografia de maquete com incidência nos edifícios a reabilitar



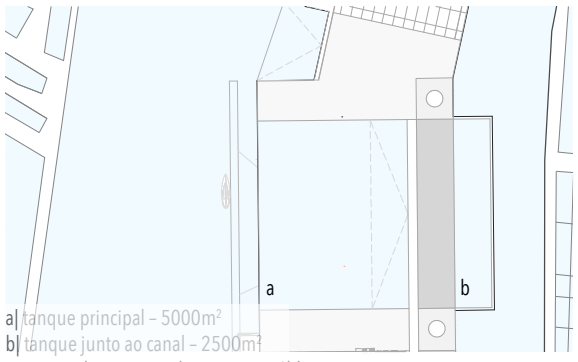
91. Fotografia de maquete com o edifício da Lota em primeiro plano

ALÇADO FRONTAL DOS EDIFÍCIOS DA LOTA E ARMAZÉM DE REDES, escala 1/300

8 | NOVA EDIFICAÇÃO |



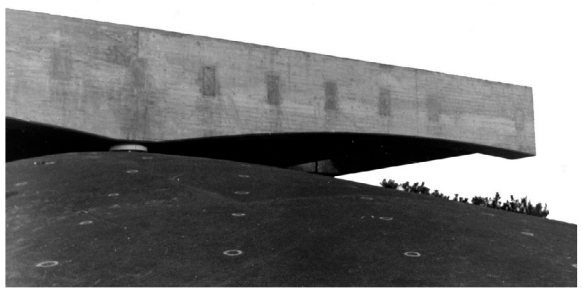
ESQUEMA DA LOCALIZAÇÃO DO CORREDOR DESPORTIVO, escala 1/3500



a| tanque principal – 5000m²
b| tanque junto ao canal – 2500m²
Esquema dos tanques das piscinas públicas


92. Antigo Arsenal de Veneza, Veneza, Itália


93. Pala do Pavilhão de Portugal, arquiteto Siza Vieira, Lisboa, Portugal, 1998


94. Pav. do Brasil – Osaka 70', arquiteto Paulo Mendes da Rocha, Osaka, Japão


95. MuBE (Museu de escultura), arquiteto Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, Brasil, 1986

NOVA EDIFICAÇÃO

Porto de abrigo | Piscinas públicas | Corredor desportivo

Para além do Centro de Investigação da paisagem e do território português – Horizonte Portugal – e do Museu da Ria, nos edifícios que suportaram as reabilitações já enunciadas nas páginas anteriores, a proposta de projeto inclui ainda a adição de novos programas e de novas construções para os suportar.

Assim surge então a necessidade de aprofundar um pouco mais o projeto do porto de abrigo para barcos de recreio e para barcos de pescadores, as piscinas públicas e a reativação da atividade desportiva na Ria de Aveiro.

Os três programas são assim apoiados por uma cobertura de betão que se encontra por cima dos três programas, como estrutura de apoio. A cobertura é o elemento estrutural mais relevante do projeto, tendo as três coberturas de vencer vãos livres de 78m, 56m e de 83m. Para obter os vãos livres, optou-se por uma solução estrutural semelhante à da Pala do Pavilhão de Portugal[78], onde se colocam cabos de aço em pré-esforço, num ângulo neutro, daí a curvatura da pala, depois para que a cobertura seja plana colocam-se os cabos de pré-esforço no interior de vigas de cerca de 1,5m e por cima coloca-se uma armação de betão plana em toda a extensão da cobertura. Foram ainda estudados os projetos do arquiteto Paulo Mendes da Rocha[79] o pavilhão do Brasil em Osaka e o MuBE em São Paulo por serem projetos que tentam vencer grandes vãos.

Outra questão estrutural importante no projeto é a questão da fixação das margens do canal secundário da plataforma, bem como a dragagem do canal e porto de abrigo. Para tal reforçou-se a margem do canal, fazendo um dique em betão.

Refere-se ainda que dentro das possibilidades, que o "corredor desportivo" permite dá-se ênfase à prática do remo, canoagem e vela (para isso foi estudado o projeto do centro de alto rendimento de Montemor-o-Velho do arquiteto Miguel Figueira[80]), e ainda como forma de apoiar o porto de abrigo, (no topo Norte da plataforma) inclui-se ainda um pequeno estaleiro que permite a possibilidade de colocar as embarcações em docas secas ou retirá-las durante as estações mais frias (de menor uso para a prática de vela ou para permitir reparações) e colocá-las a seco na plataforma. Foram estudados os antigos Arsenais de Veneza e o Arsenal da Marinha em Lisboa (Ribeira das Naus), para melhor perceber as docas secas.

[78] Álvaro Siza Vieira (n 1933), arquiteto português licenciado pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (Universidade do Porto), onde também lecionou.
A Pala do Pavilhão de Portugal foi um projeto que desenvolveu para servir as funções de recepção à Expo 98' e para simultaneamente ser um espaço expositivo é ainda autor de vários projetos em Portugal e no mundo, sendo exemplares do seu trabalho as piscinas de Leça, a casa de chá da Boa Nova, o Museu de Serralves, a Biblioteca de Viana do Castelo, entre outros.

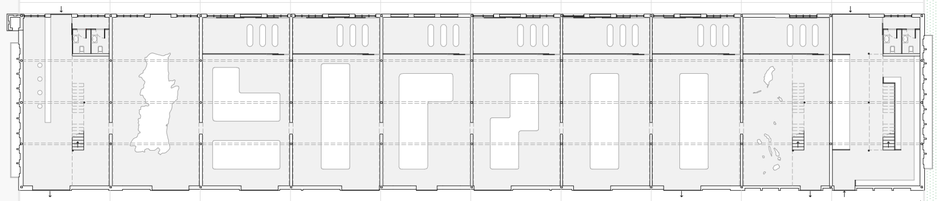
[79] Paulo Mendes da Rocha (n 1928), arquiteto brasileiro, licenciado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie de S. Paulo em 1954,prémio Pritzker em 2006. A sua obra é caracterizada pelo raciocínio de pórticos e planos, outros projetos da sua autoria são o Museu Nacional dos Coches em Lisboa, Museu de Arte de Campinas, a Capela de S. Pedro apóstolos, etc.

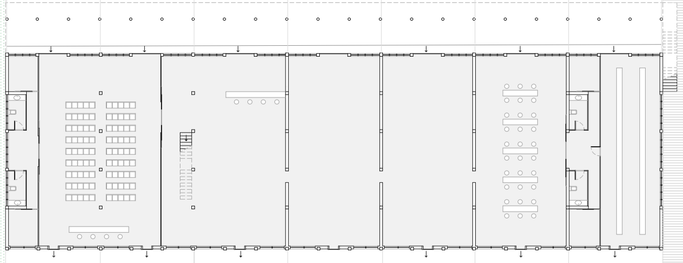
[80] Miguel Figueira, arquiteto da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho que projetou o Hangar do Centro Náutico e o percurso sequencial e retilíneo para a prática da canoagem em Montemor, entre outros projetos.

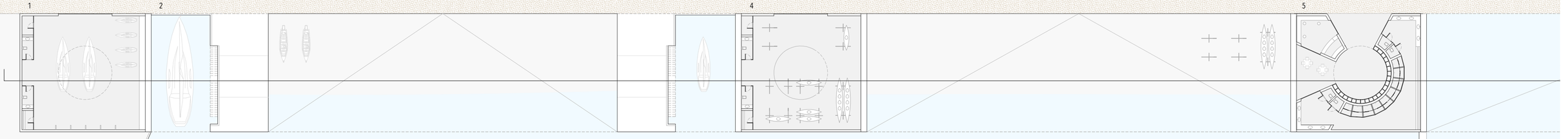

Bruma II

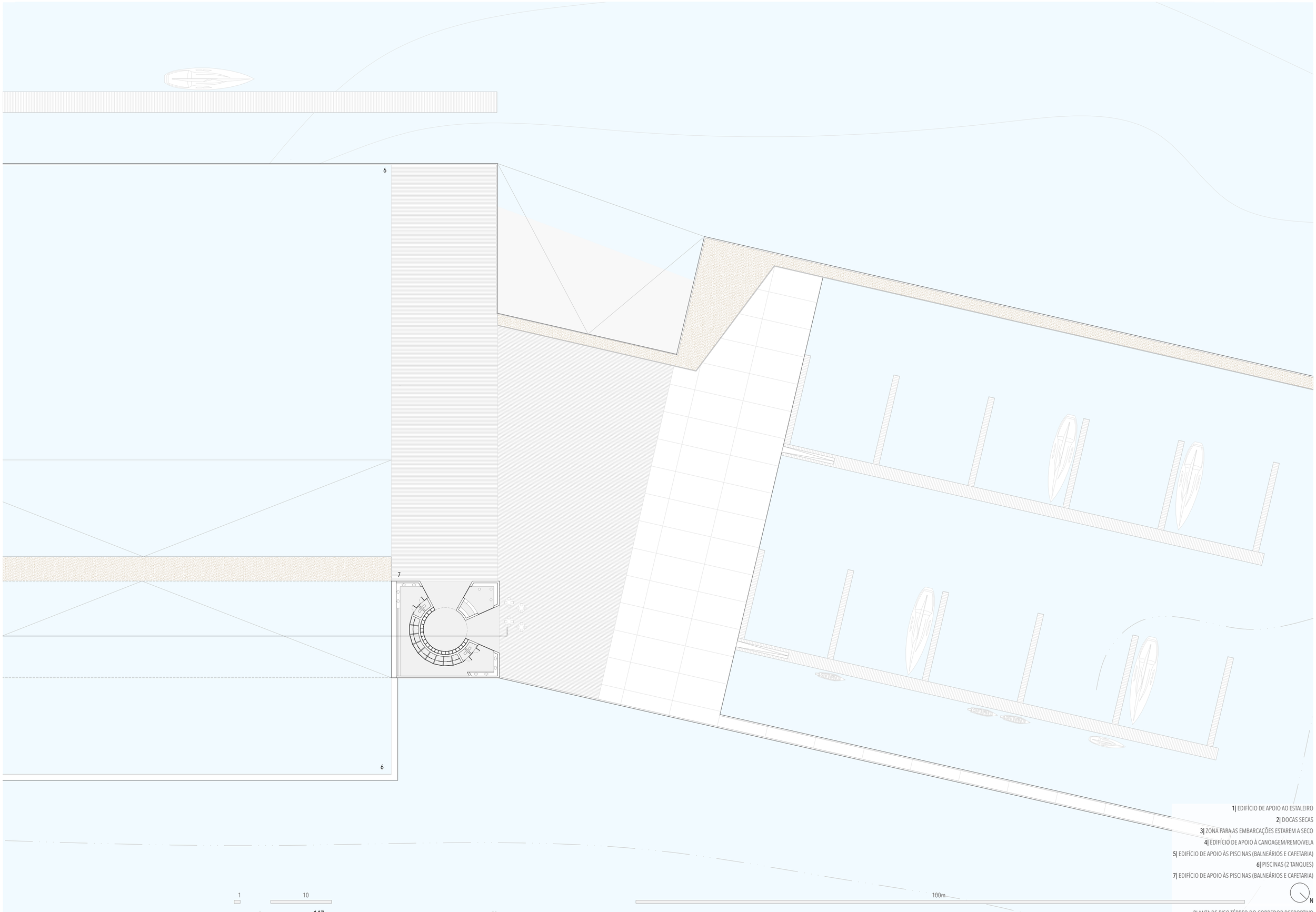


PLANTA
| abrir |


3




1
2
4
5

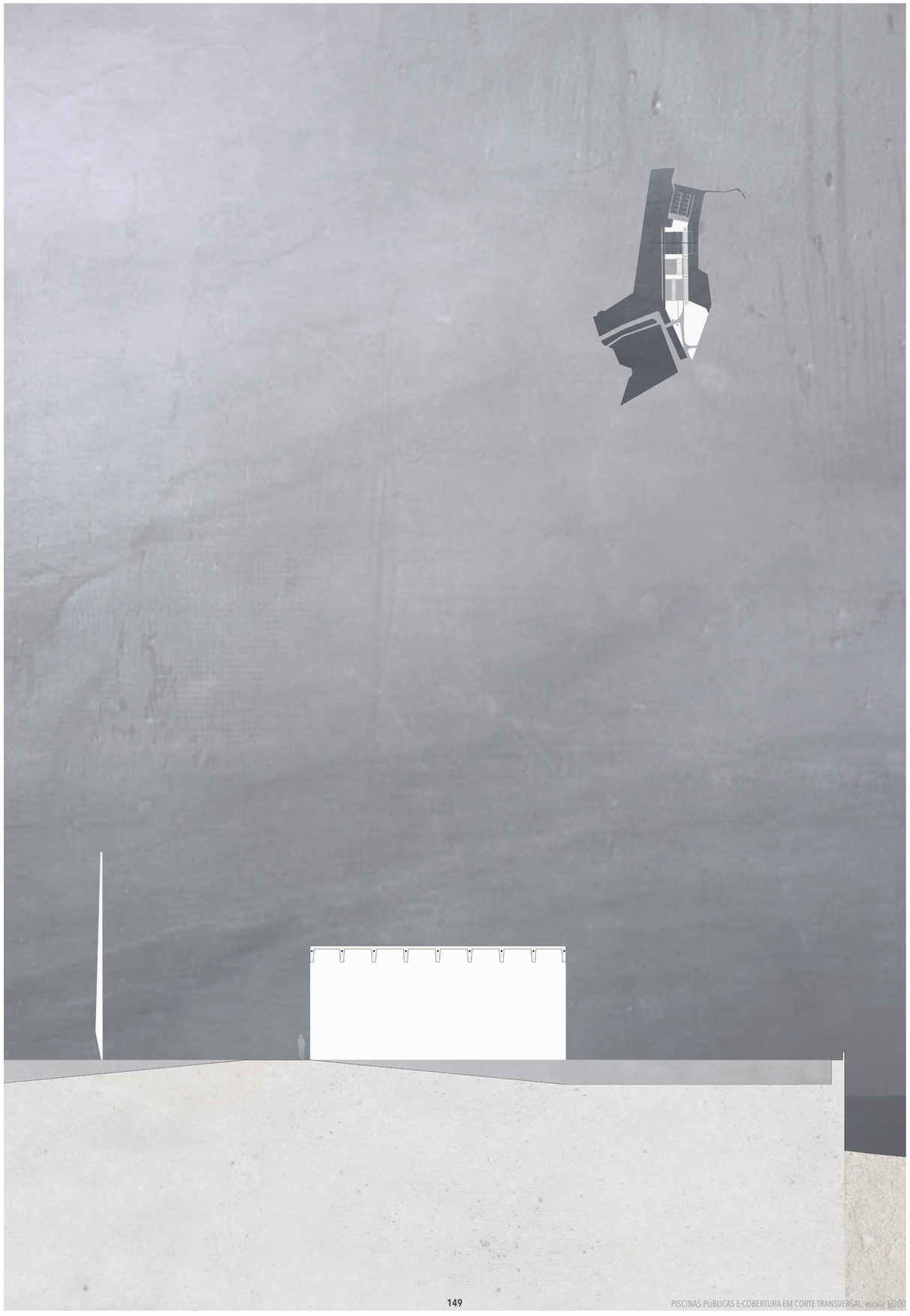


1| EDIFÍCIO DE APOIO AO ESTALEIRO
2| DOCAS SECAS
3| ZONA PARA AS EMBARCAÇÕES ESTAREM A SECO
4| EDIFÍCIO DE APOIO À CANOAGEM/REMO/VELA
5| EDIFÍCIO DE APOIO ÀS PISCINAS (BALNEÁRIOS E CAFETARIA)
6| PISCINAS (2 TANQUES)
7| EDIFÍCIO DE APOIO ÀS PISCINAS (BALNEÁRIOS E CAFETARIA)

N

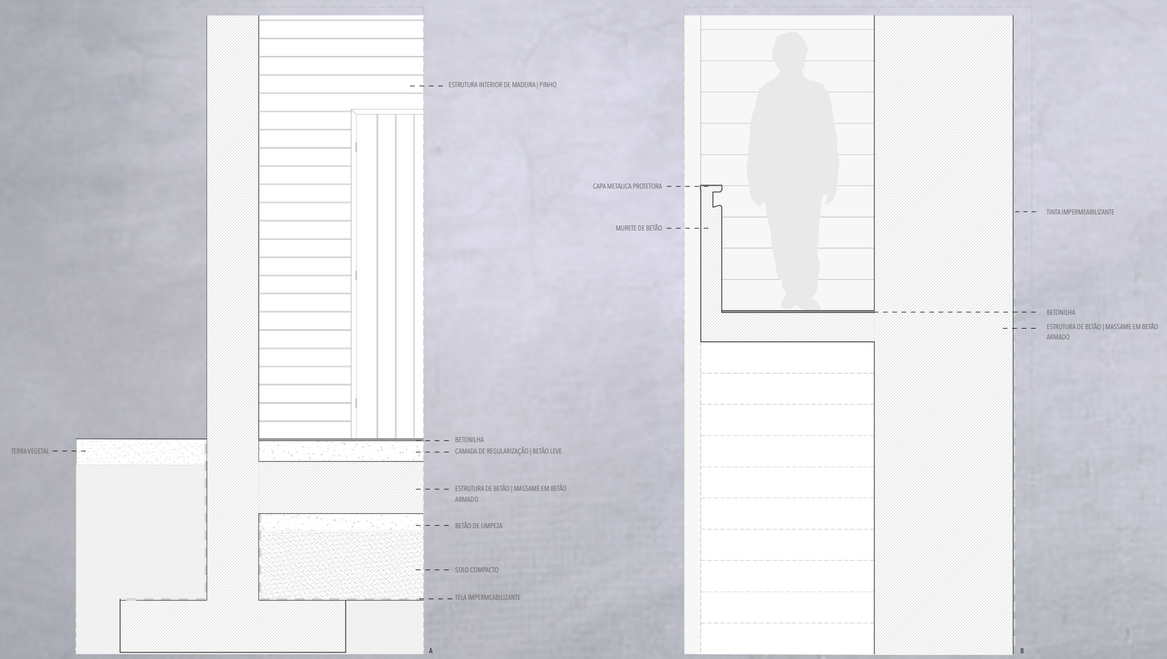
PLANTA DE PISO TÉRREO DO CORREDOR DESPORTIVO

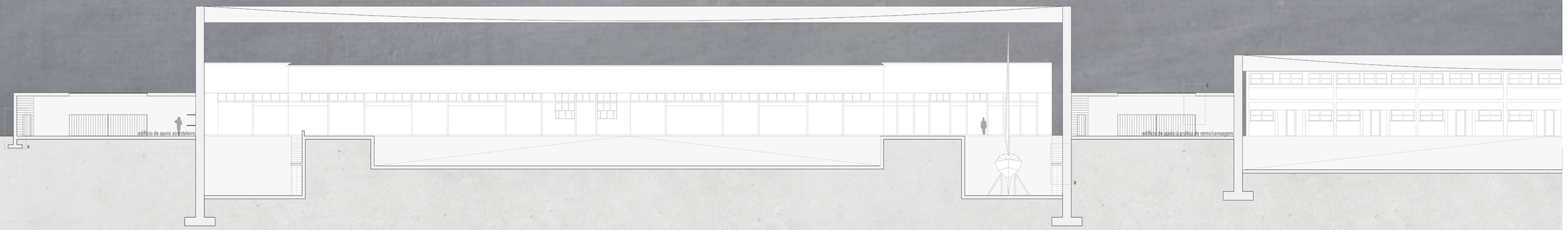

piscina pública

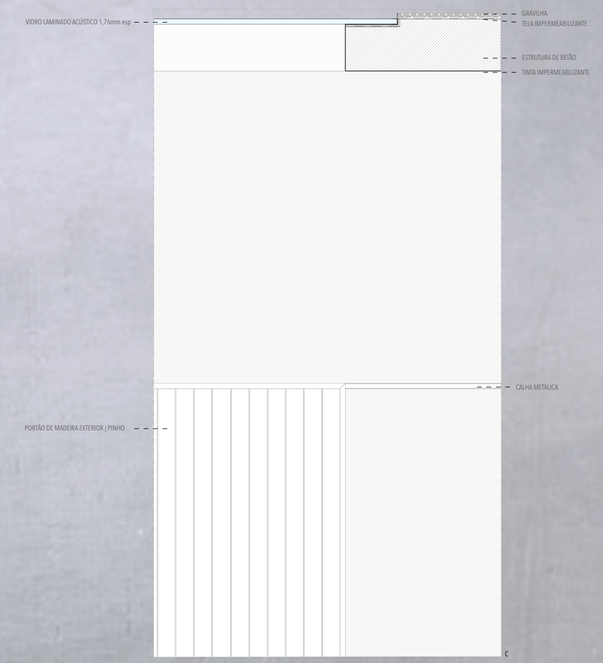


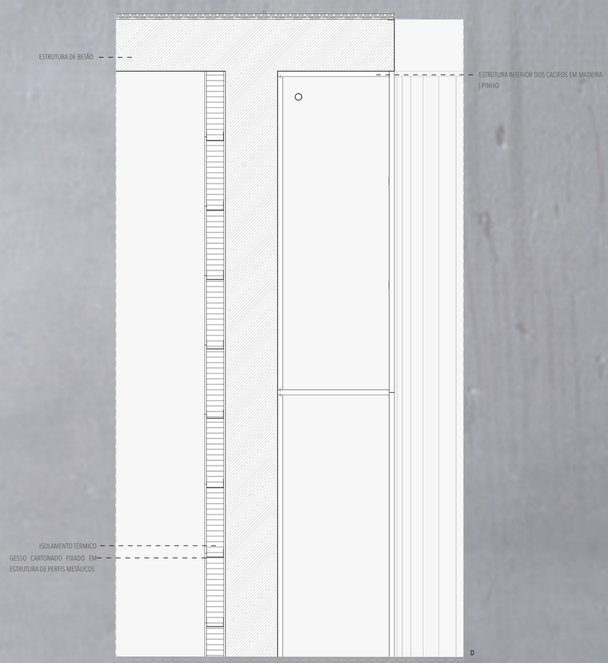
PISCINAS PÚBLICAS E-COBERTURA EM CORTE TRANSVERSAL, escala 1/200

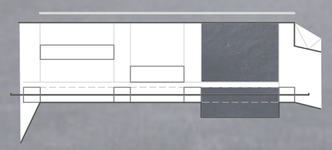
CORTE
| abrir |

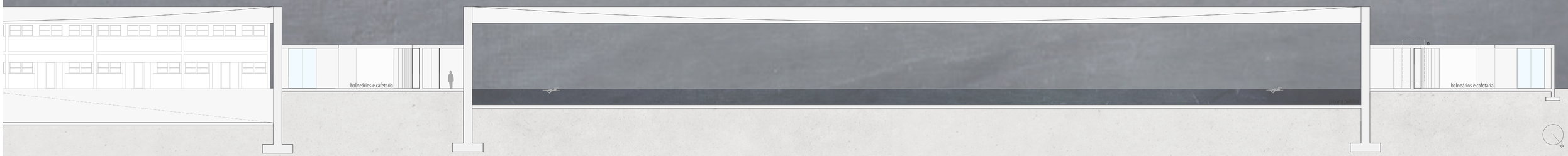

ESTRUTURA INTERIOR DE MADEIRA | PINHO
BETONILHA
CAMADA DE REGULARIZAÇÃO | BETÃO LEVE
TERRA VEGETAL
ESTRUTURA DE BETÃO | MASSAME EM BETÃO ARMADO
BETÃO DE LIMPEZA
SOLO COMPACTO
TELA IMPERMEABILIZANTE
A
CAPA METÁLICA PROTETORA
MURETE DE BETÃO
TINTA IMPERMEABILIZANTE
BETONILHA
ESTRUTURA DE BETÃO | MASSAME EM BETÃO ARMADO
B


edifício de apoio ao estaleiro
A
B
C
edifício de apoio à prática de remo/canoagem









CORTE LONGITUDINAL E PORMENORES CONSTRUTIVOS SOBRE O PROJETO DA COBERTURA, escala 1/250 e escala 1/25

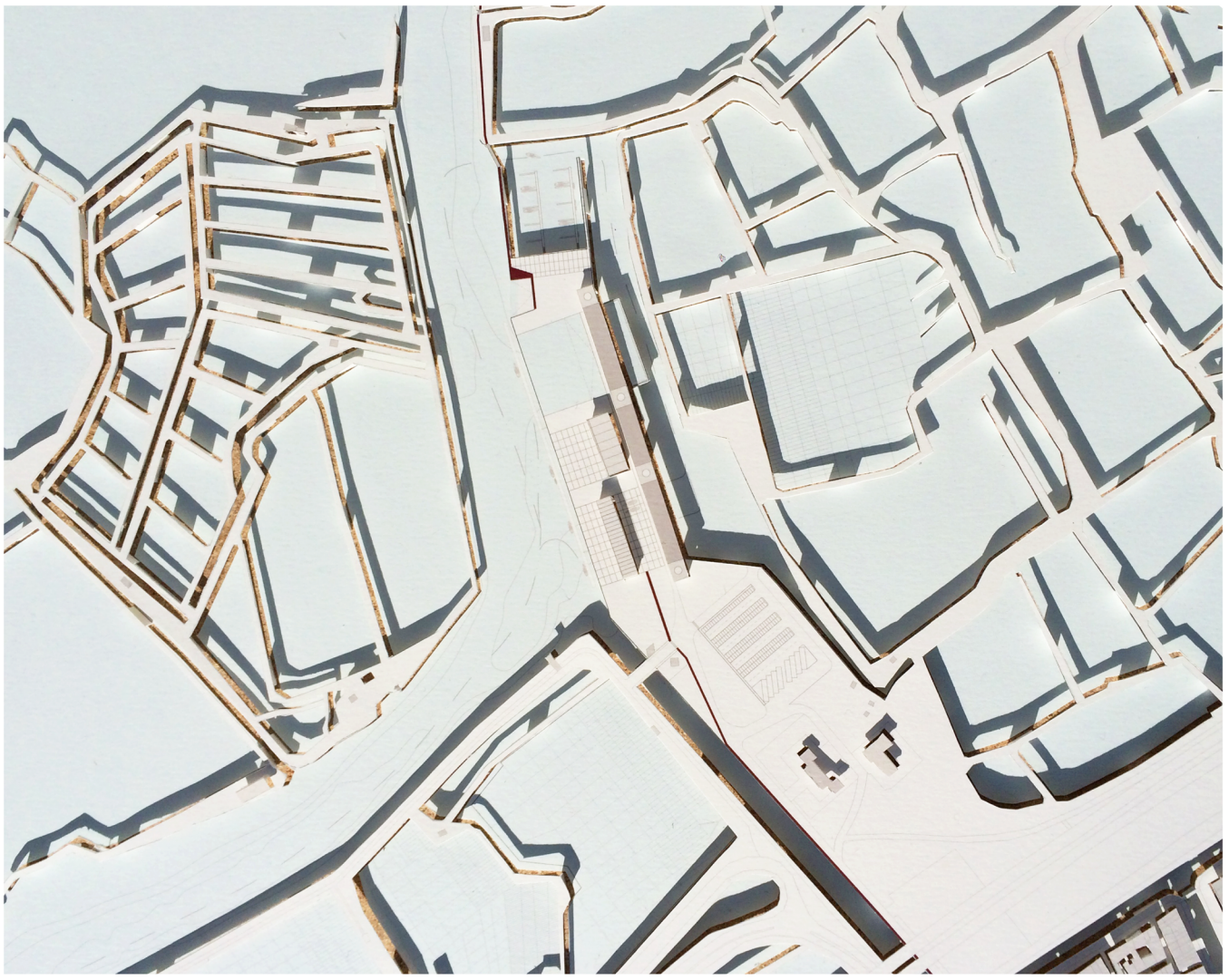
APRESENTA-SE EM JEITO DE CONCLUSÃO A PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | O PROJETO DA MICRO-ESCALA PARA A MACRO-ESCALA.



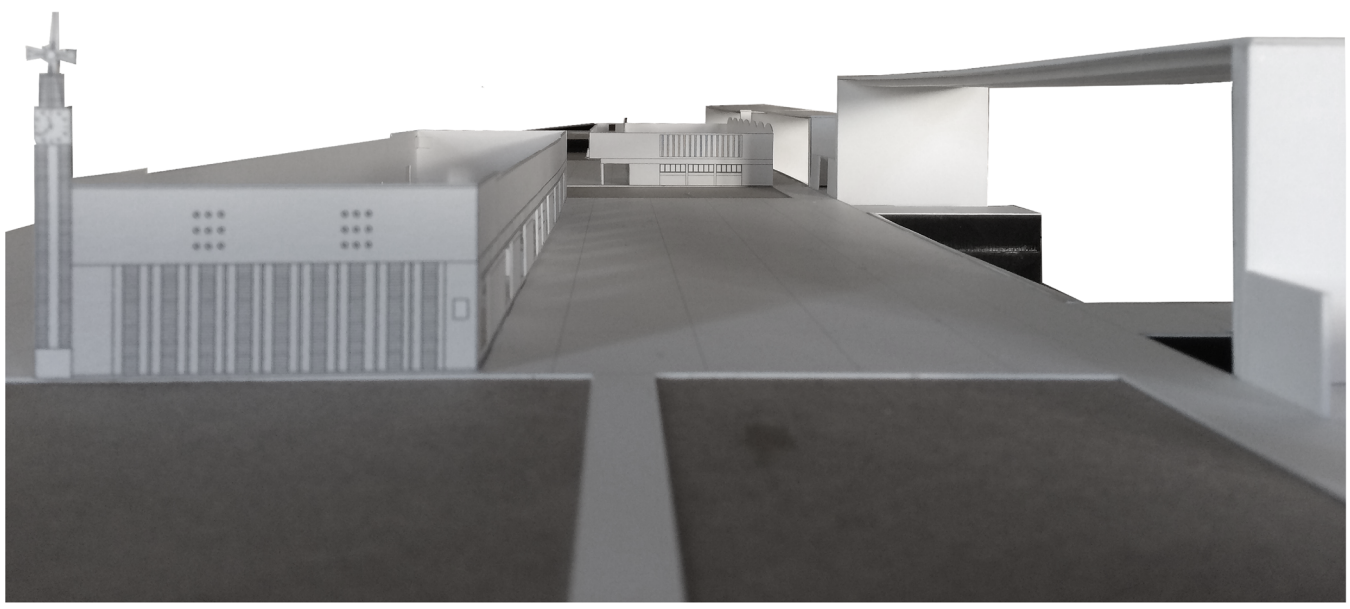
FOTOGRAFIA DE MAQUETE, escala 1/5000



97. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - IMPLANTAÇÃO, escala 1/5000 | Fotografia MARGARIDA BELO

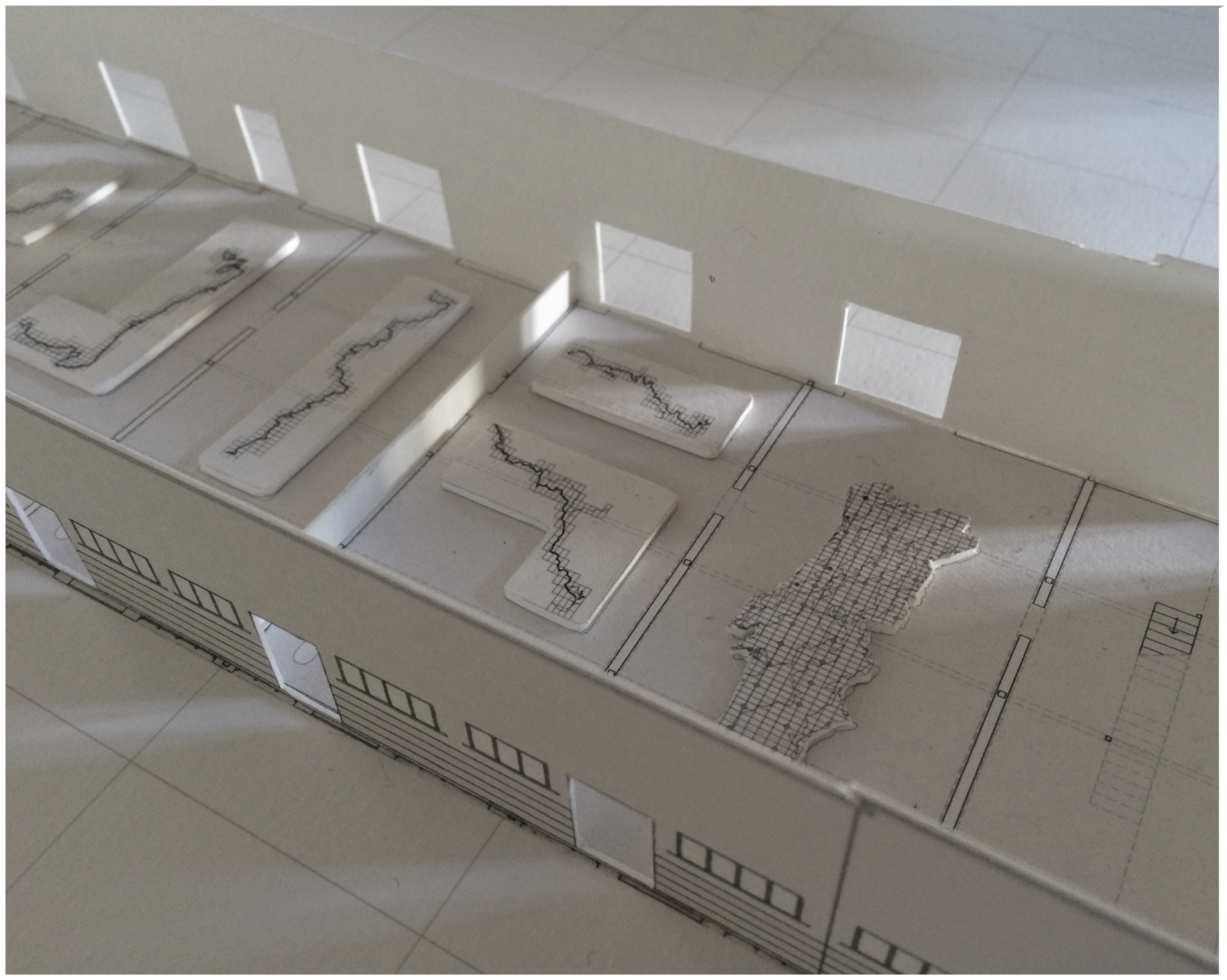


98. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - IMPLANTAÇÃO, escala 1/5000 | Fotografia MARGARIDA BELO

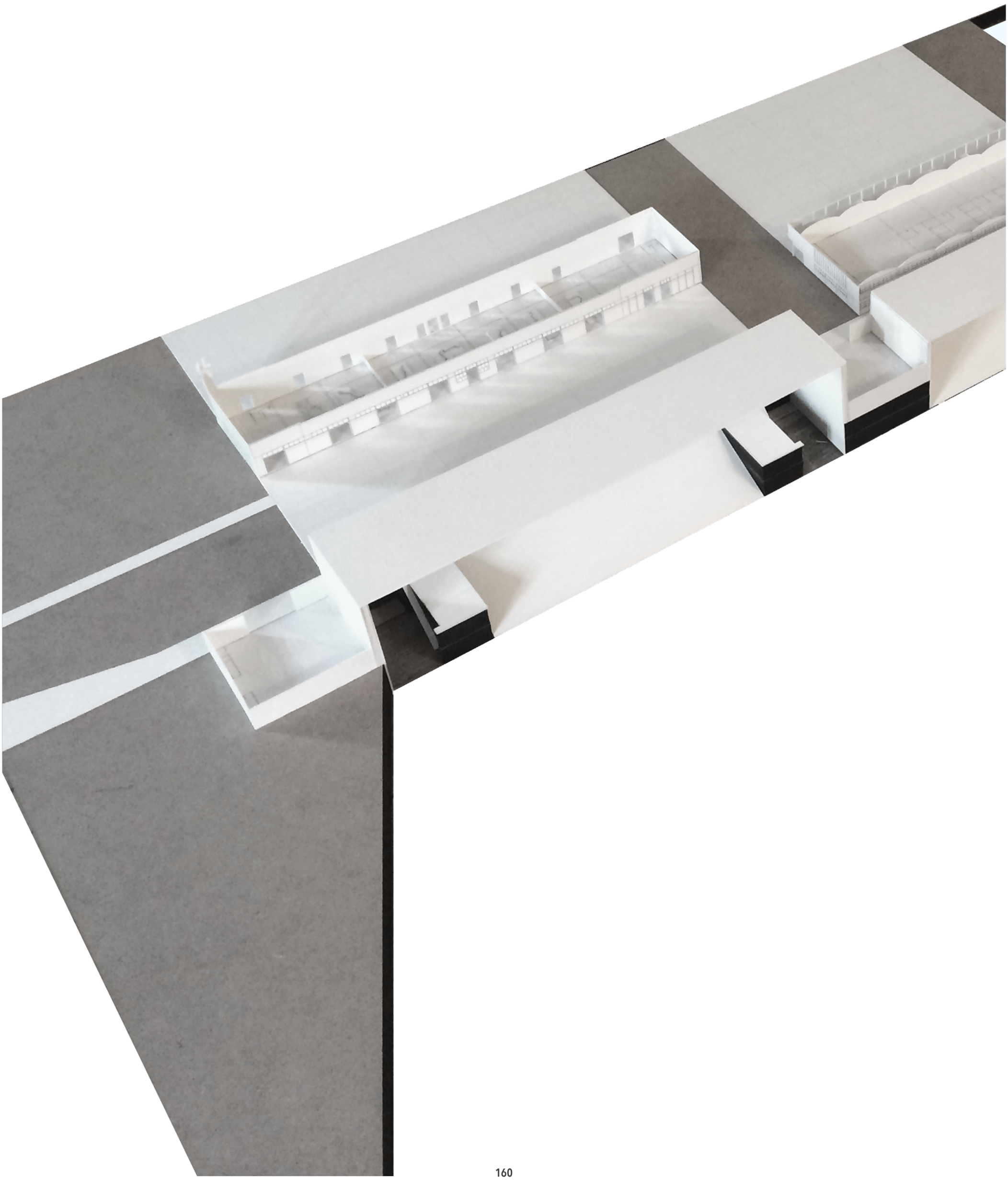


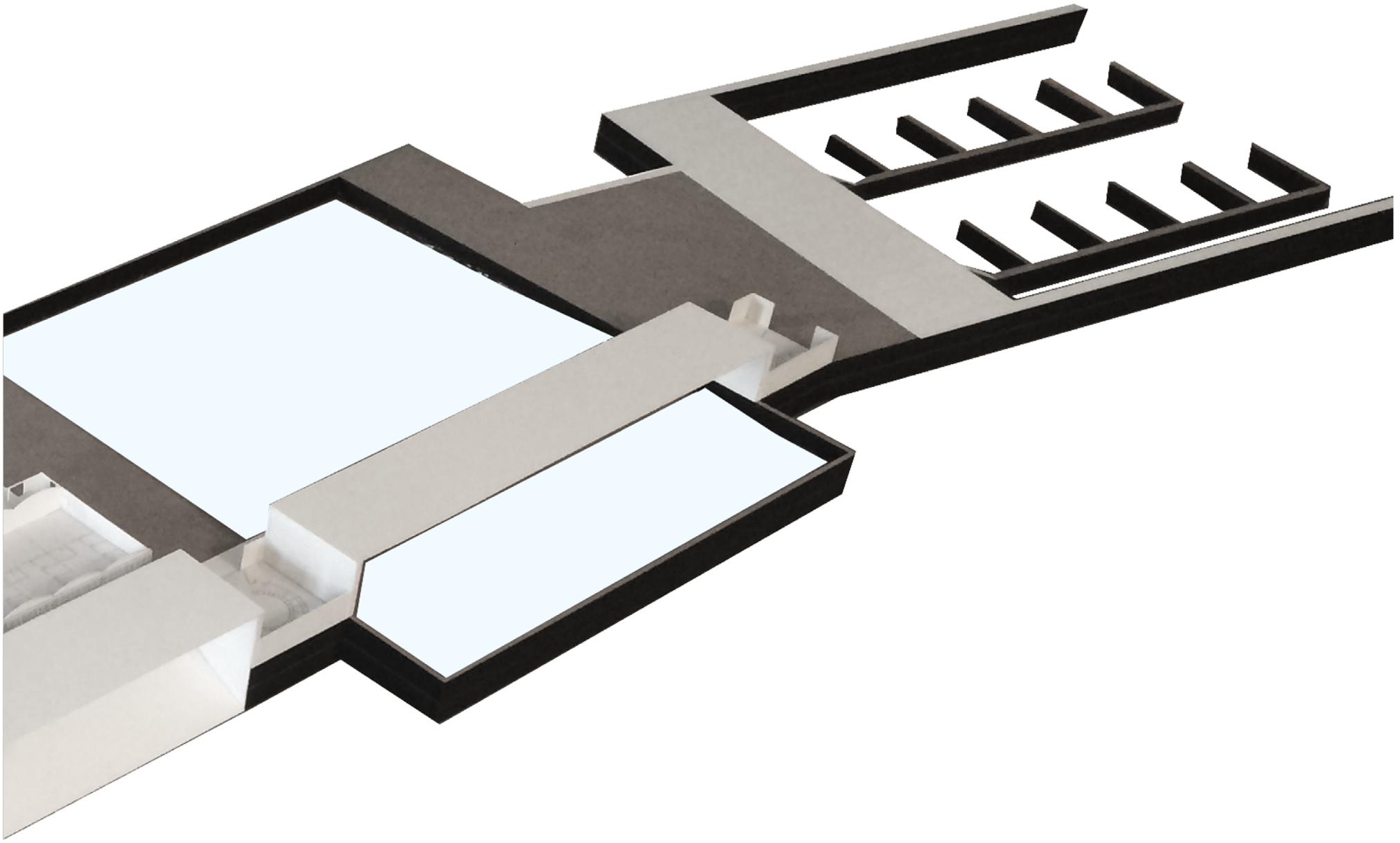
99. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - PROJETO, escala 1/200 | Fotografia MARGARIDA BELO

O CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E EXPOSITIVO HORIZONTE PORTUGAL



100. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - HORIZONTE PORTUGAL, escala 1/200 | Fotografia MARGARIDA BELO





101. FOTOGRAFIA DE MAQUETE - A PLATAFORMA, escala 1/200

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Inês.(coord.) e GARCIA, João Carlos. *A Barra e os Portos da Ria de Aveiro 1808 - 1932* - Catálogo da exposição 3 de Abril a 3 de Maio de 2008. APA (Administração do Porto de Aveiro). Aveiro. Portugal. 2008. p 06.

BAPTISTA NETO, Maria João. *Memória, Propaganda e poder, O restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*. 1ªedição. Publicações FAUP. Porto, Portugal. 2001. pp 25-26.

BELO, Duarte. *A representação da Paisagem pela Fotografia*. Revista da Faculdade de Letras – Geografia. I série. Volume XIX. Porto, Portugal. 2003. pp 159-162.

BELO, Duarte; LOBO, Inês; VAZ, João. *Catálogo da exposição Horizonte Portugal para o Centro Cultural de Belém em 2015*. Itenerários, Horizonte Portugal - itenerários de identidade. obtido em aula do 5ºano (2013-2014), turma da Arq. Inês Lobo e do Arq. João Vaz. Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitetura. 2013.

BORGES DA SILVA, Mónica. *O salgado de Aveiro: importância conservacionista perspectivas de uso futuro*. 2007. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de Biologia - como prova de capacidade científica.

CANCELA d'ABREU, Alexandre.; CORREIA, Teresa Pinto.; OLIVEIRA, Rosário. *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*, Universidade de Évora. DGOTDU. Évora, Portugal. 2004. pp 141-142.

CARTA DE VENEZA, sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios. 1964. Disponível em http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf

DÉBORD, Guy. *Theory of the Dérive*. |em linha|consultado em Ago. 2014| Disponível em www.bopsecrets.org/SI/2.derive.htm

DIAS, Diamantino. *Glossário - Designações relacionadas com as Marinhas de Sal da Ria de Aveiro*. Edição da Câmara Municipal de Aveiro. Aveiro, Portugal.1996. p 9 e p 60.

GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construído – la arquitectura como modificacion*. 1ª edição. Editorial Nerea. Madrid, Espanha.1992. 324p. ISBN: 9788486763657

LOPES CARDOSO, Isabel. *Paisagem Património*. Dafne Editora e CHAIA. 1ª Ediçao. Porto, Portugal. 2013. |...p|. ISBN ?

MACEDO, Maria. *Reconstrução do aterro. Espaços de Água, de Sol e de Sombra na margem de Lisboa*. 2012. Trabalho de síntese apresentado à Universidade Autónoma de Lisboa - Departamento de Arquitetura - como prova de capacidade científica.

MANDENARD, Anne de. *La mission héliographique, cinq photographes percourent la France en 1851*. Monum, Éditions du patrimoine e Centre des monuments nationaux. 2002. |...p|. ISBN 2-85822-390-3.

continua na próxima página

MARQUES DA SILVA, António e LOPES, Ana Maria. *Bateiros da Ria de Aveiro, memórias e modelos.* Edição da Câmara Municipal de Ílhavo e o do Museu marítimo de Ílhavo. 1ª edição. Aveiro, Portugal. Outubro de 2011. p 16.

MATIAS, R.; CATRY, P.; COSTA, H.; |et al| *Lista sistemática das Aves de Portugal Continental*. Anuário ornitológico. Volume 5. SPEA. Lisboa, Portugal. p 151.

MATTOSO, José.; DAVEAUX, Susana.; BELO, Duarte. *Portugal: o sabor da terra: um retrato histórico e geográfico por regiões.* Editora Círculo de Leitores. Lisboa, Portugal. 2010. p 280.

MENDES, Rui. Terrain Vague de Ignasi de Sola-Morales. *estudo prévio UM-arquiteto subúrbio*. |em linha|. Nº1. |s.d|consultado em Ago. 2014| Disponível em http://www.estudoprevio.net/livros/3/rui-mendes-.-terrain-vague-de-ignasi-de-sola-morales

MORAIS CARRABAU, Mª EMÍLIA. *Síntese e Análise integrada dos Estudos efetuados sobre Recursos Naturais da Região da Ria de Aveiro. Aveiro*, 2005. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de Geociências - como prova de capacidade científica.

MOREIRA, Inês (coord e edição). *Edifícios & Vestígios/ Buildings & Remnats, Projeto – ensaio sobre espaços pós-industriais.* 1ª edição. Imprensa Nacional casa da moeda e Fundação cidade Guimarães. Portugal. 2012. pp 10-56.

NEVES, Renato. *Os salgados portugueses no século XX - que perspectivas para as salinas portuguesas no século XXI*?. Porto. 2005. Trabalho apresentado no Seminário internacional sobre o sal português, realizado no Instituto de História Moderna da Universidade do Porto. http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7975.pdf. |Consultado Nov. 2013|.

PEDROSA DE ARAÚJO, Maria da Assunção. Aula 7 - Litorais móveis, praias e dunas litorais, |em linha|. Departamento de Geografia da Universidade do Porto. |consultado em Jun. 2014|. Disponível em http://web.letras.up.pt/asaraujo/seminario/Aula7.html.

PEIXOTO, E. e MOREIRA, S. *Salgado de Aveiro: atualização e Análise da sua situação. Aveiro.* 1998. Trabalho de síntese apresentado à Universidade de Aveiro - Departamento de ambiente e Ordenamento - como prova de capacidade científica.

RAMALHETE, Filipa. Não-Lugares – introdução a uma antropologia da sobremodernidade de Marc Augé. *estudo prévio ZERO-arquiteto crise.* |em linha|. Nº0. |s.d|consultado em Ago. 2014| Disponível em http://www.estudoprevio.net/livros/1/filipa-ramalhete-.-nao-lugares-de-marc-auge

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade.* trad. José Charters Monteiro. Edições Cosmos. Lisboa, Portugal. 2001. 251p. ISBN:972-762-126-0 Tít. original: L'architecttura della citá. 1ª edição. 1966.

S, Lince; R, Neves; S, Tápia. *Elaboração dos estudos da evolução e da dinâmica costeira e estuarina, de mobilidade e navegabilidade na laguna e de reforço de margens pela recuperação de diques e motas com vista à prevenção de riscos.* Estudo 3 – Relatório 12 – Tarefas 4. 2011. SENER. |em linha|consultado em Jul. 2014| Disponível em http://www.polisriadeaveiro.pt/pg02.php?cat=3&scat=1&module=0&itemID=2

SEQUEIRA, Marta. *Para um espaço público, Le Corbusier e a tradição greco-latina na cidade moderna.* 1ªedição. Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia. Lisboa, Portugal. Fevereiro de 2012. pp 79-81.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Territorios.* Editorial Gustavo Gili. Barcelona, Espanha. 2002. (texto Terrain Vague. 1995. p 181)

SOUSA, José. *Memórias de Aveiro no século XIX*. Arquivo do Distrito de Aveiro. |Editora ? | 1940. p 267.

TEYSSOT, Georges. *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios.* Edições 70. Lisboa, Portugal. Março de 2010. p 177.

VELA DE ALMEIDA, Diana Henriques. *Vila Nova de Aveiro, formas urbanas reguladas.* 2011. Trabalho síntese presentado à Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitetura – como prova de capacidade científica.

VÍTOR VINGADA, José. |et al.| *Pólis Litoral, Ria de Aveiro, Requalificação e Valorização da Orla Costeira. Intervenção de Requalificação e Valorização da Ria de Aveiro, Plano Estratégico*. Ambieco. |em linha|consultado em Nov. 2013| Disponível em www.polisriadeaveiro.pt.

WESTON, Richard. *100 ideias que mudaram a arquitetura I* (nº16 - A plataforma). trad. Lúcia Leitão. Edição Público, Comunicação Social, SA. Lisboa, Portugal. 2014. p 38.

REFERÊNCIAS A SITES

Junta de Freguesia da Gafanha da Boa Hora. Dados Históricos - História. www.jf-gafanhadaboahora.com |consultado Ago. 2014|.

Kodac. História da Fotografia - A química, em auxílio à fotografia. http://www.kodac.com/br. |consultado em Ago. 2014|.

Pais com ciência projeto Ciência & Arte nos alimentos, Vila Nova da Barquinha. Explicação do processo de extração de sal. http://pais-comcienciabarquinha.wordpress.com/eixo-tematico-3-explorando--diversas-formas-de-conservacao-de-alimentos/ |Consultado Mar. 2014|

Prémios Pritzker. Past Laureates – Rem Koolhaas 2000 Laureate. http://www.pritzkerprize.com/laureates/2000 |consultado em Set. 2014|.

Waterscape – Designing settlements for sustainable coastal territories. *Architecture and Water.* http://waterscape.aaamaster.it/2014/06/architecture-and-water.html |consultado em Set. 2014|.